



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Marília Verdussen Herédia de Souza

**A interpretação em Psicanálise: um percurso da atribuição de sentido ao
impossível de representar na teoria psicanalítica**

Rio de Janeiro

2022

Marília Verdussen Herédia de Souza

**A interpretação em Psicanálise: um percurso da atribuição de sentido ao impossível de
representar na teoria psicanalítica**

Dissertação de mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre,
ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Orientador: Prof. Dr. Marcos Eichler de Almeida Silva

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S237 Souza, Marília Verdussen Herédia de
A interpretação em Psicanálise: um percurso da atribuição de sentido ao impossível de representar na teoria psicanalítica / Marília Verdussen Herédia de Souza. – 2022.
94 f.

Orientador: Marcos Eichler de Almeida Silva
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Interpretação – Teses. 3. Teoria Psicanalítica – Teses. I. Silva, Marcos Eichler de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marília Verdussen Herédia de Souza

**A interpretação em Psicanálise: um percurso da atribuição de sentido ao impossível
de representar na teoria psicanalítica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de abril de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Eichler de Almeida Silva (Orientador)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof. Dr. Vinícius Anciães Darriba
Faculdade de Educação – UERJ

Prof^a. Dr^a. Angélica de Freitas Rachid Grimberg
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às Marias de minha família:
à Maria de Lourdes, minha mãe,
à Maria do Carmo e Maria Celina, minhas tias,
à Maria Alice, nossa prima,
e à Maria da Glória, a mais velha das Marias, a que falta

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus familiares, amigos de longa data e colegas de turma e de orientação, que torceram por mim e pelo meu desejo de cursar o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Mas alguns agradecimentos são especiais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Marcos Eichler de Almeida Silva. Não o escolhi como orientador, fui designada a ele, e foi uma enorme sorte na vida. Presente (com seus 4 gatos) e gentil, toda troca com ele, além de orientação, é um momento *fiat lux* para as minhas elaborações, para minha escrita. Agradeço muito por ele ter acolhido meu projeto, pela sua paciência e por sua atenção, por suas leituras e pelo ensino, pela parceria e pelo incentivo. Foi mais fácil com ele, agora meu orientador por escolha.

Agradeço aos professores avaliadores da minha banca, Professora Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg e Professor Vinícius Anciães Darriba. Desde a minha graduação, a Professora Angélica Bastos tem, mal o sabe, um lugar especial em minha trajetória na Psicanálise com sua transmissão, sempre esclarecedora e precisa, transmissão pela qual anseio não somente no espaço acadêmico. O Professor Vinícius Darriba foi o primeiro professor deste Programa a quem me dirigi e sua disposição me deu mais convicção na escolha pelo mestrado.

Duas amigas, por um acaso colegas do Programa, foram importantes antes e durante o curso: Mônica Marchese Swinerd e Ana Cristina Lemos Moreira. Elas me animaram e me tranquilizaram em todo meu percurso, deixaram minha passagem pelo curso de mestrado mais leve, com boas risadas e reflexões maduras. Além delas, agradeço à Caroline Ferreira da Fonseca, companheira de turma, e ao Heitor Rodrigues Pinheiro, amigo leitor e revisor, com quem partilhei ansiedades e tranquilidades. Conto com elas e com ele no depois também.

Conto com todos no depois. Muito obrigada!

– O desconhecido – disse a voz suave de Faxé na floresta –, o não previsto, o não provado: é
nisso que se baseia a vida.

A mão esquerda da escuridão - Ursula K. Le Guin

RESUMO

SOUZA, M. V. H. *A interpretação em Psicanálise: um percurso da atribuição de sentido ao impossível de representar na teoria psicanalítica*. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O objetivo deste trabalho é colocar em questão a interpretação na teoria psicanalítica, como esta foi desenvolvida por Sigmund Freud. Inicia-se a pesquisa a partir da pergunta de por que Freud precisa da interpretação em sua abordagem às históricas para discorrer sobre o entendimento da histeria de defesa e por que sua expressão, por representação simbólica, exige a abordagem interpretativa. Em seguida, percorre a obra mais importante de Freud, *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)*, indagando como o autor desenha e fundamenta a interpretação psicanalítica para que ela leve ao sentido do desejo, mostrando que ele é alcançável, passível de deciframento. Impõe-se, desde então, a incompletude da exegese, imposição feita pela castração, que interdita o sentido último. Freud afirma a impossibilidade de interpretar completamente as formações psíquicas e, questionado por tal impossibilidade, o segundo capítulo desta dissertação intenta abordar algumas das construções freudianas que não somente impedem o encerramento do sentido como dão bojo ao conflito, estrutural da constituição subjetiva de cada um e de toda Psicanálise. Um objetivo caro a este capítulo é constituir uma formulação sobre o importante momento de virada da teoria freudiana, que ocorre em 1920 e reescreve o desígnio mesmo dos sonhos, e sobre o elemento não ligado, *daimoníaco*, que insiste em se presentificar, mas refratário à simbolização. Sendo inesgotável por associação e interpretação, sua vinculação pede outra abordagem. O terceiro e último capítulo explora as construções em análise propostas por Freud e discute a ética psicanalítica e como a interpretação opera a partir dela.

Palavras-chave: Psicanálise; Interpretação; Teoria psicanalítica; Desejo; Castração.

RÉSUMÉ

SOUZA, M. V. H. *L'interprétation en Psychanalyse: un parcours de l'attribution de sens à l'impossible de représenter dans la théorie psychanalytique*. 2022. 94 f. Dissertation (Master de Psychanalyse) - Institut de Psychologie, Université de l'État du Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

L'objectif de ce travail est de mettre en question la théorie psychanalytique, comme cela a été développée par Sigmund Freud. La recherche commence à partir de l'interrogation du pourquoi Freud a la nécessité de l'interprétation dans son approche aux hystériques pour dissenter sur la compréhension de l'hystérie de défense et pourquoi son expression, par représentation symbolique, exige une démarche interprétative. Par la suite, parcourir la plus importante œuvre de Freud, *L'Interprétation du rêve (Die Traumdeutung)*, interrogeant comment l'auteur désigne et justifie l'interprétation psychanalytique pour qu'elle amène au sens du désir, exposant qu'elle est approchable, sujet au déchiffrement. S'est imposée, depuis, l'incomplétude de l'exégèse, injonction faite par castration, qui interdit le sens ultime. Freud prétend l'impossibilité d'interpréter pleinement les formations psychiques et, interpellé par une telle impuissance, le deuxième chapitre de cette thèse vise à aborder certaines conceptions freudiennes qui non seulement empêchent la fermeture du sens, mais aussi engendrent le conflit, primordial de la construction subjective de chacun et de toute la Psychanalyse. Un autre objectif à ce chapitre c'est d'établir une formulation sur le moment important de tournage de la théorie freudienne, qui se produit en 1920 et réécrit la conception même des rêves, et à propos de l'élément non lié, *daïmoniaque*, qui insiste à être présent, mais résistant à la symbolisation. Inépuisable par association et interprétation, sa conjonction appelle une autre approche. Le troisième et dernier chapitre examine les constructions en analyse proposées par Freud et discute de l'éthique psychanalytique et de quelle façon l'interprétation opère à partir de celle-ci.

Mots-clés: Psychanalyse; Interprétation; Théorie psychanalytique; Désir; Castration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Conversa de Art com sua noiva

72

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 | A INTERPRETAÇÃO DO SENTIDO DO DESEJO | 16 |
| 1.1 | Freud a caminho da Psicanálise... e da interpretação psicanalítica | 18 |
| 1.2 | A interpretação (não só) dos sonhos | 28 |
| 1.3 | Limite ao sentido | 40 |
| 2 | LIMITE E IMPOSSIBILIDADE DA INTERPRETAÇÃO | 42 |
| 2.1 | O desejo em sua origem de insatisfação | 44 |
| 2.2 | O sonho malogra | 51 |
| 2.3 | Inassimilável: o <i>daimoníaco</i> que acossa | 57 |
| 2.4 | A pulsão e a pulsão em Freud | 65 |
| 3 | UMA ÉTICA PARA A INTERPRETAÇÃO | 70 |
| 3.1 | Verdade em psicanálise e delírio da humanidade | 76 |
| 3.2 | A interpretação como <i>circare</i> | 80 |
| | CONCLUSÃO | 87 |
| | REFERÊNCIAS | 91 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe colocar em questão a interpretação na teoria psicanalítica como esta foi desenvolvida por Sigmund Freud. O desejo de ter a interpretação como objeto de investigação, na leitura da obra freudiana, se inicia em um encontro com uma fala do psicanalista francês Jacques-Alain Miller em seu curso *Un esfuerzo de poesía*. No primeiro parágrafo da aula de 4 de dezembro de 2002, ele diz estar preocupado com o desaparecimento dos oráculos e que é legítima a inquietação “por la conservación o la eliminación del modo psicanalítico de enunciación, el que comúnmente llamamos *interpretación*”¹ (MILLER, 2016).

Miller apresenta o desaparecimento dos oráculos como uma preocupação para a Psicanálise e afirma que o modo psicanalítico de enunciação é a interpretação. Ele estabelece uma relação entre a interpretação e esses dois outros temas, oráculo e modo de enunciação psicanalítica. Essas relações intrigam o leitor, que se interroga o porquê de o oráculo importar à Psicanálise, por que o modo de enunciação psicanalítica é a interpretação e por que a afirmativa de que a interpretação está desaparecendo.

Seguindo sua exposição, Miller afirma o que interpretação *não é*: não é explicação, descrição, demanda ou anseio. E relembra que a interpretação do analista é apofântica², conforme Jacques Lacan (2003 [1972]) a define em *O aturdito*. A interpretação apofântica incide sobre a causa do desejo com sua forma assertiva, sem remissão. Ela se opõe ao dizer do analisando que se especifica pela demanda e obedece à lógica modal — ou seja, pode se apresentar em diferentes modos proposicionais, como o subjuntivo, de possibilidade e de necessidade. De acordo com Soler (2013), Lacan, de maneira contrária à definição em Aristóteles, designa como apofântica uma asserção sem proposição ao sentido gramatical da palavra, uma asserção sem texto, que, como o oráculo, “não revela nem oculta” (LACAN, 2003 [1973], p. 555), faz signo do que não pode passar à instância da letra, à linguagem. O oráculo faz, portanto, signo de um real.

Miller lembra que, em Aristóteles, o apofântico concerne à teoria das proposições, sobre os enunciados que podem ser ditos verdadeiros ou falsos. Aponta, então, que a

¹ Tradução livre: “pela conservação ou a eliminação do modo psicanalítico de enunciação, que comumente chamamos de *interpretación*”. (Todas as traduções feitas em nota de rodapé nesta dissertação são livres).

² A noção de apofântico é introduzida na filosofia por Aristóteles (n/a/1995) através da categoria de *logos apophantikós*, ou enunciado asseverativo. Trata-se de enunciados a que se podem ser atribuídos o valor de verdadeiro ou falso, à diferença de uma oração a uma divindade ou de uma ordem, cujo exame mais propriamente se refere ao estudo da retórica ou da poética.

interpretação pertence a este domínio aristotélico, mas que é uma asserção sempre verdadeira, infalsificável. Ela anula o falso e se valida em si mesma. Ela se confirma, mas é por uma maneira desviante que se faz verdadeira. Ela está além da cisão do verdadeiro e do falso, em um viés que tem parentesco com o modo poético de enunciação, do qual não se pergunta se o que é dito é verdadeiro ou falso.

Eis uma primeira aproximação da interpretação psicanalítica com o oráculo. “O dizer de interpretação do analista é apofântico, o que quer dizer oracular” (SOLER, 2013). Ambos constituem um dizer sobre o qual não se conhece a dúvida, a medida, o mais ou o menos, ambos têm efeito de verdade. O desaparecimento do oráculo, nesse desenvolvimento, importa porque ele tem uma maneira de dizer cara à psicanálise, que anuncia uma verdade sem positivá-la, sem permitir que ela caia na rede de uma interlocução.

Retornando ao tempo da inauguração do século e da psicanálise, lê-se em *A interpretação dos sonhos* de Sigmund Freud (2016 [1900], p. 154) que “após completar o trabalho de interpretação, percebemos que o sonho é a realização de um desejo”, indicando desde então que o desejo é uma orientação para a interpretação. Neste livro, Freud delimita regras de interpretação que não servem somente para os sonhos, mas também para as demais formações psíquicas, como ele chama. Contudo, Freud não propõe em 1900 a interpretação psicanalítica como um dizer infalsificável, e sim como sentido do desejo. E, para o autor, ocorre que tanto a interpretação não pode ser completa quanto o analisando pode recusá-la. A interpretação, para Freud, assim como a construção, pode ser desprezada quando o analisando não reconhece a verdade que há nela porque somente uma parte dessa verdade lhe é apresentada, e não ela toda. Essa configuração fragmentária impede seu reconhecimento como algo que diz daquele que fala. E admite que, sobre a interpretação, esse que fala possa dizer “não é isso”. Tal condição parece diferir da interpretação apofântica de Lacan, asserção sempre verdadeira.

A interpretação de Freud não pretende seu completo acerto, a ela o analisando pode responder com um “sim”, em concordância, ou com um “não”, em discordância, porque ela alcança só uma parte de sua verdade, uma parte do sentido do enigma da formação psíquica. E é isso mesmo que ela almeja, um efeito de verdade, tal qual o dizer apofântico. Seja em Freud, seja em Lacan, as interpretações não só concernem sempre ao desejo como só se demonstram enquanto tal se promovem um efeito, sempre *a posteriori*, de fazer aquele que fala dizer mais de si. Esse feito não pode ser premeditado, ele não é garantido *a priori*. Uma interpretação não se configura enquanto tal antes de se receber seus efeitos na clínica. De acordo com Miller (2016), a interpretação só é uma interpretação se visa a causa – o desejo –, se interpreta

precisamente, com rigor, o que ela rejeita no nível do efeito. A interpretação não antecipa o efeito.

Como a interpretação do sentido do desejo do sonho em Freud, cujo o texto pode ser negado pelo analisando, chega à proposta apofântica de Lacan? A interpretação psicanalítica se desenvolve chegando a diversas elaborações conforme a própria teoria se constrói, e as duas formas aqui apresentadas têm entre si um percurso de mais de sete décadas de trabalho. Freud reestrutura sua teoria dos sonhos em 1920 e, por isso, a proposição da interpretação também precisa ser reconsiderada. Jacques Lacan propõe outras formas de interpretação como, por exemplo, pontuação, alusão, enigma, citação, fazer silêncio, “dizer nada” e o corte, conforme o passo de seu próprio ensino. É porque a teoria se reconstitui a partir dos fenômenos da clínica que a práxis precisa se reorientar, e as concepções sobre a interpretação caminham com essas reconstituições.

Na clínica, Freud se depara com a repetição. Primeiro, conta da repetição relacionada à rememoração, em que o analisando dirige, transfere, uma representação de um passado esquecido para o médico (FREUD, 2019 [1914]). Ali, onde o analisando não lembra, ele atua, repetindo com o médico uma atitude anterior, mas dentro de uma perspectiva de constituição histórica do que o sujeito já sabia, mesmo que sem pensar (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 1996). A interpretação, enquanto deciframento de um sentido não pensado conscientemente, talvez sirva bem a essa repetição, mas é preciso estar atento ao que não tem representação e também repete. Essa outra forma de repetição é apreciada na noção do “automatismo de repetição” e aparece menos como forma de rememoração substitutiva e mais como um inominável, uma presença enigmática e desgraçada que faz objeção ao princípio do prazer e sua tendência própria de atar moções às representações. Conseqüentemente, essa outra repetição faz obstáculo também à manifestação mais exemplar do princípio do prazer: o sonho enquanto realização do desejo inconsciente.

Freud compreende com os sonhos traumáticos de guerra que a formação onírica pode não obedecer ao princípio do prazer e sim responder a um além disruptivo. O que se faz necessário a partir de 1920 é a consideração de um elemento não ligado às representações na economia psíquica, que remonta à pulsão de morte. A interpretação, até então, considerava que uma representação está por outra, mesmo que o umbigo do sonho já se coloque como limite a isso. Esse elemento não ligado também se impõe no fenômeno clínico como impossibilidade de se orientar pela lógica da sequência de representações em um fio no qual uma representação sempre leva a outra pela via interpretativa. Essa impossibilidade ocorre por um corte, operado pela castração, e não acontece somente uma vez, mas insistentemente, tem

caráter *demoníaco* (FREUD, 2020 [1920]), que Lacan remete ao *real*, insubmisso ao sentido. Não é possível tudo representar e isso impõe uma questão: como então se faz a interpretação psicanalítica, não sem consentir com o elemento não ligado?

Esta questão concerne à própria ética da Psicanálise, que reconhece esse elemento não ligado como próprio da constituição estrutural de cada um – de cada sujeito, como se diz em Lacan –, não cabe liquidá-lo. Freud (2019 [1937a]) reconhece isso, e propõe a domaçaõ da pulsão, mesmo já sabendo que as pulsões são excessivamente fortes e se rebelam contra isso, prejudicando o efeito da análise. Dar lugar ao acéfalo e irrepresentável da pulsão na interpretação é permitir um dizer que admita o não ligado.

Interpretar sem se limitar a cernir um sentido, incluindo um sem sentido e não antecipando o efeito, são posições decorrentes de um trajeto pela Psicanálise. A experiência da prática supervisionada, a própria análise e o estudo teórico promovem questões sobre a interpretação, sua formulação, seu objetivo, seu tempo e seus efeitos. Não há manuais que ensinem seu desenvolvimento e seu manejo, mas há a possibilidade de caminhar pelo estudo teórico e da prática para conhecer o que a norteia. Comparando a psicanálise com a arte do bom cozinheiro, que sabe cortar bem o animal, Lacan (2009 [1953-1954]) afirma que devemos saber usar os conceitos para destacar a articulação com a menor resistência.

Os conceitos e noções psicanalíticos não se desenvolvem isoladamente, estão em rede. Para falar de um, é necessário abordar outros. Entre eles, a interpretação é um dos que mais mudam dentro da teoria e da prática e é objetivo desta pesquisa apresentar tais mudanças na obra de Freud como uma questão a ser investigada e iluminada. Para tanto, é necessário tratar também das noções de desejo, castração, do próprio conceito de inconsciente e de pulsão, que não cessa de insistir.

Assim, este trabalho começa sua busca retornando a Freud, o que não se faz sem Lacan. Com o objetivo de explorar a constituição da interpretação em Psicanálise, um percurso pelo desenvolvimento da teoria por Freud é trilhado com a concepção de que a técnica não pode ser compreendida e corretamente aplicada quando se desconhecem seus conceitos fundantes (LACAN, 1998 [1953]). Assume-se que a descoberta prometeica de Freud está presente em cada experiência conduzida por um dos trabalhadores formados em sua escola e que cada um que se pretende psicanalista precisa refazer essa descoberta em sua própria trajetória para alçar sua posição de enunciação.

Porque se pretende pensar a interpretação no percurso da teoria de Freud, a pesquisa inicia em um tempo anterior ao estabelecimento da interpretação como método de investigação e instrumento, um tempo anterior à inauguração do século XX, quando ainda não

há psicanálise. O primeiro capítulo é constituído, em sua primeira parte, a partir da pergunta de por que Freud precisa da interpretação e visa entender a abordagem de Freud às histéricas, em que tropeçava, e a mudança de posição de Freud quanto à etiologia da histeria e seu método de tratamento, o que exige novas concepções teóricas e práticas. Pretende-se explicitar o entendimento da histeria de defesa por Freud e porque sua expressão, por representação simbólica, exige a abordagem interpretativa. Esse entendimento traz como consequência a descrença de Freud em sua *neurótica* e faz com que ele se volte com determinação para os sonhos e sua abordagem soberana pela interpretação.

Em seguida, percorre-se a obra mais importante de Freud, *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)* indagando como o autor desenha e fundamenta a interpretação psicanalítica para que ela levante o sentido do desejo, mostrando que ele é alcançável, passível de deciframento. Ainda com essa obra, objetiva-se discutir: a questão dos pensamentos que se dão em uma outra cena, em outro registro, e como não podem dizer do Eu, mas dizem de quem fala; a consideração dos sonhos como funções psíquicas superiores e do sonhador, não como objeto de interpretação, mas autor; a importância da ética necessária para a interpretação considerando a resistência e a censura. Contudo, impõe-se desde então a incompletude da exegese, imposição feita pela castração, que interdita o sentido último.

Desde o sonho de fundação, o sonho de injeção de Irma, Freud afirma a impossibilidade de interpretar completamente o sonho e a existência nele de um ponto com que se vincula ao desconhecido. Questionado por tal impossibilidade, o segundo capítulo desta dissertação intenta abordar algumas das construções freudianas que não somente impedem o encerramento do sentido como dão bojo ao conflito, estrutural da constituição subjetiva de cada um e de toda Psicanálise. Aprofunda-se na discussão sobre o desejo, localizando sua origem na suposta experiência originária de satisfação, da qual se impele a perda do objeto perdido. Sua realidade, no entanto, é de que ele só pode ser parcialmente satisfeito. A interpretação pode vislumbrar o sentido do desejo e os trilhamentos que ele insiste em percorrer na tentativa de repetir a satisfação primeira. Contudo, aquele que deseja se decepciona com a realidade da frustração dessa satisfação. Com isso, são desenvolvidas considerações para as quais a interpretação deve estar atenta.

Um objetivo caro a este capítulo é constituir uma formulação sobre o importante momento de virada da teoria freudiana, que ocorre em 1920 e reescreve o desígnio mesmo dos sonhos. A interpretação do sentido não pode ser plena. Só se tem notícias do que ocorre nos processos internos na medida em que são representados por palavras. Não há sentido no que não se coloca por palavras. A partir dos sonhos traumáticos, que não podem ser

realizações de desejos, Freud concebe um modo de funcionamento mais antigo do sistema psíquico, primário à diminuição de excitação, de dominar o não ligado representando-o. Contudo, o elemento não ligado, *daimoniaco*, insiste em se presentificar, causando grande desprazer. Ele não representa algo esquecido, não se coloca simbolicamente no lugar de outra ideia ou representação. Sendo inesgotável por associação e interpretação, sua vinculação pede outra abordagem.

Com os limites à interpretação articulados, o terceiro e último capítulo tem a seguinte pergunta como bússola: sendo a interpretação método e instrumento da Psicanálise, como ela pode se dar com o não articulado, não atado às palavras? Senão através do sentido, o que pode a interpretação para não sucumbir perante o sem sentido? Nesse ponto se explora as construções em análise propostas por Freud, que tratam do que não pode ser lembrado de maneira nenhuma, partidário da castração. Tanto a interpretação quanto a construção têm sucesso se produzem efeitos no engendramento de novas associações, se tocam em uma verdade daquele que fala. Por isso, a verdade da construção se mostra com a continuidade do trabalho interpretativo.

Dar lugar à verdade daquele que fala, ponto em que se entende que os oráculos importam à Psicanálise, exige a compreensão de que esta nunca pode ser positivada porque a marca de cada um é seu desamparo inerente e qualquer garantia de felicidade configura um delírio. O não reconhecimento de tal negatividade, do que não pode ser representado, é origem das moções agressivas encontradas não somente na clínica, mas na sociedade mesmo.

Ao fim, insere-se uma discussão mais firme sobre um tema denotado ao longo deste trabalho: qual a ética psicanalítica? De que forma a interpretação opera a partir da ética? Debate-se sobre isso com a leitura de Lacan do manuscrito incompleto de 1895, não publicado por Freud. Para isso, escolhe-se perpassar pela constituição do *Lust-Ich* em oposição a um estranho odiado e externado, colocado “fora”, inominável, derivado de algo muito particular, que acossa quem fala. Este pode buscar uma análise na tentativa de dar conta do que o atormenta, mas a resposta ética na psicanálise não visa a conformidade social ou o Bem aristotélico, nem a positividade da perda. Os desafios ao trabalho interpretativo ante um outro mais radical, estranho, ojerizado, demanda uma reflexão sobre *das Ding*. Ela se coloca sempre alheia e distante, e o manejo consiste em admiti-la como diferença que não suporta nenhuma universalização moral. Assim orientada, a interpretação é proposta como uma sustentação desse radical vazio de significação que faz ruído ao que almeja se encerrar no sentido tamponador do princípio do prazer.

1 A INTERPRETAÇÃO DO SENTIDO DO DESEJO

Oh, give me the words
 Give me the words
 That tell me nothing
 Oh, give me the words
 Give me the words
 That tell me everything

In a manner of speaking, Tuxedomoon

O tema da interpretação psicanalítica atravessa toda a obra de Freud e é possível realizar sua leitura tomando essa questão como bússola. Para situar como a interpretação se dá na Psicanálise e entender por que Freud precisou dela, preterindo a sugestão, inicia-se essa investigação pelo *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 2016 [1895]), livro que ele escreveu com Joseph Breuer e que é uma longa exposição da descoberta da técnica psicanalítica (LACAN, 2009 [1953-1954]). Após localizar o que leva Freud a fundar sua teoria, percorre-se sua *magnum opus* com o intuito de desfiar a interpretação instituída como deciframento do sentido do desejo. Encerra-se esse capítulo com o desenho de algo que se entrevê nele todo, o que a interpretação não revela.

O livro se inicia com a Comunicação Preliminar, na qual os autores afirmam que investigam a ocorrência que suscita sintomas histéricos, muitas vezes não lembrada, quando não *intencionalmente* esquecida. O evento costuma ser uma situação de sofrimento, geradora de uma ideia e de um afeto doloroso, que o doente não pode expressar devido à circunstância. A lembrança/ideia do evento que causa o sintoma, sendo fonte de sofrimento, é recalcada e não está à disposição da consciência do doente, mas segue atuando sobre ele como um *corpo estranho*. Porque o acontecimento motivador do sintoma continua a atuar como causa precipitadora, os autores determinam que *os histéricos sofrem sobretudo de reminiscências*. Já o afeto, desconectado dessas ideias e sem expressão (ou por reação direta, ou por descarga motora ou por correção da ideia por outras ideias), não podendo ter o recalque também como destino, é direcionado para uma inervação somática, fazendo a conversão histérica.

Porque a lembrança do trauma psíquico atuante não se encontra na memória normal do paciente e sim em outra, os autores têm convicção da existência da *cisão da consciência*, evidente na forma de *double conscience*. Dissociação e estado anormal da consciência,

também chamado de hipnoide, são características fundamentais da histeria. As ideias patogênicas do estado hipnoide não têm trânsito pela consciência e não podem ser elaboradas devido à anormalidade do estado de sua consciência. Um equilíbrio é estabelecido entre o segundo grupo de ideias e a consciência normal, mas muitas vezes tal equilíbrio se torna instável.

Tal hipótese etiológica permite a derivação de uma clínica da histérica (SILVA, 2020). O tratamento consiste em colocar o doente sob hipnose para ampliar a memorização, alcançar a lembrança, levá-lo à reação e à correção associativa pela sugestão. Para o procedimento ser eficaz, o processo psíquico original deve ser *repetido e expresso*. Assim, os estímulos penosos ocorrem mais uma vez com toda intensidade e, tendo expressão, desaparecem *para sempre*.

A hipnose permitia esclarecer um pouco mais a natureza da doença a combater, sobretudo a maneira pela qual era empregada por Freud e Breuer para fins catárticos (o que já constituía um esboço do fundamental gesto metodológico de dar a palavra ao paciente). (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 1996, p. 22)

Destaca-se que, desde então, os autores reconhecem que, além da relação direta, em muitos casos “existe apenas uma relação *simbólica*, por assim dizer, entre o motivo precipitador e o fenômeno patológico, como a que a pessoa sã forma no sonho, quando, por exemplo uma nevralgia se associa a uma dor psíquica ou o vômito ao afeto de repugnância moral” (FREUD, 2016 [1895], p. 21, grifo nosso). Os doentes fazem uso abundante da simbolização, desenvolvendo um sintoma que corresponda à expressão verbal do afeto, revelando a função da linguagem na formação dos sintomas.

O processo reativo de expressão do afeto também faz uso da linguagem, como na expressão “desafogar o choro”. Os autores afirmam que a linguagem é sucedânea da ação e permite a *ab-reação*. A fala é um reflexo adequado ao agravo por permitir o escoamento do afeto estrangulado, através da queixa ou da enunciação do que atormenta, e a correção associativa. “Quando não ocorre semelhante reação por atos, palavras e, em casos mais leves, pelo choro, a lembrança do episódio conserva, a princípio, o realce afetivo” (FREUD, 2016 [1895], p. 26).

Como assinala Silva (2020), apesar da autoria conjunta, pode-se divisar o montante da *Comunicação Preliminar* que corresponde a cada um dos autores pelo referenciamento aos seus casos clínicos, em que apresentam suas hipóteses e perspectivas clínicas. A histeria por predisposição a estados hipnoides é uma hipótese etiológica desenvolvida por Breuer, assentada na hipótese de uma disposição constitucional, de degenerescência, à entrada de

estados alterados na consciência. Mas a possibilidade de que não somente essa seja a origem da histeria é proposta por Freud em seu afastamento dessa concepção da psiquiatria e da neurologia na época, já em seu caminho para a Psicanálise. As consequências disso estão em *A Psicoterapia da Histeria*, o último capítulo do livro, escrito somente por Freud.

1.1 Freud a caminho da Psicanálise... e da interpretação psicanalítica

Em *A Psicoterapia da Histeria*, Freud se reposiciona em relação à concepção e à técnica apresentadas na *Comunicação Preliminar*. O método de tratamento hipnótico e por sugestão, que Freud passa a chamar de “método breueriano”, não consegue remover mais que alguns produtos da doença por ser *sintomático* e não *causal*. Ele suscita melhora terapêutica, mas não elimina o que produz os sintomas, e, por isso, novos podem emergir. A recidiva não é um fracasso, não indica um trabalho de Sísifo, mas orienta Freud para uma mudança de concepção da teoria e do método. Para além da eliminação de alguns padecimentos, o médico não deve objetivar a modificação da constituição histérica porque o que está em jogo não é como o saber médico será aplicado. De acordo com Darriba et al. (2009), o texto de Freud apresenta os obstáculos que se impõem ao método, mas ele não os considera para aprimorá-lo de maneira que o objeto ceda. Ao contrário, em sua ruptura clínica e teórica, Freud cede ao objeto, àquilo que no objeto resiste ao método, dando ao problema uma resposta não só técnica, mas também ética. “Freud não impõe ao neurótico, portanto, o saber consagrado; mas ao contrário, toma o que ali está em jogo não como aquilo a que o saber será aplicado, mas aquilo de que o saber derivará” (DARRIBA et al., 2009).

Não cabe maior empenho na aplicação do método breueriano, por exemplo, porque por maior que seja seu rigor, uma resistência se impõe, levando a uma distinção essencial: uma força psíquica luta para manter ideias intoleráveis fora do Eu e fomenta a concepção de histeria que surge pela repressão motivada pela defesa, a *histeria de defesa*. Esta distingue-se da histeria hipnoide, que Freud nunca encontrou, e da histeria de retenção. Para ambas, cogita suas origens em uma defesa.

O médico deve aceitar a *sobredeterminação* da etiologia das neuroses. Vários fatores concorrem para sua formação e isso coloca um limite tanto ao alcance do saber e da atuação do médico quanto na capacidade de associação e elaboração do doente. Ela tem múltiplas significações, múltiplas determinações. Não é constitucional e não possui uma lembrança

traumática única, mas uma cadeia de pensamentos patogênicos. A sobredeterminação é uma condição das neuroses e das demais formações psíquicas a ser apreciada para sempre na Psicanálise e para a interpretação. Toda formação psíquica é sobredeterminada.

Freud apresenta um modelo de organização do material patogênico longo e entremeado, como uma rede de fios, que só pode ser trabalhado com a elaboração associativa do paciente – e não por hipnose e sugestão. Seu novo modelo de concepção da histeria e de tratamento é o que permite a visualização dos caminhos que a interpretação percorre. Ao invés de uma ideia patológica que origina o sintoma, há núcleos de ideias de material patogênico, e resistências obstruem o caminho até eles. Conservadas na memória, as ideias e as conexões corretas entre elas existem. Sua verbalização é difícil, por parte do paciente, e o trabalho do médico, de vencer as resistências, é necessário para ter acesso a ambas. Mas qual trabalho é esse?

Neste modelo, há uma construção pluridimensional de estratificação tripla do material psíquico. A primeira estratificação da organização se dá em núcleos de lembranças traumáticas encobertos por camadas de material mnemônico, com duas outras estratificações de ordenações próprias: morfológica e dinâmica. A primeira é cronológica, linear e por tema, e esses temas, maços de documentos, estão estratificados concêntricamente em torno do núcleo patogênico. O que constitui essa estratificação ordenada são camadas de igual resistência, sendo estas resistências maiores conforme a proximidade com o núcleo: quanto mais profundas as lembranças, mais difícil de serem alcançadas e reconhecidas por aquele fala. A segunda ordenação, a dinâmica, é por conteúdo de ideias, sendo estas encadeadas em um fio lógico que se estende até o núcleo por caminhos sinuosos e irregulares ao longo do tratamento.

Sobre essa organização, na apresentação de D. Anzieu sobre o *Estudos sobre a Histeria*, Lacan (2009 [1953-1954]) destaca como ela demonstra Freud evocando imagens verbais deambulando por condutores nervosos, mas não na concepção materialista mítica dos neurologistas a que Breuer se filiava, e sim com as palavras correndo. Diz, Lacan:

Aqui se apresenta a noção de vários estratos longitudinais, quer dizer, de vários fios de discurso. Imaginamo-los no texto que os materializa sob forma de feixes literalmente concretos. Há uma corrente de palavras paralelas, e estas se alargam num certo momento para envolver esse famoso núcleo patógeno que, também ele, é uma história, afastam-se dele para incluí-lo e se encontram um pouco mais longe. O fenômeno da resistência está situado exatamente aí. Há dois sentidos, um sentido longitudinal e um sentido radial. A resistência se exerce no sentido radial, quando queremos nos aproximar dos fios que estão no centro do feixe. Ela é a consequência da tentativa de passar dos registros exteriores para o centro. Uma força de repulsão positiva se exerce a partir do núcleo recalcado, e quando nos esforçamos para atingir

os fios do discurso que estão mais próximos dele, experimentamos resistência. (LACAN, 2009 [1953-1954], p. 35)

Sobre o texto materializado por aquele que fala, Lacan nos dá as metáforas: o folheto manuscrito, o impresso, a página em branco, em que se coloca palavras, e o palimpsesto – documento peculiar, interessante para bosquejar o processo terapêutico que Freud vem apresentando. Dele, se apagam as palavras para reescrever outras, constituindo uma história sobre marcas já feitas. Uma imagem da resistência também aparece aí: como escrever claramente em um campo com traços apagados, cujos restos se presentificam apesar do quanto se passe a borracha?

A resistência se faz no sentido contrário à aproximação do núcleo de ideias. Quanto maior a proximidade do centro das ideias patológicas, mais difícil segurar o fio lógico das ideias, mais difícil sustentar as associações e, por isso, o próprio trabalho. Ali, onde começam as falhas da fala, se pode estar no jardim da casa de material patológico. O trabalho do médico é seguir um fio em seu zigue-zague e em suas ramificações até a solução do problema. Depois, reiniciar a investigação a partir de uma nova ideia, seguindo um novo fio lógico que poderá se encontrar com o anterior, em pontos nodais. Os fios lógicos que partem de diferentes ideias podem se entrecruzar em pontos nodais. Trilhando as ideias que o paciente comunica a partir de seu sintoma, o trabalho psicoterápico não objetiva mais extirpar aquele corpo estranho que causa sofrimento, mas dissolver a resistência, abrir o caminho para uma região bloqueada fazendo circular as associações que dão curso à ideia recalcada. Ou seja, possibilitar o prosseguimento do trabalho.

Com seu avanço, uma ideia por vez emerge no estreito da consciência, uma ou outra palavra aparece na reconquista do inconsciente, e é tarefa do médico recompor tanto as conexões entre as ideias, que surgem em um desfile associativo, quanto a organização presumida do material patológico, parte separada da história do sujeito. Portanto, não são suficientes “as associações do paciente para chegar à inteligência e à solução dos sintomas, as lembranças às quais se tem acesso pela via da associação livre não bastam para reconstituir certos níveis da rede associativa que ligam as lembranças conscientes à causa esquecida” (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 1996, p. 23).

O médico não espera do paciente uma comunicação que permita o aprofundamento nas associações e ideias buscadas. A exposição do paciente pode parecer completa e congruente, mas sabe-se que ele está em uma relação problemática consigo mesmo. Pode ser uma comunicação muito clara e bem construída, e Freud com frequência elogia a inteligência e a eloquência de seus pacientes, mas permanece atento a lacunas e defeitos que demarcam

onde a conexão entre ideias está interrompida. Freud orienta a busca do acesso ao material das camadas mais profundas nessas lacunas – que o paciente não quer reconhecer, inclusive. E nos diz ele sobre seu esforço, sua posição e seu desejo: “*através de meu trabalho psíquico tinha de vencer uma força psíquica que se opunha, no paciente, a que as ideias patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas)*” (FREUD, 2016 [1895], p. 377, grifo do autor). O terapeuta deve intervir questionando, agarrando uma ideia e solicitando a outra que está vinculada a ela, já no caminho da experiência analítica de sustentar uma diferença, sustentar o diálogo analítico, que a todo instante “consiste em mostrar ao sujeito que ele diz mais do que pensa dizer” (LACAN, 2009 [1953-1954], p. 77).

Somente em estágios avançados da terapia é proveitoso adivinhar a conexão e comunicar tal interpretação ao paciente para que a reconstrução se dê, comunicação que não deve ocorrer antes do trilhamento em torno do núcleo patogênico. “*É totalmente inútil penetrar diretamente até o núcleo da organização patogênica*” (FREUD, 2016 [1895], p. 409, grifo do autor) porque ainda que se possa descobri-lo, o paciente *não sabe* o que fazer com o esclarecimento dado a ele e não é psiquicamente transformado. Por isso o abandono do método hipnótico sugestivo.

Eu desisti tão cedo da técnica sugestiva e, com ela, da hipnose porque eu me desesperava diante do fato de tentar tornar a sugestão tão forte e durável quanto seria necessário para a cura definitiva. Em todos os casos graves, eu via a sugestão aplicada sobre eles se esfumando, e então o estar doente ou algo substitutivo voltava a se instalar. Além disso, o que eu critico nessa técnica é que ela nos encobre a percepção do jogo de forças psíquico, por exemplo, não nos permite reconhecer a *resistência* com que os doentes se agarram à sua doença, portanto, com que também são avessos à cura e que, na verdade, é a única a possibilitar a compreensão de seu comportamento de vida (FREUD, 2019 [1905], p. 68, grifo do autor).

A hipnose e a comunicação se deparam com a recusa do doente em reconhecer o material mnêmico conquistado. Há pacientes que não podem ser hipnotizados e Freud percebe que o obstáculo por vezes está em um “não querer” se submeter ao método por parte do doente. Ante a necessidade de ampliação da memória, Freud se utiliza de outros recursos para obter a comunicação da ocasião precipitadora do sintoma, como o toque e a insistência em assegurar ao paciente que algo necessariamente relacionado à ideia patogênica vai lhe ocorrer.

Era um estado intermediário entre o diálogo e a hipnose. os sintomas eram tratados um a um, em si mesmos, afrontados diretamente como problemas propostos. Sob as mãos de Freud, o paciente era assegurado de que as lembranças que iam se apresentar eram as que estavam em causa, e que só tinha de se fiar nisso. E Freud acrescentava o detalhe de que seria no momento em que levantasse suas mãos - *mímica do levantamento da barreira* - que o paciente se tornaria perfeitamente

consciente, e só teria de tomar o que se apresentasse ao seu espírito por estar certo de segurar o bom fio da meada (LACAN, 2009 [1953-1954], p. 32, grifo nosso).

Com essa manobra, Freud obtém novas e mais recuadas lembranças sem qualquer hipnose. Tão eficaz, com ela o caso da jovem governanta inglesa Lucy R., “tão bonito, foi inteiramente resolvido com uma facilidade que tem a beleza das obras dos primitivos” (LACAN, 2009 [1953-1954], p. 32). Com o sucesso dessa manobra, Freud aposta que os pacientes *sabem* o significado patológico de seus sintomas, basta *forçá-los a comunicá-lo*. Mas lê-se nesse “forçar” o trabalho de perseguir rastros. Lacan, ante um ouvinte de seu seminário que afirma ter a tentação de forçar e obrigar o paciente, “esse imbecil”, a encontrar o que há para encontrar, responde “Não futuque muito nisso” (LACAN, 2009 [1953-1954], p. 40).

No caso de Lucy R., Freud não se convence que são suficientes as razões que ela lhe dá para ter seu sintoma de sensação subjetiva de cheiro de torta queimada. Lucy R. primeiro lhe diz que os sintomas começam quando recebe uma carta de sua mãe e, com emoção, é acolhida pelas crianças de que cuida. Posteriormente, Freud vê aí uma falsa conexão e afirma que presume que ela está apaixonada pelo patrão, espera ocupar o lugar de sua falecida esposa e teme que zombem dela por esse desejo. Lucy confirma a teoria e Freud questiona por que ela não disse a ele que amava o patrão. Ela responde: “Não o sabia de fato, ou melhor, não queria sabê-lo, queria tirar isso da minha cabeça, nunca mais pensar a respeito; creio, aliás, tê-lo conseguido nesses últimos tempos” (FREUD, 2016 [1895], p. 170). Sobre essa fala, Freud diz, em nota de rodapé, que nunca obteve descrição melhor do singular estado em que ao mesmo tempo sabemos e não sabemos alguma coisa, a lembrança recalçada.

O surgimento de pensamentos que o paciente não quer reconhecer como seus, dos quais não se recorda, dão a enganadora impressão de uma inteligência superior fora da consciência do doente. “A aparência de uma segunda personalidade se produz amiúde da maneira mais enganadora”, nos alerta Freud (FREUD, 2016 [1895], p. 403). Os fenômenos históricos conotam para a presença de algo outro na psiquê do paciente, mesmo que aqui Freud descarte essa hipótese. Cabe retomar o que ele fala do *corpo estranho*, uma lembrança que segue atuando sobre o doente e que se quer extrair como se faria se ele tivesse penetrado em um tecido vivo. Essa comparação médica não serve ao propósito de Freud e ele retifica dizendo que o *corpo estranho*, enquanto grupo psíquico patogênico, passa ao Eu normal, não se deixa extrair limpamente, comporta-se como infiltrado. A fronteira entre ambos se torna convencional, encontra-se ora aqui, ora ali, impossível de ser mostrada. Considerar a experiência de uma segunda personalidade, e de um estranho em si mesmo que não permite

distinguir o que é próprio, remete ao desconhecido em si, desconhecido que será retomado cada vez mais na obra de Freud e pela psicanálise, e pelo qual cada um terá de se responsabilizar também. Este tema será melhor abordado nos capítulos vindouros.

É importante lembrar, a condição imprescindível para a histeria de defesa é uma situação de incompatibilidade entre o Eu e uma ideia intolerável, estranha, que dele se aproxima e que ele rechaça, impelindo-a para o inconsciente. Quanto à intencionalidade e à defesa, Freud diz:

a contradição que teria exigido a resolução do afeto é anulada pela repressão e conversão. Assim, por um lado, o mecanismo que produz a histeria corresponde a um ato de *hesitação moral*; por outro, apresenta-se como um dispositivo de proteção que se acha às ordens do Eu. Há não poucos casos em que é preciso admitir que a defesa contra o crescimento de excitação, pela produção de histeria, foi mesmo, então, a coisa mais apropriada; com mais frequência, se chegará naturalmente à conclusão de que *um grau maior de coragem moral* teria sido uma vantagem para o indivíduo (FREUD, 2016 [1895], p. 178).

O conceito de defesa explica a necessidade do paciente de recusar até mesmo a comunicação daquilo que pode lhe trazer sofrimento. O momento verdadeiramente traumático é aquele em que a contradição se impõe ao Eu e este resolve expulsar a ideia contrária para o inconsciente de forma desejada, intencional. A aversão do Eu, como força psíquica que desaloja a ideia, também impede seu retorno à lembrança. “O não saber dos histéricos era, pois, em verdade, um mais ou menos consciente não querer saber, e a tarefa do terapeuta consistia em vencer essa *resistência à associação* por meio de um trabalho psíquico” (FREUD, 2016 [1895], p. 379). Trata-se da posição ética do sujeito em (não) querer saber sobre o que lhe acomete porque a consciência dessa ideia intolerável lhe causará um sofrimento que ele ainda não consegue elaborar.

O trabalho inicialmente se mantém na periferia da estrutura patogênica. Deixa o paciente tanto relatar o que sabe e recorda quanto integrar gradualmente o material que surge, vencendo as resistências mais brandas. O paciente, “capturado”, torna-se colaborativo, seu interesse é cativado conforme o trabalho anda, uma nova solução é obtida e o paciente se sente aliviado. O médico deve se orientar pelo fio lógico de rastros psíquicos e abrir ele mesmo o caminho na direção radial, enquanto o paciente faz a ampliação periférica. O primeiro não inibe ideias que afluem, nem deixa a direção do trabalho para o inconsciente. Rastrea colunas para não se enganar com falsas conexões.

O trabalho tem efeitos, apesar das defesas, porque Freud “tanto quanto pode, renuncia à sugestão para deixar o sujeito integrar aquilo que está separado pelas resistências”

(LACAN, 2009 [1953-1954], p. 41), respeitando a resistência e a defesa sem acossar o sujeito com suas intervenções.

“O que significa o termo ‘defesa’ quando empregado a propósito das neuropsicoses? Contra o que há defesa senão contra algo que nada mais é que o desejo?” (LACAN, 2016 [1958-1959], p. 12). Freud já reconhece que a etiologia da *aquisição* de neuroses deve ser buscada em fatores *sexuais*, mas não realiza essa discussão nos *Estudos sobre a histeria* porque não fez a investigação deliberada e incisiva das bases sexuais das neuroses nos casos apresentados e porque a elucidação das neuroses sexuais ultrapassa o âmbito de sua publicação em conjunto com Breuer. Mas um ano depois, envia a Fliess o manuscrito *As neuroses de defesa*, definindo-as como aberrações patológicas de estados psíquicos afetivos normais que levam a um dano permanente do Eu e que têm natureza sexual e ocorrem no período anterior à maturidade sexual (FREUD, 2019 [1896]). O recalque da lembrança da vivência sexual traumática é uma defesa bem sucedida que equivale à saúde apesar da formação do sintoma. Esta defesa será sustentada pelo doente, apesar da luta entre o Eu e as representações recalçadas quando elas retornam.

Já então, há uma tendência normal à defesa, contrária à produção de desprazer, relacionada ao princípio de constância. Mas essa tendência é nociva quando se volta para recordações que podem ocasionar um novo desprazer, até mais intenso que o da vivência original. Portanto, a abordagem proposta em *Psicoterapia da Histeria* é, ponderando o jogo de forças entre recalcado e resistência, de aproximação gradual do núcleo patológico, tema a tema, ideia por ideia, e não por dominação. Cada ideia que o paciente apresenta pode ser remetida a uma outra, da qual é *representante simbólica*. Por isso se convoca a interpretação.

Lucy R., por exemplo, tinha um quadro de rinite supurativa recorrente e seu sintoma, além de depressão, cansaço e perda de apetite, é justamente a perda completa da percepção do olfato, mas com a presença constante de uma sensação olfativa subjetiva: um “cheiro de torta queimada” a persegue. O abatimento do ânimo se relaciona ao afeto concernente ao trauma. Já os odores subjetivos, diz Freud, são de uma vivência em que foram objetivos, vivência que é o trauma e que o *símbolo* na lembrança é a sensação olfativa recorrente.

A lembrança que não pode mais se apresentar na consciência é substituída por um símbolo que equivale ao trauma. Como já apontado, para se chegar ao núcleo patogênico, segue-se a trilha do que é estranho no discurso, e Freud questiona esse odor de queimado diversas vezes ao longo do tratamento, tendo novas conexões de Lucy R. a cada abordagem. Ele chega às cenas traumáticas, desvendando o momento que institui o sintoma. E este, claro, tem a ver com o desejo da paciente, do qual ela quer se defender.

É claro que Freud ainda não tinha desenvolvido a noção de realidade psíquica, o que lhe teria evitado procurar na experiência vivida “na realidade” a causa do sintoma. Mas o que já aparece aí, considerando as “sensações” como sintomas, é a *hipótese de que elas receberão um sentido em função das relações que têm com outra cena*, o que, desde então, passa a operar pela relação significante enquanto tal (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 1996, p. 33, grifo nosso)

Freud diz que é incomum que sensações olfativas sejam escolhidas como símbolos da lembrança, mas a escolha é evidente no caso porque a doente já sofria de rinite supurativa e por isso o nariz e suas percepções estão no primeiro plano de sua atenção. Na histeria, um novo sintoma forma-se em conexão e por analogia com um sintoma já existente; o lugar “rompido” constitui um ponto frágil onde romperá novamente o sintoma. A constante vigilância e ocasional “*chimney sweeping*”, que podem ser entendidas como o acompanhamento psicoterápico, auxiliam no estabelecimento da capacidade de resistência à ação nociva.

Enquanto uma imagem permanece na consciência, o trabalho de investigação, e de interpretação, não pode passar a um novo tema porque essa imagem é símbolo de uma ideia que precisa ser elaborada. Se há uma recusa a tal elaboração durante o trabalho de análise, um sintoma pode “participar da conversa” aparecendo com intensidade reforçada como símbolo, no lugar disso que não quer se articular em palavras.

Quando, devido à resistência, o paciente retarda por muito tempo a expressão oral, a tensão da sensação, da tendência ao vômito, torna-se intolerável e, se não podemos forçá-lo a falar, dá-se efetivamente o vômito. Temos assim a vívida impressão de que o ‘vomitar’ está no lugar de uma ação psíquica (aqui, o falar), como afirma a teoria da conversão histérica (FREUD, 1895, p. 416).

Por isso, o sintoma histérico não é diferente da imagem mnemônica que surge na psicoterapia. Ambos têm a tenacidade da lembrança penosa que reclama resolução. Uma série ininterrupta leva os sintomas histéricos, os *símbolos mnêmicos*, a *restos mnêmicos* inalterados de vivências afetivas e atos de pensamentos.

Entre os *Estudos sobre a Histeria* e 1900, quando lança sua obra mais importante, Freud questiona a realidade da lembrança que surge em tratamento e faz outra importante reformulação da teoria. A ocorrência da vivência sexual traumática é posta em xeque e isso coloca em questão sua teoria da defesa. Quando Lacan nos diz que a originalidade do método de Freud é feita dos meios que ele se priva, refere-se à hipnose e à sugestão. Mas, da vivência sexual traumática, Freud também precisa abdicar. E “os meios de que ele se reserva bastam para constituir um campo cujos limites definem a relatividade de suas operações. Seus meios

são os da fala” (LACAN, 1953, p. 258), que não reconstitui somente vivências, mas também fantasias – e sonhos.

Ao longo das cartas do ano de 1897, Freud fala a Fliess da etiologia da neurose, de sua autoanálise e escreve as primeiras análises de seus sonhos. Desde o final do ano anterior, quando narra o sonho que tem na ocasião da morte de seu pai, passa a cada vez mais relatar seus sonhos e sua importância para sua autoanálise. Inclusive, conta um sonho em que realiza seu desejo de encontrar o pai causador da neurose para pôr fim às dúvidas que tem sobre a vivência sexual traumática.

Observa-se, na correspondência desse ano, sua atenção às fantasias histéricas e o delineamento delas. Afirma que as fantasias são uma produção inconsciente que lhe escaparam na solução da histeria. Elas se originam de coisas veridicamente ouvidas e experienciadas pelas crianças e só compreendidas *posteriormente*. O famoso exemplo desse mecanismo de compreensão *a posteriori* é o caso de Emma (FREUD, 1969 [1895/1950]), que entra em uma loja para comprar algo, vê dois vendedores rindo e, assustada, sai correndo da loja. Sobre esta primeira cena, ela afirma que os vendedores riam de suas roupas e que um deles a agradou sexualmente. A partir de então, Emma não consegue mais entrar sozinha em lojas. Na investigação para compreender sua compulsão, revela uma lembrança, que Freud chama de Cena II. Emma lembra que entra sozinha em uma confeitaria e o proprietário agarra suas partes genitais por cima das roupas, enquanto sorri. A associação entre as cenas são os risos dos vendedores com o sorriso do proprietário e o entrar “sozinha”. Mas a Cena I desperta uma *liberação sexual* da qual Emma se defende transformando em angústia e que a faz temer que os vendedores repetissem o atentado da Cena II. Sabe-se que a liberação sexual ocorreu porque ela confessou sua atração pelo vendedor. E disso, Emma foge.

A Cena I permite uma interpretação da Cena II, dando a esta um sentido que antes não havia. Mas após a primeira interpretação inconsciente de Emma, feita pela associação, não é o atentado, ideia intolerável, que vem à consciência, mas o elemento "roupas". O afeto da liberação sexual não se vincula ao atentado quando este ocorre, somente quando a compreensão dele é possível, após as mudanças da puberdade. O pensamento consciente sobre as roupas, elemento também presente na primeira cena, é uma falsa conexão explicada pela interpretação que a Cena II possibilita. As roupas, enquanto motivo de não ir às lojas, são um símbolo que representam o ocorrido e dão uma falsa explicação ao afeto de angústia.

Freud não afirma a Cena II como uma fantasia de Emma, mas o mecanismo da compreensão *a posteriori* explica que lembranças só se tornam traumáticas por *ação retardada* e que o advento da Cena II, após a liberação sexual, pode ser a constituição de uma

fantasia. No trabalho psicoterápico da histeria, o objetivo é, nesse momento ainda, chegar às cenas primevas e, em algumas, chega-se diretamente, como no caso Emma. Mas outras têm à sua frente a fantasia erigida como fachada psíquica protetora, construída para obstruir o caminho interpretativo até elas, tornando inacessível a lembrança da qual emergem a fantasia, o sintoma e também as lembranças encobridoras.

Na carta 66, Freud (1969 [1897a], p. 355) diz a Fliess que “algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha neurose insurgiu-se contra qualquer avanço em minha compreensão das neuroses”, e acrescenta sobre a fantasia e os sonhos:

Pois bem, vejo que a defesa contra as lembranças não impede que estas dêem origem a estruturas psíquicas superiores, que persistem por algum tempo e, depois, são elas mesmas submetidas à defesa. Esta, porém, é de um tipo específico mais elevado - precisamente como nos sonhos, que contém *in nuce* [numa casca de noz] a psicologia das neuroses, muito genericamente. O que temos diante de nós são falsificações da memória e fantasias [...] mais fortes do que as lembranças verdadeiras” (FREUD, 1969 [1897a], p. 355)

Já aqui, Freud anuncia os sonhos e as fantasias como formações psíquicas que, como o sintoma, falam da estrutura das neuroses e que têm importâncias determinantes, mesmo que sejam criações fantasísticas. Foulcault (2005, p. 58) chega a dizer que Freud não descobre “traumatismos”. Ele rouba *fantasmas* à luz do dia, “com a sua carga de angústia, ou seja, um emaranhado cujo ser próprio é fundamentalmente uma interpretação”.

Atormentado por graves dúvidas, em 21 de setembro de 1897, Freud revela que não acredita mais em sua *neurotica*. Ele é levado a isso pela decepção com a falta de resultados na clínica orientada pelo desvelamento de cenas primevas, por não aceitar que muitos pais, inclusive o dele, têm de ser perversos para corroborá-la e, principalmente, por constatar que *não há no inconsciente signo de realidade*. Por conta disso, não se pode distinguir se o afeto é investido em realidade ou em ficção.

Também conclui que o inconsciente não vence a barreira do consciente e, por isso, não é possível que ocorra a domesticação do inconsciente pelo consciente. Prestes a desistir da solução plena das neuroses e de sua etiologia na infância, Freud confessa que não sabe como se situar nessas dúvidas. Mas reconhece que elas são resultado de seu trabalho intelectual honesto e vigoroso e conclui a carta dizendo: “nesse colapso de tudo que é valioso, apenas o psicológico permaneceu incólume. O sonho ainda está firme, e os inícios do meu trabalho metapsicológico só ganharam admiração. Pena que não se possa viver, por exemplo, de interpretar sonhos” (FREUD, 2019 [1897b], p. 50).

Apesar da perspectiva miserável, Freud agarra os sonhos e se mantém firme em sua autoanálise. Os sonhos são uma formação simbólica, portanto representantes de algo que pode ser desvelado se eles forem interpretados. Freud entende que eles são indispensáveis na resolução de todo seu problema teórico-clínico e que extrai valiosas inferências e indicações deles. A relação entre neuroses e sonhos está colocada desde o *Projeto* (1969 [1895/1950]), quando afirma que o processo primário Ψ se apresenta diariamente durante o sono e que “fato de igual importância é que os mecanismos patológicos revelados nas psiconeuroses pela análise mais cuidadosa guardam uma grande semelhança com os processos oníricos” (FREUD, 1969 [1897a], p. 453). Os processos dos sonhos são reencontrados nas neuroses, mesmo que elas tenham natureza patológica. E pela interpretação dos sonhos, Freud passa a caminhar mais firmemente.

1.2 A interpretação (não só) dos sonhos

Na "observação preliminar" à primeira edição de *A Interpretação dos sonhos* (2019 [1900]), *Die Traumdeutung* no original, Freud defende que os sonhos são “o primeiro elo na sequência de formações psíquicas anormais, cujos outros elos – as fobias histéricas, as obsessões e os delírios – devem, por razões práticas, concernir aos médicos” (FREUD, 2019 [1900], p. 15). Essas “anomalias” causam estranhamento ao Eu, comovem o corpo, bagunçam a organização cotidiana, não são atribuíveis à consciência e apontam para algo desconhecido em cada um. Portanto, os sonhos têm importância prática, valor teórico como paradigma, e sua compreensão leva ao entendimento das tais formações psíquicas e à influência terapêutica sobre elas.

O interesse de Freud pelo sonho se dá em consonância com sua clínica. Ele divisa que, ao remontar uma representação patológica aos elementos das quais surgiu, na vida psíquica do paciente, tal representação se dissolve e o paciente se livra dela. Para tal remontagem, o paciente comunica todos seus pensamentos e associações que lhe ocorre durante sua sessão. Ocorre que em suas falas se encadeiam relatos de seus sonhos. Por isso, um sonho pode estar entre as ideias que envolvem a representação patológica. “O passo seguinte foi tratar o próprio sonho como sintoma e aplicar a ele o método de interpretação desenvolvido para os sintomas” (FREUD, 2019 [1900], p. 132), instituindo assim a interpretação como método de conhecimento e intervenção.

Mas há de se considerar que, além desse motivo escrito por Freud em *Die Traumdeutung*, seus estudos e teorizações sobre os sintomas e a histeria demonstram seu enorme interesse sobre os processos e pensamentos que ocorrem em outra consciência, conforme lhe diz sua parceria com Breuer. Da mesma forma que esses fenômenos, os sonhos remetem a uma outra cena, como Freud nos fala com Fehner. Ele supõe que “*o palco dos sonhos seja diferente do palco da vida de representações em vigília*” (FREUD, 2019 [1900], p. 74, grifo do autor) e a mudança de locação da atividade mental, e não uma locação anatômica. Mas, quanto a um aparato psíquico, isto importa à compreensão da escolha dos sonhos para a teorização para Freud. Há pensamentos, representações, que operam em outro registro que não a consciência ou o registro do Eu, e eles determinam sintomas. O sonho, da mesma maneira, é uma experiência de pensamento que não pode ser atribuída ao Eu, mas que fala daquele que sonha, assim como os sintomas dizem daquele que padece deles, se um método interpretativo for aplicado. Por isso, a escolha de tratar os dois pelo mesmo método de investigação, a interpretação.

No primeiro capítulo da *Die Traumdeutung*, Freud explicita a literatura científica encontrada até então sobre os problemas do sonho. No segundo capítulo da obra, ele apresenta seu método científico de interpretação dos sonhos a partir da análise de uma amostra de sonho, o *sonho de injeção de Irma*. Freud propõe demonstrar que o sonho pode ser interpretado informando seu “sentido”, “substituí-lo por algo que se insere como elo equivalente no encadeamento de nossas ações psíquicas” (FREUD, 2019 [1900], p. 127). De acordo com Garcia-Roza (1991, p. 25), tendo um sentido, o sonho pode ser inserido na cadeia anímica da vigília e, com isso, ele opera dois cortes: um com o cientificismo e outro com a tradição que remete o sonho ao divino e ao sobrenatural.

O primeiro capítulo, portanto, trata das explicações científicas dadas ao sonho, que o diminuem a um resíduo do funcionamento cerebral. E diferente das abordagens científicas apresentadas, Freud afirma que o título de sua obra mostra a que tradição de ideias se inclina à interpretação para a restituição de um sentido. Nesse primeiro corte, ele dá ao sonho estatuto de ato psíquico e função psíquica superior, e restabelece para o sonho uma dimensão de sentido. Birman (1991, p. 76) chega a afirmar que Freud inaugura uma nova tradição científica adotando o postulado do sentido como eixo teórico fundamental da subjetividade. A leitura desta dissertação entende que o desejo é colocado neste lugar de eixo, de bojo, por Freud.

Dar significação ao sonho é uma prática popular e o mundo leigo sempre se valeu essencialmente de dois tipos de métodos interpretativos: o *método simbólico*, que busca a

substituição de todo conteúdo onírico por outro compreensível e análogo; e o *método criptográfico*, em que cada signo do sonho é traduzido por outro signo a partir de uma chave, em que cada elemento equivale a outro já estabelecido, e o vínculo entre os verbetes é feito pelo intérprete. Freud critica ambos os métodos, enxerga neles obstáculos intrínsecos à sua formalização. O primeiro tem uma interpretação resultante sem lógica e confusa, dependente da engenhosidade do pensamento e da intuição, e não serve à exposição geral; o segundo depende de uma chave que torna fixa as significações, limitadas a sentidos preexistentes. Considerando o segundo corte proposto por Garcia-Roza, a posição de Freud é de que fiar-se a esses métodos daria razão a filósofos e psiquiatras em suas negações, de que a interpretação dos sonhos seria uma tarefa imaginária.

Mas o método criptográfico traz ideias que são valorizadas por Freud: há um código a ser decifrado no sonho. Não se deve interpretar o conjunto do sonho, mas cada parte separadamente. E, ponderando o que escreve Artemidoro, o mesmo elemento onírico apresenta um significado diferente para cada sonhador: o mesmo elemento onírico tem um sentido para um orador casado e outro para um comerciante.

Em nota de rodapé, Freud (2019 [1900], p. 129) estabelece então uma importante diferenciação da psicanálise quanto às tradições interpretativas. A técnica psicanalítica diverge da antiga “num ponto essencial, isto é, ela impõe o trabalho de interpretação ao próprio sonhador. Ela pretende levar em conta não o que determinado elemento do sonho traz à menção do intérprete do sonho, mas à mente do sonhador”. Os elementos oníricos, os signos que se apresentam no sonho, não têm mais significação fixa, mas sentidos próprios a cada sonhador. “A figura do analisando se insere *a priori* na posição de um intérprete e não na de um objeto interpretável” (BIRMAN, 1991, p. 81). O significado do sonho e sua interpretação podem ser obtidos sim, desde que isso seja feito através de um método centrado na comunicação do sonhador sobre seu sonho.

Para tanto, como fez com as histéricas, Freud instrui aquele que faz a comunicação³ a ter atenção às suas percepções psíquicas e desligar a crítica com que costuma filtrar os pensamentos que lhe surgem, para então comunicar tudo que lhe vem à cabeça. A renúncia à crítica dos pensamentos precisa ser imposta explicitamente porque há a tendência de suprimir um pensamento por ele parecer irrelevante ou despropositado. O paciente precisa ter uma

³ Há certa dificuldade de especificar na obra de Freud o hoje chamado “sujeito” devido à conceitualização feita por Jacques Lacan. Freud não discute uma terminologia própria para se referir àquele que é causado pelos fenômenos do inconsciente. Em *Estudos sobre a histeria*, Freud usa as denominações “paciente” e “doente”, comumente, e na *Die Traumdeutung* também, junto com o termo “sonhador”. Essa dissertação acompanha as denominações de Freud em cada obra trabalhada.

postura de observação com seus pensamentos, sem a crítica que participa da reflexão e impede os pensamentos de chegarem à consciência antes mesmo que eles sejam percebidos.

Articular na fala o sentido do sonho, anunciando uma ideia após a outra porque uma leva a outra, sem crítica ao que é falado, permite encontrar a resolução do sonho (e dos sintomas e obsessões). A interpretação das formações patológicas e oníricas pode ocorrer com o novo material acessado pelo paciente em um estado semelhante ao adormecimento, em que uma ação arbitrária, crítica, diminui e permite a emergência de representações involuntárias. Tal estado de observação e percepção do paciente é proposital e voluntariamente assumido por ele,

que aproveita a energia psíquica economizada (ou parte dela) para seguir atentamente os pensamentos involuntários que então emergem e que preservam o caráter das representações (essa é a diferença para o estado de adormecimento). *Assim, as representações 'involuntárias' são transformadas em 'voluntárias'*" (FREUD, 2019 [1900], p. 134, grifo do autor)

Assim como em *Estudos sobre a histeria*, em que Freud já assinalava a intencionalidade do esquecimento por uma escolha do paciente em não querer saber sobre o que lhe acomete, aqui ele enfatiza que é necessária uma posição decidida daquele que fala para se responsabilizar pelo estranho que o assalta, interpretar seu sonho e avançar sobre seu enigma iluminando-o. Ante essa formulação que evoca a ética do sujeito em sua perlaboração, Freud lembra daqueles que têm dificuldade de assumir a posição necessárias para trazer à tona os pensamentos involuntários porque estes provocam uma resistência feroz.

Freud prossegue na apresentação do método dizendo que o sonho, para ser interpretado, não é tomado como um todo, mas pelos elementos de seu conteúdo. O paciente não consegue associar se precisar pensar no sonho como um todo, mas sim se examiná-lo de forma retalhada. Similar ao método criptográfico, portanto, em que a interpretação se dá *in detail*, não *en masse*, compreendendo-o como um conglomerado de formações psíquicas. Privilegia-se, assim, a compreensão também já alcançada de que a comunicação de quem fala não se faz de maneira linear e sem falhas.

Freud, então, em sua opção metodológica, apresenta a análise de um sonho seu, o sonho inaugural, e o sonho de injeção de Irma, paciente sua que não apresenta melhora com a terapêutica proposta, à qual ela também resiste. Freud recebe notícias dela por Otto Rank, seu amigo, por quem se sente criticado pela paciente ainda estar mal. Após o relato do sonho, analisa trecho a trecho e amplia o material psíquico de que trata o sonho. Finalizando a interpretação do sonho, afirma ter compreendido seu sentido:

Notei uma intenção realizada pelo sonho, que deveria ter sido a motivação para sonhá-lo. O sonho realiza alguns desejos que haviam sido despertados pelos eventos da noite anterior (a notícia de Otto, a redação do caso clínico). O resultado é que eu não sou culpado pelas dores persistentes de Irma, que o culpado é Otto. a observação dele sobre a cura completa de Irma me aborreceu, o sonho me vinga, devolvendo a acusação a ele. O sonho me exime da responsabilidade pelo estado de Irma, explicando-o por outros fatores (na verdade, toda uma série de fatores). O sonho representa determinado estado de coisas da forma como eu desejo; *seu conteúdo é, portanto, uma realização de desejo; sua motivação é um desejo* (FREUD, 2019 [1900], p. 151, grifo do autor).

O sonho traz anseios de Freud e os satisfaz, reencenando eventos mais recentes: ele se vinga daqueles que o contrariam e não é mais responsável pelos adoecimentos de diversas pessoas. Inclusive, as dores de Irma se devem à sua viuvez, apontando para a insatisfação sexual. O sonho é compreensível quando distinguido a partir da realização dos desejos.

As preocupações de Freud com seus pacientes, com sua filha, a nocividade da cocaína e a responsabilidade médica são trabalhados. Otto despertara um constrangimento em Freud ao trazer a notícia dos males de Irma, e o sonho permite a expressão desse sentimento fugaz demonstrando a responsabilidade de Freud e sua preocupação com seus pacientes e familiares. O autor conclui seu capítulo sobre o método postulando uma das mais importantes máximas da teoria psicanalítica:

se aplicarmos o método da interpretação dos sonhos aqui apresentado, descobriremos que o sonho tem realmente um sentido e que de maneira nenhuma é expressão de uma atividade cerebral fragmentada, como querem os estudiosos. *Após completar o trabalho de interpretação, percebemos que o sonho é a realização de um desejo.* (FREUD, 2019 [1900], p. 154).

Assim, o sonho não é absurdo, não é despido de sentido e deve participar dos atos psíquicos compreensíveis da vigília. É um fenômeno psíquico de pleno valor, uma atividade mental altamente complexa que, se interpretada, apresenta o que há de mais intrínseco a cada um: o desejo. Sendo o desejo o que se encontra ao final da interpretação, ele é propriamente o que ela visa desvelar, o desejo deste que sonha, desejo que quer ser falado.

Fazer passar uma certa fala, uma mensagem, é uma dimensão do desejo do sonho. Freud trata o sonho como um texto sagrado que se interpreta segundo leis muito particulares, nos diz Lacan (2010 [1954-1955], p. 172), e cuja estruturação põe em jogo a estrutura da linguagem em geral e da relação do homem com a linguagem. O sonho, mesmo quando parcialmente lembrado, quase esquecido, se dele pode ser dito só um pedaço, ele é uma mensagem, tem sentido. Como diz Garcia-Roza (1991, p. 20), o sonho aspira passar da

imagem à palavra. Não uma palavra reveladora, pois ele simplesmente aponta *a palavra*. Sua busca é a busca do simbólico, e por isso vem a ser entendido como uma escritura, texto de uma mensagem cifrada.

Paul Ricoeur (2007) também assinala a articulação entre desejo e linguagem em Freud. Ele diz:

Freud invita a buscar en el sueño mismo la articulación del deseo y del lenguaje; y esto de múltiples maneras: primero, no es el sueño soñado lo que puede ser interpretado, sino el texto del relato del sueño; es a este texto al que el análisis quiere sustituir por otro texto que sería como la palabra primitiva del deseo; de modo que el análisis se mueve de un sentido a otro sentido; de ningún modo es el deseo como tal lo que se halla situado en el centro del análisis, sino su lenguaje⁴.

Somente porque falado e por compor um texto que se pode esmerilar, para encontrar um outro, é que o sonho cabe à interpretação. Aceitando-se que as representações que o sonho apresenta estão ali no lugar de outras, mais próximas ao desejo, a interpretação percorre as associações de sentidos pelos quais o desejo se expressa em linguagem e não de outra forma. Mas isso não se dá sem empecilhos.

Há uma oposição ao trabalho de associação das representações, a ação arbitrária crítica à comunicação sobre o sonho (e das demais formações psíquicas) que desarticula a fala dos pensamentos dos sonhos. Mas, além disso, há a própria apresentação do sonho. Por que a forma estranha e notável com que se expressa o desejo e sua realização, inclusive nos sonhos que trazem dor, desprazer, angústia? O sonho se apresenta pelo *conteúdo onírico manifesto*, no qual todas as tentativas de interpretação, até Freud, se basearam para formar um juízo. Este deve ser contraposto ao *conteúdo onírico latente*, que está por trás do conteúdo manifesto e é mais relevante que ele, e tem como principal fonte de material as experiências infantis. O conteúdo manifesto pode se mostrar penoso e angustiante, muito estranho ao sonhador, mas sua interpretação revela o conteúdo latente, os pensamentos oníricos que originam o sonho e são a realização do desejo.

O que é manifesto é a composição. A elaboração do sonho chega a fazer - virada muito bonita do seu primeiro aspecto, a lembrança - com que o sujeito seja capaz de lhes evocar o que é manifesto. Mas o que compõe o sonho é algo que devemos procurar, e que é verdadeiramente inconsciente. Esse desejo; encontramos-lo ou não o encontramos, mas nunca o vemos senão ao se perfilar atrás. [...] Essa composição

⁴ “Freud convida a buscar no sonho mesmo a articulação do desejo e da linguagem; e isso de múltiplas maneiras: primeiro, não é o sonho sonhado o que pode ser interpretado, senão o texto do relato do sonho; é este texto que a análise quer substituir por outro texto que seria como a palavra primitiva do desejo; de modo que a análise se move de um sentido a outro sentido, de nenhum modo é o desejo como tal que se fala situado no centro da análise, senão sua linguagem.” (RICOEUR, 2007, p. 9, tradução nossa).

chega ao conteúdo manifesto, quer dizer a uma miragem que não responde em nada ao que devemos reconstruir, e que é o desejo inconsciente (LACAN, 2009 [1953-1954], p. 206).

O desejo não pode se manifestar sem véus, pois é desde sempre obliterado. Ele se apresenta disfarçado, escondido na camuflagem do conteúdo manifesto, só assim se realizando de alguma forma. Plenamente dito, jamais pode ser.

El sueño es, como se sabe, el pórtico real del psicoanálisis. Es el sueño lo que, aparte toda cuestión de escuela, atestigua que sin cesar queremos decir otra cosa que lo que decimos; hay un sentido manifiesto que jamás ha dejado de remitir al sentido oculto, cosa que hace de todo durmiente un poeta. Desde este punto de vista, el sueño expresa la arqueología privada del durmiente⁵

Com o sonho, o desejo consegue se dizer. Mas diz, no conteúdo manifesto, outra coisa diferente do que realmente quer dizer. Articulando significações diferentes, outorga lirismo ao sonhador. O desejo se mostra eclipsado e não de forma transparente. E convoca a interpretação porque o sonho não diz diretamente o que significa. Porque “a realização de desejos é irreconhecível e disfarçada, deve existir uma tendência à defesa contra esse desejo e, devido a essa defesa, o desejo não consegue se expressar senão como deformação” (FREUD, 2019 [1900], p. 175). A defesa é uma resistência interna à realização do desejo que perpetra a *deformação onírica*.

A deformação do conteúdo latente para a produção do sonho é intencional para que o sonhador não perceba uma representação conflituosa de seu próprio desejo. Demonstrar cortesia, quando se sente aborrecimento, e escrever velando verdades desagradáveis para não confrontar um opositor são exemplos da vida social semelhante ao ato psíquico da deformação que ocorre por conta de uma censura. Por conta da força de censura, recorre-se a alusões, ocultamentos, disfarces. “Quanto mais rigorosa for a atuação da censura, mais elaborado será o disfarce, mais engenhosos serão os recursos com os quais os leitores serão postos na trilha do significado verdadeiro” (FREUD, 2019 [1900], p. 176).

Com a atuação da censura⁶, por vezes mal se recorda do sonho, e tem-se somente fragmentos desconexos. Isso leva a questionar se o material relatado pertence realmente ao sonho ou é uma produção feita pelo pensamento de vigília. Questão que remete à validade de

⁵ “O sonho é, como se sabe, o pórtico real da psicanálise. É o sonho o que, a parte toda questão de escola, atesta que sem cessar queremos dizer outra coisa que o que dizemos; há um sentido manifesto que jamais há deixado de remeter ao sentido oculto, coisa que faz de todo sonhador um poeta. A partir desse ponto de vista, o sonho expressa a arqueologia privada do sonhador” (RICOEUR, 2007, p. 17, tradução nossa).

⁶ Lacan (1954-1955) lembra que a resistência é considerada unicamente em relação ao trabalho de interpretação, não como interna ao sujeito. A censura não se situa no mesmo nível da resistência. A censura diz do caráter interrompido do discurso, o que se relaciona com a lei como incompreendida.

todo relato feito por aquele que fala ao analista. Além da deformação onírica, Freud considera a deformação feita em vigília, mas ela não desqualifica a interpretação. “O que Freud defende, e esta é uma tese central de sua teoria dos sonhos, é que as modificações às quais o sonho é submetido não são arbitrarias, mas que obedecem ao determinismo psíquico” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 27). Por mais caótica ou residual que a lembrança do sonho seja, as associações feitas a partir do material manifesto são capazes de levar ao significado do sonho porque eles estão ligados por uma determinação psíquica.

Assim, Freud propõe que o sonho é criado por dois poderes ou duas instâncias: uma que forma o desejo do sonho e outra que censura esse desejo e deforma sua expressão. Essa segunda instância permite o acesso à consciência quando o primeiro sistema passa por ela e se submete às suas alterações para ascender à consciência em um ato psíquico. Suas alterações podem levar o pensamento onírico a se manifestar inclusive pelo seu contrário, e sonhos penosos (para a segunda instância) são disfarces para conteúdos desejados (da primeira instância). Sonhos penosos são sonhos de desejo porque todo sonho parte da primeira instância; a segunda é só defensiva, e avaliar somente sua contribuição para o sonho não permite compreendê-lo.

Para exemplificar tamanha deformação, Freud apresenta o sonho da bela açougueira, relatado por uma de suas pacientes. No sonho, ela deseja realizar um jantar com salmão defumado, mas não consegue comprá-lo. Para fazer a análise do sonho, ele solicita que ela lhe diga o material do qual surgiu o sonho, os eventos do dia anterior, que servem de estímulo ao sonho. Ela relata o desejo do marido de emagrecer, de não aceitar mais convites de jantares, que em seu restaurante preferido fora abordado por um pintor que quis pintar sua face e a resposta de seu marido ao pintor foi de que ele devia preferir “traseiros de belas moças”. Ao fim dessas primeiras associações, acrescenta que pede ao marido que não lhe dê caviar. Adendo excêntrico ao conteúdo relatado, tal informação chama atenção no discurso. De maneira própria à prática interpretativa, Freud pergunta o que significa isso que surge de forma estranha ao assunto.

A paciente deseja comer caviar, mas pede ao marido que não lhe dê para poder continuar brincando com isso. Eis que Freud (2019 [1900], p. 182) afirma: “essa explicação me parece pouco crível. Por trás desse tipo de informação insatisfatória costumam se esconder motivações não admitidas”. Freud compreende que sua paciente deseja um desejo não realizado e insiste em saber mais. “Após uma breve pausa, que corresponde ao tempo necessário para vencer uma resistência” (2019 [1900], p. 182), a paciente relata seu ciúme de uma amiga, de quem seu marido gosta muito. Essa amiga gosta de salmão defumado, deseja

engordar e pediu para jantar em sua casa. E o marido da bela açougueira tem apreço por corpos rechonchudos. O sonho realiza o desejo de que essa amiga não engorde, ainda mais em jantares na sua casa, para não agradar mais a seu marido.

Uma segunda interpretação do sonho (que não anula a primeira, mas sim se soma a ela, mostrando a ambiguidade e a sobredeterminação dos sonhos, as mesmas que há nos sintomas) é de que a bela açougueira é a amiga, para ocupar seu lugar na estima de seu marido e porque a amiga também mantém seu desejo de engordar insatisfeito. A amiga deseja comer salmão defumado tanto quanto a bela açougueira deseja caviar, e a teorização da identificação histórica é importante para a melhor interpretação do sonho em que a não realização de um desejo é a realização de outro.

A investigação dos sonhos de negação de desejo tem motivação em dois princípios: o desejo de que Freud esteja errado, revelando a resistência ao analista, e o masoquismo componente da constituição sexual. A interpretação desses sonhos revela temas que os pacientes evitam abordar, até mesmo por sentirem aversão a eles, posição que cada um terá de confrontar para lidar com eles. Como já observado, desde 1895, cada um tem desejos que prefere não comunicar a ninguém e que nem a si mesmo quer admitir.

A deformação do sonho se revela, portanto, como um ato de censura realmente. Mas levaremos em conta tudo o que a análise dos sonhos de desprazer revelou se alterarmos a nossa fórmula, que pretende expressar a natureza do sonho, da seguinte forma: *O sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, reprimido)* (FREUD, 2019 [1900], p. 195).

O sonho se vale de diversos recursos para a deformação do conteúdo latente em conteúdo manifesto, e Freud utiliza a linguagem como referencial para as regras da formação do sonho.

Pensamentos oníricos e conteúdos oníricos se apresentam a nós como duas versões do mesmo conteúdo em duas linguagens diferentes, ou melhor, o conteúdo do sonho nos aparece como uma transposição dos pensamentos oníricos para outro modo de expressão, cujos signos e regras sintáticas devemos conhecer pela comparação do original com a tradução (FREUD, 2019 [1900], p. 318).

Freud compara os sonhos a um rébus e, tal como o enigma pictórico, a partir de uma leitura semiótica de seus signos, eles são transpostos para uma outra linguagem, a dos pensamentos oníricos, que se tornam então compreensíveis. Cada palavra ou cada imagem do sonho, vista como substituição, representa outra. E as novas representações formadas, sim, representam o conteúdo latente.

Para explicar o trabalho de construção do sonho, Freud apresenta quatro fatores formadores do sonho. Primeiro considera a *condensação* extensa do material psicológico no sonho, em que um elemento tem a capacidade de representar vários pensamentos oníricos. Isso caracteriza o conteúdo do sonho como *sobredeterminado*. No sonho da injeção de Irma, por exemplo, ela representa, com traços contraditórios, ela mesma, a mulher que Freud gostaria de ter como paciente em seu lugar, e sua esposa.

Mesmo após elaborar uma sequência de pensamentos que parecem não estarem relacionados ao sonho, chega-se a um representado, no conteúdo do sonho, e imprescindível para a compreensão do seu sentido. Todo pensamento que surge, na associação, está ligado ao pensamento onírico por curto-circuitos viabilizados pela existência de outras vias de ligação mais profundas, como no modelo psíquico de representações apresentado em *Psicoterapia da Histeria*, nos *Estudos sobre a histeria* (FREUD, 2016 [1895]). A condensação trabalha com a omissão dos elementos representacionais dos pensamentos oníricos, não os traduz ponto a ponto, e o conteúdo manifesto se mostra (como os discursos das histéricas de 1895) incompleto e lacunar.

Destaca-se quando o trabalho de condensação do sonho escolhe palavras e nomes como seus objetos e são submetidas às mesmas combinações que as representações de coisas. Há formações de palavras sem sentido que são particularmente propícias à condensação. Freud chama a decomposição e reunião de sílabas de *química silábica* e o efeito é por vezes espirituoso, o que o leva a dizer, em nota de rodapé, que “o sonho se torna engraçado porque o caminho mais direto à expressão de seus pensamentos lhe é barrado, ele é obrigado a sê-lo” (FREUD, 2019 [1900], p. 340). Posteriormente, Freud faz a comparação da técnica do chiste com o trabalho sonho.

O segundo mecanismo do trabalho do sonho é o *deslocamento* das intensidades psíquicas dos elementos, em que um elemento de grande relevância no conteúdo latente tem sua intensidade psíquica retirada e transferida para um elemento de valor inferior, que ocupa seu lugar no sonho. Decorre disso a diferença textual entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos. O deslocamento serve à deformação do desejo onírico inconsciente e, por isso, à censura, estando sob influência dela. *A segunda condição para um elemento se introduzir no sonho é escapar à censura da resistência*, o que é feito pelo deslocamento – assim como a *sobredeterminação* se cumpre pela condensação.

Estabelece-se uma problemática para o processo de interpretação: como estabelecer os laços lógicos entre os sentidos obtidos pelas partes do sonho. As conjunções, os advérbios, as preposições que compõem as conexões entre os pensamentos oníricos, substantivos das

sentenças, foram destruídos pelo trabalho do sonho. Cabe à interpretação sua restauração para compreender se as relações são de simultaneidade, causal, contradição e oposição, concordância ou semelhança, condição, inversão, etc.

Garcia-Roza (1991) lembra que condensação e deslocamento são mecanismos fundamentais do inconsciente em geral e são assimilados, respectivamente, à *metáfora* e à *metonímia* por Jacques Lacan. Elas são responsáveis por uma das mais importantes características da linguagem, o duplo sentido, efeito alcançado, pela metáfora, com a substituição de significantes que apresentam entre si uma relação de similaridade, e, com a metonímia, pela substituição de significantes que mantêm relação de contiguidade. Mas esse é o ponto de vista da linguística. “Do ponto de vista psicanalítico, a distinção entre os dois mecanismos não é tão clara. Apesar de assimilar a metáfora à condensação e a metonímia ao deslocamento, Lacan não os distingue claramente senão em casos muito precisos (GARCIA-ROZA, 1991, p. 97). Ao assimilar os dois mecanismos linguísticos aos mecanismos fundamentais de funcionamento do inconsciente, marca-se a extensa distorção que o conteúdo latente pode comportar. Mas nem por isso os processos inconscientes se tornam anárquicos, alheios a uma ordenação. Eles são sistematizados conforme determinadas leis.

O terceiro fator formador do sonho é a *consideração pela representabilidade* que se dá por uma *troca da expressão verbal* para que um pensamento onírico abstrato e descolorido, difícil de ter expressão na representação manifesta, consiga se expressar de maneira concreta e figurativa, ou seja, consiga ser representado no sonho. Freud formula que a consideração pela representabilidade se vale de imagens visuais e que elas são preferidas para fazer as conexões secundárias entre os pensamentos essenciais do sonho. O que está em jogo no terceiro fator

é a seleção de pensamentos capazes de serem expressos em imagens, o que tem como consequência um sacrifício das relações lógicas que são pura e simplesmente eliminadas ou que são substituídas por relações entre imagens que procuram traduzir, à sua maneira, essas relações lógicas. Assim, por exemplo, para expressar figuradamente o nexos causal, o trabalho do sonho pode fazer com que uma figura do sonho se transforme em outra (GARCIA-ROZA, 1991, p. 104)

Freud destaca como a troca de expressão serve não só para a condensação e para o deslocamento, mas também para a representabilidade, já que combinações verbais, em sua ambiguidade, permitem a expressão de mais de um pensamento onírico e “em todas as línguas os termos concretos possuem, devido à sua evolução, maior riqueza de relações que os termos conceituais” (FREUD, 2019 [1900], p. 383).

Se a expressão for ambígua, mais pensamentos oníricos se manifestam. Ou seja:

Todo o âmbito dos jogos de palavras é assim aproveitado no trabalho do sonho. Não devemos nos surpreender com o papel que cabe à palavra na formação do sonho. A palavra, como ponto nodal de representações múltiplas, é como que predestinada à ambiguidade e as neuroses (ideias obsessivas, fobias) aproveitam, de modo tão desinibido quanto o sonho, as vantagens que a palavra oferece para a condensação e o disfarce (FREUD, 2019 [1900], p. 383).

A representação do trabalho do sonho não pretende ser compreendida, impõe dificuldades ao intérprete. Pode se utilizar de chistes e alusões, e Freud espera que eles ocorram nos pensamentos oníricos, assim como citações, provérbios e canções por conta do papel que tais expressões têm na vida mental.

O quarto e último fator de formação dos sonhos é a *elaboração secundária*. Primeiro ela é descrita como tendo a função de dar nexos ao sonho, tapando seus buracos para ele não ter aparência absurda e desconexa, dando-lhe uma apresentação compreensível, lógica. E, se bem sucedida, ela dá uma conclusão ao sonho e lhe retira a estranheza com sua função psíquica semelhante à do pensamento desperto. O sonho, isento de contradições, parece ter um sentido, mas esse sentido está longe do original. Daí, Freud afirma que o sonho já foi interpretado antes de o ser em vigília.

Alguns sonhos têm a elaboração secundária vitoriosa somente em parte deles, a parte que permanece clara, coesa. Em outros, ela fracassa integralmente e são sonhos absolutamente confusos. Mesmo assim, ela é uma das exigências que o sonho deve satisfazer e, assim como a condensação, a censura e a representabilidade, ela exerce influência indutiva e seletiva sobre o material dos pensamentos oníricos.

A elaboração secundária visa dar ao sonho um caráter inteligível e o submete a uma primeira interpretação. Como efeito dessa ação, o sonhador acredita que ele é compreensível e compreendido. E isso é um equívoco: é necessário ignorar essa coerência, suspeitar dela desde o início e encetar o caminho de volta para o material do sonho. Conhecer os quatro fatores de formação do sonho permite reconhecer os mecanismos interpretativos do inconsciente para a construção do que simbolicamente se coloca no lugar da representação que permanece nas sombras. Interpretar o sonho, os sintomas e as demais formações psíquicas orientado pelos quatro fatores, compreendendo que são condensações e deslocamentos, que obedecem à consideração pela representabilidade e à elaboração secundária, dá alcance a seus sentidos.

1.3 Limite ao sentido

Mas, se por um lado, Freud enfatiza em seu livro que com a interpretação dos sonhos se pode chegar a um sentido do desejo que o sonho quer dizer e, com isso, à compreensão das neuroses das pessoas, por outro, também afirma a impossibilidade de se interpretar completamente um sonho, ou seja, de alcançar seu sentido último. Outras interpretações, sobreinterpretações, podem escapar devido a riqueza de pensamentos que conseguem se expressar graças à habilidade do trabalho do sonho em compô-los.

Foucault (2005) considera a infinitização da interpretação por conta de seu inacabamento, por ela ser sempre fragmentada, e que em Freud, assim como em Nietzsche e Marx, perfila-se a experiência, importante para a hermenêutica moderna, de que quanto mais se avança na interpretação, mais se aproxima da região perigosa do absoluto, onde a interpretação encontra o início do seu retrocesso e pode desaparecer, junto de seu intérprete: o ponto de ruptura. A loucura pode ser a sanção contra a interpretação que se avizinha desse infinito de seu centro.

Contudo, ao menos na neurose, a interpretação não vai tão longe em seu desenrolar. A fala estaca antes de percorrer todas as significações possíveis e imagináveis. Um corte se opera por efeito da castração.

A castração está remetida à interdição do pai na relação da criança com a mãe e à ameaça de castração no Complexo de Édipo. Na pretensa e enganosa complementaridade esperada entre mãe e filho, um terceiro intervém impedindo a satisfação que há nessa cena que possui tanto sentido: a relação jubilatória da mãe com vossa majestade, o bebê. A insistência na relação satisfatória e sem interferência com a mãe faz a criança se deparar com a ameaça de castração feita pelo terceiro, ameaça da perda de seu falo por não se privar da mãe. “É preciso que a ausência da satisfação esperada e a continuada privação [*Versagung*] do filho desejado demovam o pequeno apaixonado de sua inclinação sem esperança” (FREUD, 2019 [1924], p. 259) de ter a mãe como propriedade e a plena satisfação como certa. O fracasso se dá ao ver a mãe retirar seu amor e seus cuidados, dirigindo-os a um outro, que pode ocorrer de ser o pai, sendo a criança lançada para fora do paraíso com a questão “o que esse outro tem que atrai o desejo de minha mãe?”. Isso que o pai supostamente tem e que a criança entende que a mãe deseja é o falo, e a criança passa a querer possuí-lo também. O interesse especial pelo pai como detentor do falo constitui o processo de identificação, com o

desejo de ser como o pai concomitante à hostilidade contra ele mesmo, o concorrente no amor pela mãe.

Também se deve examinar a castração a partir do mito da horda primeva, trabalhado por Freud (1969 [1913]), no qual os irmãos compartilham a responsabilidade do assassinato do pai, que goza de todas as mulheres da tribo e expulsa dela os demais homens, seus filhos. Estes, reunidos, cometem o parricídio, colocando fim à horda patriarcal, e devoram o pai, identificando-se com ele e adquirindo sua força. Mas a relação com o pai se caracteriza pela ambivalência: há o ódio e o amor por ele, origem do sentimento de culpa, com o qual o pai morto se torna mais forte do que vivo. Em uma obediência tardia, os filhos anulam seu ato com a proibição da morte do totem, que simboliza o pai, e com a renúncia à reivindicação a todas as mulheres, reivindicação característica do pai da horda. Portanto, o ato memorável e criminoso decreta a lei, instaurada pelas proibições da morte do símbolo do pai e da livre fruição de todas as mulheres e, com isso, o início da organização social, das restrições morais e da religião. A ordenação representada pelo símbolo do pai impede os dois crimes que fundam a sociedade.

O que importa na atual discussão é a interdição à satisfação feita pelo pai que faz o declínio do complexo de Édipo sucumbir ao recalque. Como se discorre no próximo capítulo, a realidade da impossibilidade da satisfação plena se impõe no encontro com o mundo. A satisfação plena não é possível porque a função paterna de colocar um ponto de basta a ela se impõe.

Se as formações psíquicas, chamadas por Lacan de formações do inconsciente, são realizações de desejo e sua interpretação revela seu sentido, conclui-se que há satisfação na captura do sentido da deformação psíquica. Isso se dá pelo alcance do falo que representa esse desejo em última instância? Alcançar o falo que o pai detém, símbolo do que a mãe quer e de todo o poder do pai, é o sentido final do desejo? Sendo a realidade a castração perpetrada pela função do pai, este sentido fálico está vedado. A função do Falo só se articula por fatos de ausência, seu enigma resta inteiro (LACAN, 2008 [1972-1973]) e à interpretação psicanalítica não cabe desvendá-lo, este é seu impossível. A interpretação reveladora de sentido é a mesma feita por Édipo ante o enigma da Quimera, revelação da qual ele sofre as consequências. Conforme Arenas (2018), em cada caso há coisas que não se pode dizer, ou, pior, pode se dizer de tudo, mas isso não será sem consequências contrárias à ética da psicanálise.

2 LIMITE E IMPOSSIBILIDADE DA INTERPRETAÇÃO

O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser
que no existir põe tamanha anulação de existência?

Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.
Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.

E fiquei só em mim, de mim ausente.

Science fiction, *Carlos Drummond de Andrade*

A interpretação de um sonho traz ao sonhador um sentido de seu desejo, sentido que se desloca através das associações porque uma nova representação sempre é passível de se relacionar com outra representação. A interpretação conta, então, com o caminho pelas representações. Contudo, faz-se necessário destacar uma diferenciação entre o desejo pré-consciente e o desejo inconsciente, diferenciação pertinente para introduzir este capítulo sobre os limites da interpretação e sobre sua impossibilidade mesmo. O desejo pré-consciente diz respeito aos desejos não realizados do período de vigília, são vestígios e restos do dia. O desejo inconsciente atrai o desejo pré-consciente para, em ligação com ele, poder se expressar no sonho. A interpretação que Freud dá ao sonho da injeção de Irma refere-se ao desejo pré-consciente, em torno de sua insatisfação com Otto Rank. O desejo inconsciente deste sonho permanece sem interpretação. Da mesma forma, eventos e preocupações cotidianos, levados à análise, provocam sofrimentos e perlaborações cujo caminho das representações desembocam em um sentido que os explique, mas cuja interpretação talvez não alcance o que do inconsciente dá tanta força para as situações cotidianas atuais provocarem aflição – e se repetirem.

O desejo inconsciente tem a força pulsional (*força motriz*, diz Freud em 1900) para compor o sonho, como um capitalista tem o poder de financiar os gastos de um empreendimento, e se liga aos restos diurnos e pensamentos do sonho que o desejo pré-consciente fornece, como o empreendedor tem a ideia e a iniciativa para o empreendimento. O desejo pré-consciente só compõe sonho se adquire força pulsional de outro lugar, do

inconsciente. “*Suponho que o desejo consciente se torna instigador de um sonho apenas quando consegue despertar um desejo inconsciente de mesmo teor, com o qual se fortalece*” (FREUD, 2019 [1900], p. 604, grifo do autor).

Já o desejo inconsciente, aquele que no sonho de injeção de Irma tem a ver com o desejo que Freud não admite e com o que ele encara na garganta da paciente, Lacan afirma que Freud não interpretou:

[...] como é que Freud, ele que vai mais adiante desenvolver a função do desejo inconsciente, contenta-se aqui, para o primeiro passo de sua demonstração, em apresentar um sonho inteiramente explicado pela satisfação de um desejo que não se pode chamar de outro modo a não ser de pré-consciente, e até mesmo de inteiramente consciente? (LACAN, 2010 [1954-1955], p. 207).

O que põe o sonho da injeção de Irma em movimento é o choque que a desaprovação ouvida na voz de Otto traz a Freud e o coloca a trabalhar no caso da paciente na noite do sonho. Parece que somente o desejo consciente é satisfeito, mas algumas particularidades do sonho dão pistas do poderoso ajudante que veio do inconsciente, o desejo inconsciente mesmo. Este é alerta, disposto a todo momento a encontrar expressão quando surge uma oportunidade, aliando-se à moção consciente e deslocando para ela sua intensidade. Em uma nota de rodapé, lê-se que os desejos inconscientes têm caráter de indestrutibilidade, enquanto os processos que dependem do sistema pré-consciente são destrutíveis. Para o que pertence ao inconsciente, a única aniquilação possível é a “das sombras do mundo inferior da *Odisseia*, que despertam para uma nova vida após beberem sangue” (FREUD, 2019 [1900], p. 604), em um paralelo do contato do desejo inconsciente (sombras) com o desejo consciente (sangue).

O que o sonho de Irma e sua análise por Freud mostram é que o desejo consciente pode ser interpretado, além de satisfeito. Traduzido em um sentido, este pode ser esgotado em palavras, chegar a uma sentença final que o explique. Já o desejo inconsciente, este aponta para a infinitização da significação, tanto pela sobredeterminação, que leva sempre a um novo sentido, quanto pelo impossível de interpretar, por ser insondável – sempre sombras do mundo inferior. De partida, o sentido do desejo é inalcançável por não poder ser completado. Quais as repercussões disso? Este capítulo versa sobre a impossibilidade da interpretação pelo sentido, da interpretação que visa o sentido.

Outra bela imagem dada por Freud para representar o desejo inconsciente é a dos Titãs que, na mitologia grega, após sucumbirem ante os deuses olímpicos, foram encerrados em montanhas, mas, insubmissos, ainda demonstram sua presença pelo tremor de terra que provocam. Este desejo é recalçado, como os Titãs aprisionados, mas não deixa de se

manifestar de modo completo. As intensidades psíquicas de situações cotidianas e da vida em vigília podem possibilitar vias de expressão a ele. Para pensar a indestrutibilidade do poder desse desejo, crucial para a interpretação, é necessário considerar a mítica vivência de satisfação primordial, origem do desejo, e os processos primário e secundário.

2.1 O desejo em sua origem de insatisfação

Freud (1969 [1950/1895]; 2019 [1900]) explica que o aparelho psíquico tem como primeira disposição manter-se em estado de repouso e, como um arco reflexo, afasta de imediato qualquer excitação sensorial ou tensão por via motora. Exigências peremptórias perturbam essa função simples, apresentam-se como grandes necessidades da vida, tal qual a fome, das quais o aparelho tenta se distanciar pela motilidade, com uma *mudança interna* ou “expressão de emoção” (como o grito, o agitar do corpo ou o choro), única descarga possível para a criança desamparada que não descobriu a *ação específica* necessária para se livrar da tensão. Essa mudança interna não afasta o estímulo excitatório, mas pode atrair a atenção de alguém – servindo à comunicação, o que passa a ser sua segunda função – que executa a ação específica necessária, aquela que o organismo mesmo não pode promover. A satisfação só é possível com essa ajuda alheia, com uma intervenção do mundo externo (como a mãe amamentando). O desamparado consegue aliviar a tensão e tem, assim, a *experiência de satisfação*, ou *vivência de satisfação*.

Essa vivência depende da percepção de um objeto de satisfação (do alimento, neste exemplo), cuja imagem mnêmica, representação (*vorstellung*), associa-se, então, ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Quando a necessidade retorna, por conta do vínculo estabelecido, uma moção psíquica procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção do objeto, a representação da lembrança, para reproduzir a própria percepção e, portanto, a situação da primeira satisfação. Essa moção é o *desejo*, “corrente que no aparelho, partindo do desprazer, visa o prazer; dissemos que nada senão um desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento” (FREUD, 2019 [1900], p. 652).

Com a necessidade, a excitação advém, e o pleno investimento da representação da lembrança da percepção da primeira satisfação é a maneira mais rápida de realizar o desejo. E o reaparecimento da percepção é a realização do desejo. Para Freud, nada impede a suposição de que este caminho tenha sido percorrido em um estado primitivo do aparelho psíquico, “em

que desejar tenha resultado numa alucinação. Essa primeira atividade psíquica visava, portanto, uma *identidade perceptual*, ou seja, a repetição daquela percepção ligada à satisfação da necessidade” (FREUD, 2019 [1900], p. 618).

Freud denomina *processo primário* esta forma de processo mental mais antiga, primitiva, resíduo de uma fase do desenvolvimento em que era a única. Seu propósito é o *princípio do prazer*, que visa a obtenção de prazer com a eliminação e o afastamento do desprazer. O desenvolvimento deste princípio é o germe do sistema inconsciente, *Ics*, incapaz de introduzir algo desagradável em seus pensamentos pois ele só quer desejar. E “nossos sonhos à noite e, quando acordados, nossa tendência a afastar-nos de impressões aflitivas são resquícius do predomínio deste princípio e provas de seu poder” (FREUD, 1911 [1969], p. 278).

Os sonhos são a realização de desejos por representações que, no processo onírico, têm satisfação em um palco diferente do da vida de vigília, em que o processo primário pode se realizar. Na experiência de dor, contrapartida da experiência de satisfação na qual também se verifica o princípio do prazer, retira-se o investimento tanto do estímulo causa de dor quanto de sua representação – o que propicia o recalque. No processo primário, do ponto de vista econômico, a energia circula livremente de uma representação para outra por deslocamentos e condensações, reinvestindo representações ligadas à vivência de satisfação e à realização alucinatória do desejo, sem a percepção associada à presença do objeto. No sonho, essa satisfação é possível. Na vigília, isso é uma complicação, porque o resultado do investimento na alucinação só pode ser o desapontamento e o desprazer. Nas psicoses sim o objeto alucinado segue sendo investido.

Para Freud, distinguir a representação da lembrança de percepção da percepção em si é uma preocupação desde o *Projeto*. Esta é a questão da *prova de realidade*, pois se tornar consciência não é prova de realidade suficiente, distinguir *percepção* de *representação*, ou melhor, uma imagem-percepção de uma imagem-lembrança, é necessário.

O fato é que em termos do sistema Ψ , o que temos são representações (*Vorstellungen*) e que estas podem ser tão intensas quanto as percepções. Se estas últimas são as que estabelecem alguma vinculação com o mundo exterior, é de fundamental importância que possamos distingui-las das representações-lembrança (GARCIA-ROZA, 1991, p. 207).

Freud (1969 [1923]) explica que quando uma imagem-lembrança é revivida, o investimento permanece no sistema mnêmico. Já a alucinação, que não é distinguível da

percepção, surge quando o investimento se transfere inteiramente para o elemento do sistema perceptivo, não se limitando a se estender do traço mnêmico para a percepção

No sistema Ψ , o que existem são representações, sejam elas advindas da percepção ou da memória. De acordo com Garcia-Roza (1991, p. 207), para o aparelho psíquico, composto pelo sistema Ψ , quando uma representação se torna atual, torna-se consciente, estando o objeto a que ela se refere presente ou não. No sonho, a representação do desejado está presente e há realização do desejo. E na tentativa de repetir a experiência de satisfação, com certeza a representação do seio se faz presente. É necessário distinguir o seio alucinado do seio real para o sistema Ψ ser capaz de liberar, ou inibir, a resposta motora, a *ação específica*, fundamental para a criança desamparada passar a intervir no mundo e para a constituição inicial do laço social.

Contudo, lembra Garcia-Roza (1991, p. 208), o exame de realidade opera distinções a partir de signos de realidade, fornecidos pelo sistema ω (percepção/consciência), signos não isentos de ambiguidade. Mesmo que o aparelho psíquico consiga distinguir o objeto real do alucinado, ele fica dominado pela ilusão para sempre. “E não poderia ser de outra maneira, na medida em que o desejo é a mola da ilusão, de uma satisfação que é ilusória e, portanto, necessariamente parcial” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 208).

Com esta afirmativa de Garcia-Roza, relembra-se que a experiência de satisfação originária é mítica. A representação do objeto de satisfação é sem garantias dele ter existido, sendo sua lembrança uma presentificação de sua perda – da perda da plena satisfação, mais que do que de sua presença propriamente. Como bem diz Swann:

A realidade que eu conhecera não mais existia. Bastava que a Sra. Swann não chegasse exatamente igual e no mesmo momento que antes, para que a avenida fosse outra. Os lugares que conhecemos não pertencem tão pouco ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais que uma delgada fatia no meio de impressões contíguas que formavam a nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugitivos, infelizmente, como os anos. (PROUST, 2006, p. 507).

O narrador reconhece que não só o momento de antes não possui igual como só existe como saudade. A chegada da Sra. Swann, a recordação de sua imagem, que pode ser entendida como uma representação, é a própria saudade. Assim se entende também a vivência de satisfação, mítica, quimera que promove investimentos no que nem se sabe se realmente ocorreu e foi vivido na atualidade como fugitivo. Por isso, a compreensão de que essa satisfação originária é ilusão à qual o desejo pode se manter atrelado, encantado.

Uma interpretação que se orienta pelo princípio do prazer, do afastamento da tensão, pode privilegiar representações que respondem à insatisfação com uma ilusão. Essa interpretação elimina o conflito. É apaziguadora, possibilita a homeostase ao doar sentido ao desejo, função bem exercida pelo saber, por exemplo. O saber pode constituir uma totalidade fechada, ideia jubilatória para uma pretensão de homeostase. Ele pode ter efeito acachapante, eliminando a diferença que a insatisfação traz. O saber, nessa leitura, pode dar ao desejo iludido até mesmo “esperança no futuro” (LACAN, (1992 [1969-1970]), p. 31).

O desejo assim iludido pode pôr o aparelho psíquico em movimento? A realidade do desejo, com que cada um se defronta, é que ele só pode ser parcialmente satisfeito. Pode sim ser fascinado, ficar em deleite – ou, para Lacan, em gozo mortífero -, mas não todo. O desejo em sua estrutura é um furo, não se deixa para sempre tamponado, não se regozija trilhando sempre os mesmos caminhos facilitadores da satisfação (*Bahnungen*). O desconsolo é sua realidade. Não à toa Freud designa como *desamparado* este que não possui seu objeto de satisfação a não ser em alucinação, por repetir o investimento em uma representação de uma lembrança de satisfação.

A associação daquele que fala pode permanecer presa no circuito das representações dos caminhos facilitadores, na tentativa de não deixar que o desejo se coloque e possibilite alguma alteridade nas representações. E a interpretação, enquanto intervenção, pode possibilitar certa brandura no investimento na identidade de percepção, certa maleabilidade no trilhamento do desejo inconsciente. Isso se conseguir, a partir de uma representação dada no fio associativo, promover certo desarranjo no investimento na representação alucinada ou apontar para outra representação ainda não investida. Outro princípio pode orientá-la, o princípio mais condizente com o real.

Levanta-se a necessidade de inibir o investimento nessa representação da lembrança de um objeto perdido, e de uma satisfação nunca revivida. O investimento não deve se esgotar em tal representação, mas sim, a partir dela, alcançar um emprego mais adequado da força psíquica em outros caminhos que levem à identidade perceptual desejada a partir do mundo exterior. Ou seja, ele deve ser levado a uma percepção real.

Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se representava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso (FREUD, 1969 [1911], p. 279).

Ante o *real* da insatisfação, faz-se necessário o desenvolvimento de um segundo sistema que domine a motilidade voluntária e altere o mundo externo para ter a percepção real do objeto de satisfação. Este segundo sistema dispõe de todas as lembranças e realiza a sondagem de vias de pensamento para encontrar por onde se satisfazer. Ele envolve o desdobramento da complicada atividade do pensamento e evita o dispêndio inútil de quantidades de investimento em uma imagem-lembrança para se ter a identidade de percepção. “Todo pensamento é apenas um rodeio, da lembrança de satisfação, tomada como representação com meta, ao investimento idêntico dessa mesma lembrança, que deve ser novamente alcançada pela via das experiências motoras” (FREUD, 2019 [1900], p. 656).

As quantidades de investimento são necessárias à modificação do mundo externo e são garantidas pelo segundo sistema por este manter a maior parte da energia em repouso, utilizando uma parte para o deslocamento. Enquanto o primeiro sistema, dos processos primários, visa livre descarga, o segundo inibe a descarga transformando-a em investimento quieto até encerrar sua exploração pelos sistemas Ψ para poder liberar a excitação em uma descarga que permita a motilidade. Resulta de tal inibição imposta por este sistema o *processo secundário*, conforme chamado por Freud (2019 [1900], p. 655), processo que caracteriza o sistema Pcs, pré-consciente.

No jogo de quantidades de excitações, o processo secundário regula o aparelho psíquico investindo em uma lembrança para que ela faça a inibição de sua descarga quando ela não coincide com a percepção. Este segundo sistema só investe em uma representação se for capaz de inibir o desenvolvimento de desprazer dela, ou seja, investe se ela for segura e não perturbadora.

O princípio de realidade utiliza-se dos traços de memórias, das representações, para confirmar a veracidade da consciência do mundo externo para nele se poder agir, evitando equívocos que desperdiçam energia e o desprazer da decepção. Por visar o desenvolvimento da inibição do desprazer, o princípio de realidade não se opõe, portanto, ao princípio de prazer. Conforme Freud (1969 [1911], p. 283), a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não significa a deposição daquele, mas sim sua proteção. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto aos seus resultados, com o objetivo de se ganhar mais tarde, ao longo do caminho, um prazer seguro. E o pensamento é o substituto do desejo alucinatório. Permite tal investimento de excitação mais seguro e, como o que se expressa na consciência se expressa em palavras, pelas palavras se articula a interpretação que tem ação sobre o pensamento e sobre as moções do desejo.

Ao abordar o processo secundário, Lacan (2008 [1959-1960]) assevera que este tende à identidade de pensamento e, por tateamentos, busca uma prova retificativa obtida por descargas produzidas nos trilhamentos [*Bahnungen*] percorridos no processo de pensamento para alcançar a ação específica. As correções sucessivas diferenciam percepção e lembrança, mas, do que ocorre no nível dos processos internos, não se recebe na consciência outros sinais que não os de prazer ou de pena. Como se obtém alguma apreensão desses processos de pensamento? “Ainda aqui, Freud responde de uma maneira plenamente articulada – unicamente na medida em que se produzem palavras” (LACAN, 2008 [1959-1960], p. 44).

Em uma discussão tópica, Freud (1969 [1923]) afirma que o conhecimento está invariavelmente ligado à consciência e questiona como algo pode se tornar consciente. A diferença real entre um pensamento *Ics* e um pensamento *Psc* está em que o primeiro se efetua em material que permanece desconhecido e o segundo se coloca com a vinculação com representações verbais. Portanto, algo se torna consciente, ou pré-consciente, vinculando-se a representações verbais que lhe são correspondentes. Entende-se que as representações verbais são as palavras porque Freud afirma que “pensar em figuras, portanto, é pensar uma forma muito incompleta de tornar-se consciente. De certa maneira, também ela se situa mais perto dos processos inconscientes do que o pensar em palavras” (FREUD, 1969 [1923], p. 34).

O conhecido do inconsciente se coloca por palavras. Sem o grito que a dor da necessidade de satisfação faz soltar, só se tem do objeto, aquele suposto da experiência de satisfação, aquele perdido que se pretende reencontrar, a mais confusa noção. O objeto se torna desagradável, hostil, e o grito é a expressão daquele que sofre do tensionamento da necessidade, permite a presença do que permanece obscuro e inconsciente se não se articula em palavra. “É daí que temos o direito [...] de nos darmos conta de que esse inconsciente não tem, ele mesmo, afinal, outra estrutura senão uma estrutura de linguagem” (LACAN, 2008 [1959-1960]), o que possibilita a interpretação como abordagem.

Enquanto os pensamentos oníricos, latentes, são para Freud exemplos do processo primário, a deformação dos pensamentos oníricos pelos fatores da formação do sonho é modelo do processo secundário. Ao substituírem uma representação por outras, os fatores de formação dos sonhos permitem o desvio do caminho que a primeira representação pode seguir para a satisfação direta.

Portanto, há duas saídas para um processo de excitação inconsciente: ou ele permanece abandonado a si mesmo, e então finalmente irrompe em algum ponto e obtém desafoço para a excitação na motilidade, ou sofre a influência do pré-consciente, e sua excitação é por este *atada*, em vez de *descarregada*, *Este último caso ocorre no processo onírico* (FREUD, 2019 [1900], p. 631, grifo do autor).

O investimento pré-consciente atua a excitação inconsciente e a neutraliza como perturbação, sendo mais econômico tolerar o desejo inconsciente atado (ou ligado) na formação de um sonho do que conter o inconsciente por todo o sono. O sonho é uma ótima solução para a realização dos desejos dos dois sistemas, desde que os dois desejos sejam compatíveis entre si. Da mesma forma, o sintoma é uma resolução do conflito entre os dois sistemas, entre o desejo do *Ics* e a rejeição do *Pcs*. Por um lado, ele proporciona ao *Ics* uma saída para a descarga de sua excitação e, por outro, permite que o *Pcs* tenha algum controle sobre o *Ics*.

No sonho, o sistema pré-consciente despende uma pequena quantidade de atividade desperta para dominar o inconsciente e pode recuar até seu desejo de dormir, e a censura pode descansar fechando o portão à motilidade durante o sono. As moções inconscientes se agitam sobre o palco, mas permanecem inofensivas porque as deformações das representações montam o sonho que satisfaz o desejo do inconsciente de descarga e o desejo pré-consciente de dormir. Por isso o sonho é o guardião do sono. O desejo de dormir, no qual se concentra o Eu consciente e que, com a censura onírica e a “elaboração secundária”, representa sua contribuição para o sonhar, *“precisa sempre ser levado em conta como motivo para a formação do sonho, e cada sonho bem sucedido é uma realização dele”* (FREUD, 2019 [1900], p. 274, grifo do autor).

Por metáfora, diz-se que o desejo de dormir do pré-consciente, desejo de manter o inconsciente quieto, faz o “envelopamento” do desejo inconsciente não só no sono, mas também na vigília, ao representá-lo em palavras, por circunscrevê-lo com palavras. Seja no sonho, seja na vigília, o pré-consciente pode, por condensação, deslocamento, representabilidade e elaboração secundária, jogar com as representações e fazer uso delas de forma a velar o desejo inconsciente. A interpretação como o uso de uma representação no lugar de outra permite também o encobrimento do desejo atando-o. Contudo, a condição de cada um é o desamparo, inclusive da palavra. O que do inconsciente se pode articular em palavras, atase a elas, mas há um impossível que *“não para de não se escrever”* (LACAN, 2008 [1972-1973], p. 65), e este se faz presente tanto no sonho quanto na vigília.

2.2 O sonho malogra

Todo sonho possui um “umbigo” que as associações não conseguem alcançar e destrinchar, um ponto de carência na cadeia associativa (COSENTINO, 1996):

Com frequência, até mesmo nos sonhos mais bem interpretados há um ponto que temos de deixar obscuro, pois na interpretação percebemos ali um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar, mas que também não contribuiu muito para o conteúdo do sonho. Esse então é o “umbigo” do sonho, o ponto em que ele se assenta no desconhecido (FREUD, 2019 [1990], p. 575).

Por um lado, a sobreinterpretação alerta para um sem limite de interpretações que podem ocorrer e o umbigo do sonho é seu ponto de origem. Como o cogumelo de seu micélio, o desejo surge desse umbigo onde ele tem maior densidade. Por conta dele, os pensamentos oníricos alcançados na interpretação são inconclusos e ramificados, podem ir às mais diferentes direções do emaranhado dos pensamentos.

No preâmbulo de seu relato do sonho de injeção de Irma, Freud avisa que não faz a interpretação completa de nenhum de seus sonhos. Na nota de rodapé em que diz isso, justifica que não pode confiar na discrição dos leitores. Mas Freud faz a primeira menção ao umbigo dos sonhos em outra nota de rodapé, aquela que trata justamente de um trecho do sonho em que ele não avança, o qual diz “*A boca se abre facilmente*, ela revelaria mais do que Irma” (2019 [1900], p. 143, grifo do autor). Assim ele fala pela primeira vez do *umbigo dos sonhos*:

Suspeito que a interpretação dessa parte ainda não avançou o bastante para revelar todo o seu sentido oculto. Se quisesse dar continuação à comparação entre as três mulheres, eu me afastaria demais do tema. – Cada sonho tem pelo menos um ponto em que ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido” (FREUD, 2019 [1990], p. 143).

Quanto à interpretação do trecho destacado, assume-se que ele realmente revela mais do que Irma. Revela Freud e seu desejo sexual, do qual ele não diz, e Juan Cosentino (1996) explica que o umbigo do sonho, no relato deste, aparece como marca de algo que não pode ser dito. Isso que não pode ser dito é insondável. Mas, conforme a questão colocada por Marcel Ritter a Lacan (2020), “desconhecido” possivelmente não é a melhor tradução para aquilo a que o insondável se vincula, *unerkannt*. Este trata do “não reconhecido” que, diferente do

desconhecido generalizado, remete a algo colocado ao sonhador em certo encontro e, na atualidade, não é distinguido.

Nem por isso o que não pode ser dito não *escapole*. Em diversos momentos da análise do sonho, ele demonstra insatisfação com Irma e com sua esposa, representada pela paciente no sonho, e declara seu interesse em atender uma amiga de Irma, mais inteligente e que desperta mais simpatias de Freud. Impossível não ler as conotações sexuais nos trechos sobre essa amiga, que não se oporia à Freud, “cederia mais rapidamente” (FREUD, 2019 [1990], p. 143).

Freud pode se aprofundar na análise desse trecho, mas escolhe não o fazer. Talvez se afastasse do tema, mas não dos pensamentos oníricos do sonho, pois os pensamentos que surgem na interpretação, por determinação psíquica, estão associados ao sentido do sonho. Como bem destaca Garcia-Roza (1991, p. 17), no sonho de injeção de Irma, o que perturba Freud não é nem que o sonho tenha um sentido nem que eles sejam realizações de desejos. Disso tudo ele já sabe. O que o perturba é a natureza dos desejos presentes no sonho, a ponto de Freud não avançar mais em determinadas direções porque uma certa reserva se fazia necessária. Sua análise revela mais desejos conscientes que inconscientes. Uma coisa é dizer do desejo de se vingar do amigo, outra é dizer de algo mais arraigado, sexual. Este só está insinuado no sonho e diz de desejos de outro lugar psíquico.

Por isso, este ponto insondável tem a ver com o desejo sexual, que não pode ser plenamente colocado em palavras, atado a elas. Ao conceber a histeria de defesa, como visto, o sexual é compreendido como um núcleo resistente à interpretação, à sua completa transposição em palavras. O desejo frustra a palavra e seu intento mesmo de falar (RICOEUR, 2007, p. 10).

Mas esse desconhecido insondável aponta *além*, para outra *Coisa*. O sonho de Irma, ensina Lacan (2010 [1954-1955]), tem valor exemplar por responder à questão que Freud se coloca e, portanto, por ir bem mais além do que Freud propôs em sua análise. O que confere verdadeiro valor inconsciente a este sonho é a busca da palavra e da significação enquanto tal. Mas surge uma imagem aterradora: a boca se abre e há uma mancha branca e ossos turbinados cobertos de crostas. Nesse ponto, o que Freud encara é a morte, a que não lhe tira sua filha, mas leva seu amigo Marxow, em 1891, pelo uso indevido de cocaína. Ele vê no abismo da garganta uma revelação do real impenetrável, sem mediação possível, ante o que todas as palavras estancam e fracassam. Enseja-se a primeira frase de *Hamlet*, “who’s there?”, “quem está aí?”, e se faz necessário abordar a morte na interpretação.

Contudo, neste sonho, Freud *não* desperta. Para além do sentido, Freud confronta algo estranho, sim, mas o trabalho do sonho consegue dar conta da excitação do desejo que quer se realizar. Para Cosentino (1996), o umbigo dos sonhos, esse ponto limite da interpretação, aparece somente no relato do sonho, entre sombras, e sua marca, seu testemunho, é a impossibilidade de concluir o trabalho de interpretação – não há como tirar mais do fio associativo a não ser para que se execute seu corte. Mas se o sonho se interrompe, há angústia.

O processo onírico é permitido inicialmente como realização de um desejo do inconsciente; quando essa tentativa de realização do desejo agita de tal forma o pré-consciente que este não pode mais manter sua tranquilidade, o sonho rompeu o compromisso, não cumpriu a outra parte de sua tarefa. Ele é imediatamente interrompido e substituído pelo despertar pleno (FREUD, 2019 [1900], p. 633).

O sonho sempre desperta e coloca em atividade uma parte em repouso do *Pcs*, parte que efetua a elaboração secundária. O problema é quando o desejo inconsciente pode ressoar com tanta violência no sistema pré-consciente/consciente que ele não se submete à elaboração secundária. Ou seja, este desejo inconsciente não atado pelo investimento pré-consciente não é trabalhado pelos fatores de formação do sonho e, ao invés de funcionar como o guardião do sono, o sonho provoca o despertar súbito. Neste caso, o sonho fracassa (GARCIA-ROZA, 1991). O sonho falha (COSENTINO, 1996).

Para Cosentino (1996), o ponto de interrupção do sonho que provoca o despertar não é o mesmo ponto limite à interpretação que configura o umbigo do sonho. Nos sonhos interrompidos, o cenário onírico em que se desperta emoldura o que não tem interpretação. Nos que não se interrompem, aparece o umbigo indicando a meada de pensamentos que não se deixam desenrolar – lugar em que o sonho se assenta e faz borda ao não reconhecido [*Unerkannt*]. A partir deste ponto não reconhecido é que se monta o cenário do sonho, que se tece os fios da narrativa do texto do sonho.

Ao questionar Lacan (2020), Marcel Ritter diz que o *Un* de *Unerkannt* o remete ao *Un* de *Unbewusste* e de *Unheimlich*. O primeiro é consagradamente traduzido como *inconsciente*. Já o segundo possui mais de um termo nas traduções: há para ele o vocábulo *estranho*, mas há também o *infamiliar* como escolha de tradução, termo que, assim como *inconsciente*, possui o prefixo *in*. O prefixo permite certas particularidades à essas noções e, em *Unerkannt*, afirma Cosentino (1996), o *Un* antecipa o limite, a impossibilidade, próprios do recalque primordial. Isso é propriamente o que diz Lacan (2020), “que isto diante do que Freud se detém, no caso, como umbigo do sonho, pois é em relação a isso que ele emprega o termo *Unerkannt*, não

reconhecido, é o que ele designa expressamente em outros lugares como *Urverdrängt*, o recalçado primordial”, cujo destino é se especificar pelo que não pode ser dito de modo algum, seja qual for a abordagem.

Por se colocar somente no relato do sonho, o umbigo do sonho passa sempre velado, enviesado, permanece encerrado sob uma tela. Ponto em que a associação se perde, fica imprecisa, todavia porque o não reconhecido a que se liga é o fundo a partir do qual se produz o deslocamento da função associativa (COSENTINO, 1996). No sonho da injeção de Irma, esse ponto surge na imagem terrível e angustiante do fundo de sua garganta, imagem que se conecta com a castração, com o que já não pode ter resposta. Freud não desperta ante esse impossível, o sonho segue, e desemboca na fórmula da trimetilamina, ponto em que suas associações novamente derrapam por ser insondável, em que nada se compreende, desígnio de um limite. Contudo, a fórmula da trimetilamina também é tamponamento do inassimilável.

Já os sonhos que despertam tratam do desenvolvimento da angústia e do traumático (melhor abordado mais adiante neste capítulo). O capítulo VII de *Die Traumdeutung* abre com o sonho do filho morto, pelo qual Freud trabalha o despertar do sonho de angústia.

Um pai passou dias e noites à cabeceira do filho doente. Depois que a criança morre, ele vai para um quarto vizinho, a fim de descansar, mas deixa a porta aberta, para poder ver o aposento onde jaz o corpo do filho, cercado de velas altas. Um homem idoso foi encarregado da vigília e está sentado junto ao corpo, murmurando orações. Após algumas horas de sono, o pai sonha que *o filho está em pé ao lado de sua cama, que o agarra pelo braço e sussurra em tom de repreensão: “Pai, você não vê que estou queimando?”*. Ele acorda e vê um brilho forte vindo do quarto do filho, corre até lá e encontra o vigia idoso adormecido, a mortalha e um braço do corpo amado do filho queimados por uma vela que caíra. (FREUD, 2019 [1900], p. 558, grifo do autor)

Freud compreende que o pai dorme sem muita confiança na capacidade do idoso em permanecer acordado vigiando o filho, a luminosidade das velas não permite um sono profundo e o clarão consequente ao tombamento de uma vela também não contribui para o prolongamento de seu sono. Contudo, esses elementos são sustentados no sonho, que os envolve em suas representações para manter o sono. Uma fala ouvida em um sonho é uma fala já ouvida em vigília⁷ e a frase “Pai, você não vê que estou queimando?” remete à febre que tinha a criança e a uma situação carregada de afetos. Freud interpreta que nesse sonho também não falta a realização de desejo: ele mostra a criança viva ao pai e por um momento prolonga o sono, o desejo de dormir. Por que então ele desperta? “O sonho aqui não satisfaz à precisão de prolongar o sono” (LACAN, 2008 [1964], p. 62)

⁷ Retorno do objeto voz, conforme se pode compreender com Lacan.

Impossibilitado de manter sua tranquilidade, o pré-consciente desperta plenamente, não só em parte. A culpa não é do sonho, que deveria ser o guardião do sono, se este é perturbado, diz Freud, tentando sustentar que o sonho tem um caráter adequado aos fins. O que ocorre é que “uma função normalmente adequada se mostra inadequada e perturbadora quando algo nas condições de sua gênese é alterado; nesse caso, a perturbação serve, pelo menos ao novo fim de apontar a mudança e alertar os meios reguladores do organismo contra ela” (FREUD, 2019 [1900], p. 633). Ou seja, o sonho é guardião do sono, desde que em sua origem, o inconsciente, as condições não mudem e tragam nova perturbação que agite a formação do sonho e sono. Esta perturbação alerta a censura e o pré-consciente e este processo descreve os sonhos de angústia.

O perigo da angústia surge quando o processo onírico tem plena liberdade, quando o desejo recalcado se torna forte o suficiente para desmanchar o domínio do *Pcs*. Para Freud, “a angústia remete, por meio da repressão, a um desejo obscuro, claramente sexual, que encontrou uma boa expressão no conteúdo visual do sonho” (FREUD, 2019 [1900], p. 637). Concorda-se, sem dúvida, que a angústia remete a um desejo sexual, mas não somente a ele, como no caso do aqui abordado sonho do filho morto que desperta o pai com um rechaço. O que acorda o pai é sim uma angústia, com uma origem também obscura. O pai vai dormir e deixa um velho guardião olhando seu filho, mas com certas dúvidas de que esse velho guardião não seja capaz de desempenhar seu papel. De fato, este primeiro guardião falha e dorme. Em paralelo, há outro velho guardião que também falha, provocando o despertar: “*Este velho guardião – acrescentamos – do dormir, que é o sonho, pode não cumprir bem seu trabalho, porque não salvou este pai não só de despertar, como também de outra realidade que despertou neste sonho*”, atenta Cosentino (1996, p. 91),

Freud questiona “por que ao sonho, ou seja, ao desejo inconsciente, é dado o poder de perturbar o sono, ou seja, a realização do desejo pré-consciente” (FREUD, 2019 [1900], p. 629). Ele diz em seguida que a resposta deve estar nas relações de energia, das quais não possui conhecimento, mas que são desenvolvidas posteriormente com a teoria pulsional e o ponto de vista econômico. Os sonhos são exemplos do domínio do princípio do prazer, mas algo se apresenta na mente (aparelho psíquico), algo de *real*, que traz uma nova exigência, a ser atendida ou não, conforme a posição ética ante essa realidade que não obedece ao processo primário de evitar desprazer e obter prazer. Mas este real pode ser mais do que desagradável, por exemplo, quando o sonho falha em processá-lo e ocasiona o despertar. Depara-se com um real que nenhum dos dois processos consegue cingir. Ocorre algo similar quando, apesar da boa formação de compromisso feita com o sintoma, isso que é obscuro

insiste e se agita, a despeito do acordo. “O real, onde o encontramos? É, com efeito, de um encontro, um encontro essencial, que se trata no que a psicanálise descobriu – de um encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que *escapole*” (LACAN, 2008 [1964], p. 58, grifo nosso).

O real é o que escapole, o que é *inassimilável*, e encontra-se nele “o caráter radical da noção conflitual introduzida pela oposição do princípio do prazer ao princípio de realidade - é por isso que não se poderia conceber o princípio de realidade como tendo, por sua ascendência, a última palavra” (LACAN, 2008 [1964], p. 60).

Além do ruído e do clarão do tombamento da vela, Lacan (2008 [1964]) assevera que a outra realidade que desperta o pai é a da criança que está perto de sua cama, pega-o pelo braço e lhe murmura em tom de reproche “pai, não vês que estou queimando?”. Nesta invocação há mais realidade do que o que faz o pai perceber o que ocorre na sala ao lado. Nessa frase está a realidade faltosa que causou a morte da criança, realidade que perpetua para o pai essas palavras que nunca mais se separam do filho morto como suas. O reproche do filho morto perpetua o remorso do pai, não só por colocar para velar o filho quem não está à altura da tarefa, mas também por escancarar que qualquer ação do pai agora se dá tarde demais, tanto com relação ao que acontece na sala ao lado quanto com relação à realidade psíquica que se manifesta na frase pronunciada. Este reproche que vem da morte é inassimilável.

Porque no sonho o pai realiza tanto o desejo de ver seu filho vivo quanto o desejo de dormir, Freud afirma que sua teoria está comprovada. Porém,

o filho pegando seu pai pelo braço, visão atroz, designa um mais além que se faz ouvir no sonho. O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais cruel, do objeto. É no sonho somente que se pode dar esse encontro verdadeiramente único. Só um rito, um ato sempre repetido, pode comemorar esse encontro imemorável – pois que ninguém pode dizer que seja a morte de um filho - senão o pai enquanto pai – isto é, nenhum ser consciente (LACAN, 2008 [1964], p. 63).

Pode-se entender, com Freud, que a perda de um filho remete ao objeto sempre perdido da experiência primeira de satisfação. Insubstituível, no sonho, e somente nele, presentifica-se este que nunca poderá ser sobreposto por deslocamento, o filho, mas indicando ainda a falta – a falta do pai, sua própria castração.

O impossível de se dizer da morte de um filho, da angústia, pura dor que se impõe, não permite uma interpretação pela trilha de representações. Esse impossível está além do princípio do prazer, é algo não reconhecido, *daimoniaco*. Faz pensar em uma frase curta para

tamanha realidade, mas que ainda exprime algo, exprime muito: “Coração da gente – o escuro, escuros” (ROSA, 2021, p. 38).

2.3 Inassimilável: o *daimoníaco* que acoessa

Para Cosentino (1996, p. 96), chama a atenção que em cada uma das partes do capítulo VII, de *Die Traumdeutung*, aparecem antecipados um limite para a rememoração ou uma consequência posteriormente redimensionada. Ali onde fala da psicologia dos processos anímicos, Freud aborda o que escapa à significação, apesar de ainda estar longe de conceituar o além do princípio do prazer. Só em 1920 ele desenvolve extensamente o que não pode ser encerrado em palavras, em um sentido, e, por isso, coloca novas exigências à interpretação.

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud retoma os conceitos de princípio do prazer e princípio de realidade e lembra que o modo *primário* de trabalho do aparelho psíquico, que visa a descarga de excitação sem impedimentos, é inútil e perigoso para a afirmação do organismo ante as dificuldades externas. Por isso, ao princípio do prazer, sob influência das pulsões de autoconservação, sucede-se o *princípio de realidade*, que exige e estabelece o adiamento da satisfação e a tolerância temporária ao desprazer. Ou seja, nem todas as moções pulsionais são admitidas porque suas metas são inconciliáveis com aquelas que podem se juntar ao Eu, por isso são recalçadas. Por desvios, se manifestam e têm sua satisfação, mas são sentidas como desprazer pelo Eu. “Qualquer desprazer neurótico é dessa espécie, é prazer que não pode ser sentido como tal” (FREUD, 2020 [1920], p. 69).

Mas as “neuroses traumáticas”, adquiridas após acidentes e na guerra, trazem novas interrogações à teoria. Freud destaca que o agravamento se dá porque a circunstância em que ocorre é surpresa, de terror, para a qual o sujeito não estava preparado. E na vida onírica do traumatizado, ele é constantemente reconduzido à situação do acidente. Isto coloca em questão a natureza e a função do sonho, que seria a de realizar o desejo, e introduz a discussão sobre a *compulsão à repetição*.

Ao afirmar que a técnica psicanalítica se contenta em estudar a superfície psíquica do analisando, Freud (1914) afirma que é possível abdicar do estabelecimento de um determinado momento ou problema para realizar o trabalho de preencher as lacunas da lembrança e de superar as resistências. Isso é possível porque o que foi esquecido ou recalçado, mesmo não lembrado, é atuado pelo analisando. “Ele não o reproduz como

lembrança, mas como ato, ele *repete* sem, obviamente, saber que o repete” (FREUD, 2019 [1914], p. 154).

Um analisando que conta que não se lembra de ter sido rebelde e incrédulo ante a autoridade dos pais, por exemplo, repete este comportamento com o médico. Se no tempo em que a técnica psicanalítica utilizava-se da hipnose e da ab-reação o lembrar se dava pelo transportar o paciente a uma situação anterior, neste momento

a repetição é a transferência do passado esquecido não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação presente. Portanto, precisamos estar preparados para o fato de que o analisando se entrega à obsessão da repetição, que agora substitui o impulso para a lembrança, não apenas na relação pessoal com o médico, mas também em todas as outras atividades e relações simultâneas da sua vida (FREUD, 2019 [1914], p. 155)

Constata-se que, cotidianamente e com aquele que o analisa, sob as condições da resistência, o analisando repete “tudo que já se impôs a partir das fontes do seu recalcado em sua essência evidente, suas inibições e posições inviáveis, seus traços de caráter patológicos. Pois ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento” (FREUD, 2019 [1914], p. 156). Ou seja, repete as representações ligadas a experiências anteriores e similares, a partir de representações adjuntas que são vivenciadas em situações reais e atuais.

No exemplo dado, as representações “rebelde e incrédulo” são um mecanismo de defesa que se repete no encontro com um médico que, na posição de “autoridade”, faz o analisando se deparar novamente com esta representação. Considerando que o que é sentido como insatisfação em um sistema (consciente) é sentido como satisfação no outro (inconsciente), do ponto de vista econômico, a excitação é contida. Interpretando as representações em jogo, compreende-se que o comportamento rebelde e incrédulo possibilita uma antiga (infantil) forma de satisfação ante o tensionamento que uma autoridade ocasiona. Quanto maior a resistência em associar livremente a partir dessas representações, mais frequente é a substituição do lembrar a relação infantil pelo repetir o comportamento. A repetição na atuação permite a manutenção da defesa contra a ideia/representação conflituosa em que o analisando não quer pensar. Ele até mesmo reconhece que se lembra da situação que repete, mas, como já visto, como forma de resistência, não pensa sobre ela para não elaborá-la. “O fato decisivo é que os mecanismos de defesa contra perigos antigos reaparecem no tratamento como *resistências* contra a cura. Decorre daí que a cura é tratada como um novo perigo, até pelo Eu” (FREUD, 2019 [1937a], p. 343).

Freud enfatiza que é necessário comunicar ao paciente a resistência que ele desconhece conscientemente. Contudo, este não é todo o trabalho a ser realizado.

O efeito terapêutico está atrelado à conscientização num sentido amplo, do recalque contido no Isso; preparamos o caminho para essa conscientização através de interpretações e construções [*Konstruktionen*], mas interpretamos apenas para nós mesmos, não para o analisado, enquanto o Eu se mantiver preso às defesas antigas e não desistir das resistências (FREUD, 2019 [1937], p. 344).

O analista, orientado em seu trabalho, interpreta a repetição do paciente como uma forma de reação antiga, mas somente anuncia a resistência após dar tempo ao analisando para ele *perlaborá-la*, superá-la, através da associação. Não é sem a resistência e sem a regra psicanalítica fundamental que se descobre as moções pulsionais recalçadas que alimentam as resistências.

Mas em 1920, Freud trabalha outra forma de repetição, começando com a experiência conhecida por *Fort-da*. Ele relata a observação de uma criança saudável e amada, que não chora quando a mãe sai, mas desenvolve uma brincadeira. Ela joga para longe seus brinquedos ao mesmo tempo em que, com interesse e satisfação, faz o som de “ooo”. Com seu carretel amarrado à uma linha, que não arrasta atrás de si, brinca jogando-o pela beirada de seu berço cortinado e puxando-o de volta, saudando seu aparecimento com um alegre “da”. A própria mãe da criança, com a concordância dos demais adultos envolvidos, explica os sons: “ooo” significa *Fort*, ou seja, *desapareceu*, e “da” significa *eis aqui, achô, chegou*⁸. A vocalização tenta expressar algo que some e reaparece. A brincadeira faz sumir e retornar, mesmo que nem sempre ocorra o segundo tempo, e o prazer maior com ele.

Esta repetição não é a atuação de uma lembrança recalçada. Freud entende que nesta brincadeira a criança reproduz as saídas e retorno da mãe e consente com tal afastamento, fazendo a renúncia de sua satisfação pulsional. Observa-se a vivência da castração na cena, com o afastamento da mãe enquanto objeto de satisfação.

Mas a questão é que “ficamos na dúvida se a pressão para elaborar psiquicamente com algo impressionante, para se apoderar disso plenamente, pode manifestar-se de maneira primária e independentemente do princípio do prazer” (FREUD, 2020 [1920], p. 83). Se o princípio do prazer é um modo de funcionamento mais antigo e primário do sistema psíquico, que visa a diminuição de excitação, por que a impressão desagradável é repetida? A resposta de Freud é que há de ter um ganho de prazer de outra ordem, mas direto.

⁸ A tradução utilizada, da Editora Autêntica, propõe esses termos, na página 77. A Edição *Standard* Brasileira da Imago propõe *ir embora* para *fort* e *ali* para *da*. Em nota, o tradutor da Imago afirma que na edição inglesa *fort* foi traduzido por *gone*, que significa *foi*.

As crianças reproduzem experiências desprazerosas em suas brincadeiras para abrigarem à intensidade da impressão e se tornarem senhoras da situação. Na repetição satisfatória vista nessa brincadeira, prazerosa para a criança, há domínio do princípio do prazer na realização do desejo de ser grande e fazer o que as pessoas grandes fazem. A repetição da brincadeira da criança serve para fazer daquilo que é desprazeroso objeto de recordação e elaboração anímica e não dá testemunho de uma repetição que não obedeça ao princípio do prazer, que vise tendências que estão além do princípio do prazer.

Novamente: a partida da mãe não é agradável. Há ausência da satisfação esperada, o desapontamento é experimentado. Mas a criança, ao invés de chorar e se agarrar à mãe, abandona tal forma de satisfação. Seguindo a formulação freudiana da aceção ética do princípio do prazer ao princípio de realidade, observa-se a decisão da criança de formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo, ou seja, interpretá-lo, e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Seguindo tal orientação, ante a interrogação do porquê da criança reviver repetidamente a vivência desagradável da separação da mãe em uma brincadeira ao invés de negar essa experiência, o que estaria mais de acordo com o princípio do prazer e a resposta do processo primário à vivência desagradável, Freud constrói algumas respostas. Uma possível é de que a criança sai da posição passiva de quem tem de aceitar o afastamento, e se coloca na posição ativa, satisfazendo uma pulsão de apoderamento. Outra, é a de realização da satisfação de moções hostis, de vingança contra a mãe, que desaparece de perto da criança, ou de afastamento ou maltrato de rivais, simbolicamente representados pelo brinquedo jogado longe. De qualquer forma, entende-se, junto de Lacan (1998 [1953]), que não se trata de recorrer à noção de masoquismo primário para entender a razão dos jogos repetitivos, e sim de compreender que a subjetividade fomenta o domínio de sua derrelição e o nascimento do símbolo.

Ao encenar o desaparecimento e o retorno materno fazendo desaparecer e retornar o seu brinquedo, a criança repete simbolicamente seu próprio abandono, seu próprio sofrimento. Reconhece seu lugar de objeto para a mãe, mas inverte a situação e ocupa outra posição ao ter domínio sobre sua privação, sendo então sujeito dela, quem faz desaparecer. O *Fort*, ao fazer desaparecer, relaciona-se à ausência, enquanto *da*, com a aparição, é correlato da presença. A alternância entre presença e ausência constitui o jogo simbólico que, assim como a oposição entre as cores vermelha e preta em um jogo de cartas, demonstra parte de uma linguagem já organizada. “Na ordem simbólica, todo elemento vale como oposto a um outro” (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 18).

O desaparecimento da mãe coloca a falta para a criança, ou seja, seu desejo, assim como um enigma. Ao dominar sua privação, a criança realiza uma estruturação do enigma dessa falta elevando seu desejo a uma potência secundária, destruindo o objeto que faz desaparecer e aparecer em uma *provocação* antecipatória de sua ausência e sua presença (LACAN, 1998 [1953]). Dessa forma, ela negativiza o campo de forças do desejo e se torna ela mesma seu próprio objeto, que ganha corpo no par simbólico dos opostos “ausência e presença” que se alternam. Isso anuncia para ela a integração diacrônica da dicotomia dos fonemas, e a linguagem oferece a estrutura sincrônica para sua assimilação, o que permite à criança iniciar seu comprometimento com o sistema do discurso do ambiente. Ou seja, ela reproduz os vocábulos que recebe do ambiente no *Fort* e no *da*.

Ouve-se um exemplo desse mecanismo de repetição da experiência desprazerosa para se reposicionar ante a perda na música *Losing my edge*, do grupo musical LCD Soundsystem. O narrador afirma estar perdendo seu lugar de destaque no meio musical, sendo esquecido conforme novos músicos e novas sensações surgem. Em resposta, conta sua história, canta sua importância, no desejo de manter sua posição, para não perdê-la. A melodia tem um ritmo repetitivo, mas sua intensidade aumenta conforme avança.

*Yeah, I'm losing my edge
I'm losing my edge
The kids are coming up from behind
I'm losing my edge
I'm losing my edge to the kids from France and from London
But I was there
[...]
I was there in 1974 at the first Suicide practices in a loft in New York City
I was working on the organ sounds with much patience
I was there when Captain Beefheart started up his first band
I told him, "Don't do it that way. You'll never make a dime"
I was there
I was the first guy playing Daft Punk to the rock kids
I played it at CBGB's
Everybody thought I was crazy
We all know
I was there
I was there
I've never been wrong⁹*

⁹ “Sim, estou perdendo meu lugar / estou perdendo meu lugar / os moleques então vindo aí atrás / estou perdendo meu lugar / estou perdendo meu lugar para os moleques da França e de Londres / mas eu estava lá [...] eu estava lá em 1974 nos primeiros ensaios do Suicide num loft em Nova York / eu trabalhava nos sons dos instrumentos com muita paciência / eu estava lá quando Captain Beefheart começou sua primeira banda / eu disse a ele ‘não faça assim, você não conseguirá um tostão’ / eu estava lá / fui o primeiro cara tocando Daft Punk para os moleques roqueiros / Toquei no CBGB’s / Todo mundo pensou que eu estava louco / Todos sabemos / eu estava lá / eu estava lá / nunca estive errado”.

A música encerra com a frase “you don’t know what you really want” em repetição, centralizando a questão do desejo, sempre negativado, e concebendo uma impossibilidade, uma perda – tratada de maneira artística prazerosa na música.

Ante a perda, o desejo negativado possibilita a construção de uma resposta para dominar o efeito dessa perda, construção que, para Lacan, é simbólica. Um elemento ainda não ligado, originado pelas idas e vindas da mãe, pode ser atado na brincadeira pela representação *Fort* e pela representação oposta *da*. Mesmo que a segunda palavra não se coloque sempre, por uma vez ter sido empregada, é um segundo tempo sempre suposto para estabelecer a representação primeira, *Fort*. O jogo do *Fort-da* mostra a necessidade de representar uma situação antes mesmo de afastar seu tensionamento.

A repetição se dá e traz muito desprazer ao Eu, cuja resistência está a serviço do princípio do prazer. A compulsão à repetição mostra a força do recalçado, corpo estranho desde os *Estudos*. Mostra a atividade das moções pulsionais recalçadas, mas, como no *Fort-da*, elas podem estar sob o domínio do princípio do prazer, porque o que é desprazeroso no sistema consciente pode ser prazeroso no inconsciente, que pelas formações substitutivas consegue se manifestar, obtendo a satisfação pulsional. O problema crucial para a teoria é:

o fato novo e digno de nota que agora iremos descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalçadas desde então (FREUD, 1920, p. 91).

Situações indesejadas e dolorosas se repetem na vida e sob transferência, e não há como servirem para obter prazer e diminuir tensão a partir delas. Os exemplos de Freud remetem à castração, ao fim do amor do período infantil após o florescimento da vida sexual frustrado com a perda de amor e a conclusão insatisfatória da investigação sexual, ou seja, sem um sentido último sobre a diferença sexual. Uma compulsão pressiona neuróticos e pessoas não neuróticas à repetição dessas circunstâncias do período infantil, que mesmo nessa época só trouxeram desprazer. Tem-se a impressão da existência de um traço *daimoniaco* em seu viver, em seu destino. Freud exemplifica com a história da mulher que por três vezes se casa para logo depois ver cada marido seu adoecer, necessitar de seus cuidados e então morrer. Também lembra a sina de Tancredo em *Gerusalemme Liberata*, que mata sua amada Clorinda quando ela está velada pela armadura inimiga e volta a matá-la ao golpear uma árvore da floresta encantada que assusta seu exército, árvore em que a alma de Clorinda é prisioneira. Aqui se murmura um paralelo com o sonho do filho morto, já que ao golpear a

árvore, a voz de Clorinda é ouvida por Tancredo, *coisa* estranha essa que condena à eterna presença da perda.

Portanto, pode-se considerar que a compulsão à repetição colocada em movimento nos fenômenos da transferência almeja a satisfação do recalçado, mas encontra a resistência do Eu, obstinado no recalçamento, agarrado ao princípio do prazer. Contudo, há na vida anímica uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, “mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado” (FREUD, 2020 [1920], p. 99), e dela se tem notícias a partir dos sonhos com acidentes.

Para compreender essa tendência mais elementar, Freud explora a ideia do desenvolvimento do organismo e do aparelho psíquico. O organismo se desenvolve construindo proteções físicas contra os estímulos externos, mas pouco pode fazer contra os estímulos internos que causam o aumento de desprazer. Uma defesa possível, diz Freud, é tratar essas tendências desprazerosas como se agissem de fora, originando a projeção. Esse mecanismo remonta a *das Ding*¹⁰. Mas, se as excitações externas são intensas a ponto de romper a proteção, são consideradas *traumáticas* e inundam o aparelho anímico com grande quantidade de estímulo. Em resposta, um grande “contrainvestimento” é convocado, empobrecendo o investimento nos demais sistemas psíquicos, o que pode explicar as desorganizações sistemáticas que o paciente tem em sua vida após um trauma. O objetivo de ligar, ou atar, psiquicamente toda a energia excedente, transformá-la em energia quiescente, é a primeira tendência do organismo. Se o sistema não consegue lidar com a energia fluente, mais violentas são as consequências do rompimento da proteção.

O terror e a ameaça à vida podem ter a mesma ação violenta sobre o aparelho anímico se não há a proteção da angústia. Esta superinveste os sistemas preparando-os para lidar com o estímulo interno conflituoso e não deixá-lo se instalar, sendo a última proteção do aparelho contra ele. A falta de preparo dos sistemas faz diferença quanto ao impacto que o estímulo conflituoso pode ter.

Nesse ponto, Freud altera a teorização sobre os sonhos.

Se os sonhos dos neuróticos acidentários reconduzem os doentes tão regularmente de volta à situação do acidente, eles certamente *não estão a serviço da realização dos desejos*, cuja produção alucinatória tornou-se a função dos sonhos sob o domínio do princípio do prazer (FREUD, 2020 [1920], p.119, grifo nosso).

¹⁰ *Das Ding* será melhor trabalhada no terceiro capítulo desta dissertação.

Em 1900, o sonho se forma a partir de condensações e é obrigatoriamente sobredeterminado. O conteúdo onírico não se apresenta sem interpretação, sem que o conteúdo latente se coloque por ele. Mas a partir da experiência clínica de que há excitações que não são possíveis de serem ligadas, permanecendo *além do princípio do prazer*, Freud reconsidera um dos mais importantes postulados da psicanálise, o de que o sonho é uma realização de um desejo. O sonho é um exemplo de processo primário bem sucedido, a ponto de executar a função de guardião do sono, permitindo que ele não seja interrompido. Mas o processo primário é signatário do princípio do prazer. E, se um além do princípio do prazer está em jogo, a que serve o sonho traumático?

Os sonhos tentam executar outra tarefa para que o princípio do prazer possa iniciar seu governo: recuperar o domínio do estímulo pelo desenvolvimento da angústia, que, ao faltar, tornou-se a causa da neurose traumática. A contenção do estímulo soa aqui como uma função do aparelho anímico mais primitiva que o princípio do prazer. Por isso,

a função do sonho de eliminar os motivos de interrupção do sono pela realização de desejo das moções perturbadoras não seria sua função originária; ele só poderia dominá-la depois que o conjunto da vida anímica tivesse aceitado o domínio do princípio do prazer. Se existe um “além do princípio do prazer”, é coerente admitirmos também um período anterior para a tendência à realização de desejos dos sonhos (FREUD, 2020 [1920], p. 121).

O domínio do estímulo pelo aparelho psíquico é anterior ao princípio do prazer – e não contradiz os princípios na tendência de evitar desprazer de um e de buscar um prazer mais seguro do outro. Tal domínio se dá pela ligação das excitações em uma tarefa independente do princípio do prazer, mas não em oposição a ele. As principais fontes de excitação interna são as pulsões, e a compulsão à repetição demonstra o caráter pulsional das moções que não obedecem ao processo nervoso do tipo ligado e, sem se submeter ao princípio do prazer, têm caráter daimoniaco.

Sendo a interpretação método de conhecimento e intervenção que entende que uma representação se coloca no lugar de outra, da qual é representante simbólica, o que pode ela ante um estímulo impensado, não atado a representações? A partir de 1920, não se pode considerar que nos sonhos traumáticos e de angústia uma representação está por outra tão somente, velando um sentido que remete ao desejo. Há sonhos que representam um desejo, mas há outros sonhos que impõem angústia ao sonhador, exigindo outro trabalho dele. Se o objetivo do sonho é agora dominar o estímulo por ligação, é por ligação a representações. Desenvolve-se primeiro a angústia antecipatória para a tendência mais elementar de ligar um

estímulo a representações. Freud fará isso pela construção, a ser trabalhada no último capítulo deste trabalho. Contudo, assim como a interpretação pode levar a um ponto que se estende ao infinito porque se depara com o corte da castração, o estímulo não pode ser todo representado. Não é possível interpretar infinitamente porque a castração não o permite. Não é possível pôr fim à insistência do estímulo porque isso vai de encontro ao que é a pulsão.

2.4 A pulsão e a pulsão em Freud

A pulsão é um estímulo para o psíquico que advém do interior do próprio organismo. Mas, diferente do estímulo comum, cujo impacto é único e pode ser neutralizado por uma única ação, a pulsão não atua como uma *força momentânea de impacto*, e sim como uma *força constante*. Freud destaca a inter-relação do biológico e do anímico em sua definição:

nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como “representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal (FREUD, 2017 [1915], p. 25).

Para Freud, cabe denominar esse estímulo pulsional por “necessidade”, sendo o que suspende a satisfação, alcançada por uma mudança adequada da fonte interna de estímulos. Nenhuma fuga é eficaz contra a pulsão e, sendo constante, nenhuma satisfação é suficiente para aniquilá-la. Toda satisfação é somente parcial. Nenhuma ação realizada no sentido de diminuir a tensão provocada pela pulsão a elimina porque ela mantém seu caráter de premência, e, por isso, pode-se concluir que as fontes mais abundantes da excitação interna são pulsões (FREUD, 2020 [1920]).

Enquanto dos estímulos externos é possível se subtrair, os internos impõem exigências mais elevadas ao sistema nervoso, conduzem-no a atividades complicadas e intrincadas que modificam o mundo externo – este oferece a satisfação da fonte interna de estímulos. Os estímulos internos

obrigam o sistema nervoso a abdicar de sua intenção ideal de conservar afastados os estímulos distantes, pois mantêm um inevitável e contínuo afluxo de estímulos. Poderíamos concluir, pois, que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua

infindável capacidade de realização, ao seu tão elevado patamar atual de desenvolvimento (FREUD, 2017 [1915], p. 23).

Em 1915, para Freud, as pulsões possibilitam a evolução do sistema nervoso por orientá-lo à busca de satisfação que depende da ação específica, a ser elaborada pelo sistema psíquico.

As moções pulsionais seguem o processo primário, que é o próprio investimento livre móvel. E o processo secundário, vigente na vida normal de vigília, corresponde às modificações produzidas no investimento ligado. A tarefa de ligar as excitações das pulsões que afetam o processo primário é das camadas superiores do aparelho anímico, cujo fracasso provoca perturbação análoga à da neurose traumática. Só após a ligação ser bem-sucedida se estabelece o domínio do princípio do prazer, como também do princípio de realidade. Tal ligação, que é o domínio da excitação, é prioridade do aparelho psíquico, não em oposição ao princípio do prazer, mas independente dele e sem o compromisso de levá-lo em consideração.

As manifestações de uma compulsão à repetição, que descrevemos nas atividades precoces da vida anímica infantil, assim como nas vivências do tratamento psicanalítico, exibem, em alto grau, o caráter pulsional, e quando se encontram em oposição ao princípio do prazer, o caráter daimoníaco. (FREUD, 2020 [1920], p. 127).

Na brincadeira infantil, a criança repete a experiência desagradável para adquirir controle sobre a impressão causada por uma experiência passiva. E repete brincadeiras e histórias infantis para manter a identidade da impressão causadas por ela. Nessas repetições, há domínio do princípio do prazer porque o reencontrar a identidade é fonte de prazer. Mas os analisandos apresentam em transferência restos mnêmicos recalçados de experiências primevas que não estão em estado ligado e não estão aptos ao processo secundário. Isso justifica o medo de análise daqueles que não incorrem em uma, porque acreditam que isso que tem caráter daimoníaco deve ser deixado em silêncio, mesmo que seu sofrimento cotidiano e a compulsão à repetição em sonhos perturbadores mostre que está desperto e ativo, aumentando a excitação e o desprazer da vida anímica.

Freud então reformula sua definição de pulsão, caracterizando-a como uma pressão inerente ao organismo animado para restabelecer um estado anterior, abandonado por conta de influências perturbadoras externas. As pulsões têm, portanto, caráter conservador e são orientadas à regressão a um estado anterior. Elas trabalham para assimilar as perturbações externas visando ao estado sem tensões. Por isso, Freud afirma que *a meta de toda vida é a morte* (FREUD, 2020 [1920], p.137).

Influências externas decisivas obrigam o vivo a percorrer desvios complicados para alcançar a meta da morte, e esses rodeios para a morte, fielmente mantidos pelas pulsões conservadoras, oferecem o quadro das manifestações da vida. As pulsões de autoconservação são pulsões parciais, destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte mantendo afastadas quaisquer possibilidades de retorno ao inorgânico que não as imanentes. O organismo quer morrer à sua maneira.

Difícil conceber que todo desenvolvimento humano é um desvio no curso do objetivo do organismo de morrer à sua maneira, mas é o que Freud defende, em 1920, a partir do sofrimento sem prazer, inclusive para o sistema inconsciente. Contudo, a Psicanálise parte de uma concepção dualista, de conflito entre opostos. Se há a visada à morte pelo que Freud nomeia então de *Pulsões de Morte*, há as forças pulsionais pela preservação da vida pressionando para o prolongamento desta. Freud as sustenta considerando as células germinativas que precisam do par diferente para executarem sua função. Ele chama de *Eros* a existência dessa necessidade pulsional de ligação sexual para estabelecer a vida, as pulsões de vida. Chega a afirmar que elas são conservadoras quando trazem de volta estados anteriores da substância viva, quando mostram particular resistência contra influências externas e quando preservam a própria vida por períodos mais longos.

Diversos são os fenômenos clínicos em que se pode questionar a prevalência do princípio do prazer. Mesmo a formação de sintomas não serve somente como exemplo de excitação ligada. Nos *Estudos sobre a Histeria*, já se observa como a conversão não dá conta de realizar o domínio pretendido da excitação. A formação de compromisso que há no sintoma é abalada pelo caráter daimoniaco da pulsão em sua premência. Diferente do que se afirma ao final da *Comunicação Preliminar*, não é possível anular a efetividade da ideia que originalmente não foi ab-reagida, nem corrigir totalmente as associações.

Para finalizar, destaca-se que além de não poder esgotar o sofrimento partindo da premissa de eliminá-lo, notam-se nas expressões das pacientes algo *além* do sofrimento, muitas vezes uma expressão de prazer. Freud por vezes usa a palavra *Genuss*, que significa gozo, como quando fala que ao ouvir uma piada, “a novidade será sempre a condição do gozo” (FREUD, 1920, p. 129). Mas não o conceitua, como faz Jacques Lacan posteriormente. *Genuss* é usado por Freud para se referir a prazeres extremos, alegria extrema, júbilo, êxtase e volúpia. Tais expressões extremas não cabem no princípio do prazer. Freud as mostra como

mais do que *Lust* (prazer), e sublinha o seu caráter de excesso em relação ao princípio do prazer, cuja barreira é atravessada nesses casos. Essas manifestações

podem ser sentidas como sensações dolorosas, indo até a repulsa, o asco ou o horror, na medida em que o sujeito não consegue destacar-se delas (VALAS, 2001, p. 25)

Ou seja, se Freud não define o gozo, o delinea. Ele também situa o que está para além da fronteira do princípio do prazer nas manifestações repetitivas de prazer na dor, considerando o masoquismo, e observa atos e comportamento repetitivos de seus pacientes que não podem ser compreendidos somente com o princípio do prazer. O analisando que repete em transferência os acontecimentos da sua infância ultrapassa o princípio do prazer de todas as maneiras. Lembra-nos dos pacientes que se sentiram, de alguma forma, preteridos na infância, experienciaram a perda de amor, e forçam o desdém do médico. Nada disso pode propiciar prazer.

É o que ocorre com Emmy von N., que sistematicamente inicia tratamentos com médicos que a hipnotizam. Após um tempo, apesar de ter demandado o tratamento hipnótico, rompe a relação terapêutica e se queixa dos médicos. Em 1924, Freud enxerta a seguinte nota de rodapé no final do caso:

Alguns anos mais tarde, encontrei, numa reunião de naturalistas, um médico proeminente da mesma região da Sra. Emmy, a quem perguntei se a conhecia e se sabia algo de seu estado de saúde. Sim, conhecia-a, ele mesmo a tratara por meio da hipnose e ela havia encenado com ele - e com muitos outros médicos - a mesma peça que encenara comigo. Havia chegado em condições lastimáveis, recompensara o tratamento hipnótico com êxito excepcional para, em seguida, se indispor com o médico, abandoná-lo e mais uma vez ativar toda a dimensão de sua doença. *Era a autêntica “compulsão à repetição”* (FREUD, 2016 [1895], p. 154, grifo nosso).

Ao encenar a mesma peça com cada médico, a Sra. Emmy von N. atua algo do que não consegue perlaborar. Seus comportamentos e sintomas retomam situações de conflitos em que não pode reagir, repetindo representações recalcadas. Demanda tratamento e “deixava-se colocar em estado de sonambulismo com a maior facilidade” (FREUD, 2016 [1895], p. 75), “se presta muito bem para a hipnose” (FREUD, 2016 [1895], p. 79), demonstrando colaboração com ele. Mas Freud testemunha que “em plena consciência de sua melhora, zomba do tratamento do médico que me precedeu. Há muito tinha a intenção de livrar-se desse tratamento” (FREUD, 2016 [1895], p. 84) e com Freud não foi diferente. Após um primeiro período de tratamento com efeitos benéficos e duradouros, Freud percebe manifestações de seu desejo de escapar à sua influência.

Isso torna a análise impossível? Aposta-se em uma abordagem ao elemento daimoniaco, não ligado, que se repete arredio ao princípio do prazer. Ele se coloca como obstáculo ao estabelecimento das associações, e, insistindo na não ligação, pode provocar seu

rompimento. Contudo, o trabalho interpretativo e de ligação contam com o compromisso ético de cada um consigo mesmo, de não se cegar pelos erros do Eu paralisado ante as relações com o Isso. “Não podemos fugir de nós mesmos, contra o perigo interno não há fuga possível” (FREUD, 2019 [1937a], p. 342).

3 UMA ÉTICA PARA A INTERPRETAÇÃO

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior.

Grande sertão: veredas, João Guimarães Rosa

Freud (2019 [1937a]) considera que dois temas se destacam e dão muito trabalho ao analista: a *inveja do pênis*, no caso das mulheres, e a aversão contra a sua postura passiva ou feminina com a relação a outro homem, no caso dos homens. O que há em comum nos dois casos é o comportamento diante do complexo de castração. No caso do homem, o recalque da postura passiva é sintônico com a recusa da castração. Já a mulher, aspira à masculinidade, em atitude de acordo com o Eu, mas o recalque também recai sobre ela e dele dependem os destinos da feminilidade. Em ambos os casos, diz Freud, é a oposição ao outro sexo que sucumbe ao recalque e o analista tem a sofrível sensação de esforço repetido e infrutífero pelejar para que o paciente aceite isso.

A própria castração, como correlata de uma impossibilidade, pode impedir o trabalho analítico. No homem, com a recusa à passividade, observa-se o não se submeter à relação com outro homem e ao tratamento médico. Na mulher, derivam irrupções de depressão por conta da convicção de que nada pode ajudá-la – senão o falo, que falta. A resistência impede que se produza uma modificação e deixa tudo como está. “Consolamo-nos com a certeza de que oferecemos ao analisado todo estímulo possível para que ele pudesse reexaminar e mudar a sua postura em relação a ele.” (FREUD, 2019 [1973a], p. 361).

Não há modificação possível para o inassimilável da castração, somente para a postura ética ante ela. O mesmo se impõe quanto à morte, “conceito abstrato com um conteúdo negativo para o qual nenhum correlato inconsciente pode ser encontrado” (FREUD, 1969 [1923], p. 75). Ideia aterradora, a morte não pode ser positivada por uma representação, por uma simbolização. O que pode a interpretação ante a morte? A associação livre não trilha o caminho das representações, não chega a um sentido ao seguir um fio lógico porque não há representação inconsciente a desvelar. A morte é um limite:

não como término eventual da vida do indivíduo, nem como certeza empírica do sujeito, mas, segundo a fórmula que dele fornece Heidegger, como "possibilidade absolutamente própria, incondicional, insuperável, certa e, como tal, indeterminada do sujeito", quer dizer, do sujeito definido por sua historicidade (LACAN, 1998 [1953], p. 319).

O que a pulsão de morte impõe ao indivíduo é um limite à função histórica do sujeito, sua possibilidade de constituí-la. Esse limite se presentifica em sua forma real com a repetição. Mesmo que uma representação não liquide o insignificável, a resposta ante isso que, por não ser domado, segue pressionando, não é sem a representação.

Quanto a constituir a própria história a partir de representações, Lacan afirma que a sepultura é o primeiro símbolo em que se reconhece a humanidade em seus vestígios. Sendo o símbolo o assassinato da coisa, a sepultura é um símbolo da tentativa de assassinar a própria morte. A sepultura representa aquele que não vive mais. E faz isso através de um símbolo que mantém sua presença, constituindo naquele que vive a eternização de seu desejo. Reconhece-se a intermediação da morte nas relações que o homem estabelece com sua própria história, relações com que o homem entra na vida de sua história, "única vida que perdura e que é verdadeira" (LACAN, 1998 [1953], p.320).

Na graphic novel *Maus: a história de um sobrevivente*, Art Spiegelman (2009) conta as lembranças de seu pai, Vladek Spiegelman, sobre a perseguição aos judeus pelos nazistas e sua ida a Auschwitz. Em certo ponto, Art fala a sua noiva sobre seu irmão Richieu, morto ainda criança durante a 2ª Guerra Mundial. Art não conheceu Richieu, mas conviveu com um símbolo dele:

Figura 1 - Conversa de Art com sua noiva



Além de viverem a morte do campo de concentração, os pais de Art perdem Richieu e, sendo a morte inassimilável, por muito tempo não acreditam nela e procuram o filho. Sem encontrá-lo, têm em sua casa uma foto – um símbolo – dele. Mas essa presença não serve como uma positivação para Art, filho nascido após a guerra. Para Art, essa foto tem uma presença mortífera, uma imagem congelada de um filho ideal que o torna insuficiente, imagem que é causa ou de indiferença ou de sentimentos que, claramente, não são prazerosos. Se há intermediação da morte nas relações que o homem estabelece com sua própria história, Art não consegue engendrar essas relações, expressão da pulsão de vida, em sua infância. Elas só são construídas quando ele consegue dar um destino à tragédia de seus pais, quando a toma como própria, empunha-a como parte de suas representações e se historiciza em *Maus*.

Com a Pulsão de Morte, compreende-se a existência de algo não ligado a representações, mas que pressiona para o retorno ao inanimado, estado perturbado por forças externas. Não se trata de um conflito entre uma representação recalcada esquecida e a censura contra o que pode trazer desprazer ao Eu. Não se trata de bem dizer uma ideia conflituosa relegada às sombras, mas que se expressa na primeira oportunidade por formações do inconsciente se ligando a desejos não realizados do pré-consciente. Não há representações a revelar pela interpretação, mas há a insistência da pulsão desse que se aflige, como Art Spiegelman. Porque algo ainda insiste sem se dizer, Freud teoriza mais outra resposta do analista, a construção. Como diz Sérgio Laia (2019, p. 384), a construção é uma operação clínica que não se vale apenas das lembranças (ou seja, das representações do passado), ela se pauta “no que se perdeu sem deixar qualquer registro na realidade, mas que se impõe ainda na vida”.

Em *Construções em análise*, Freud (2019 [1937b]) orienta para a recuperação de lembranças perdidas pela construção do esquecido. Nesse momento, ele diz que o trabalho analítico é suspender os recalques e substituí-los por reações que correspondam a um estado de maturidade psíquica. Para tanto, é preciso recordar vivências e moções de afeto desencadeadas que estão sob esquecimento porque os sintomas e as inibições, consequências do recalque, são os substitutos do esquecido. Do que o analista dispõe para essa construção? Fragmentos de lembranças dos sonhos, ocorrências na associação livre, alusões de repetições e afetos: os fenômenos de divisão que dão a convicção da existência do inconsciente (MILLER, 1996). Freud não ouve uma totalidade na fala do paciente, ele diz de pedaços, e a partir deles objetiva “uma imagem dos anos de vida esquecidos do paciente, imagem que seja confiável e consistente em todas as partes essenciais” (2019 [1937a], p. 366).

Não se conta com muito mais que vislumbres e lembranças incompletas do que está em causa para a análise. Freud faz, então, a diferenciação da parte do analisando e da parte do analista no trabalho de recuperação. O analisando deve ser levado a se recordar do que vivenciou e recalcou. Ao analista, cabe outro trabalho:

De tudo que é essencial aqui, o analista não vivenciou nem recalcou nada; não pode ser a sua tarefa lembrar algo. O que, então, é a sua tarefa? Ele terá de inferir o esquecido a partir de sinais por ele deixados, ou, mais corretamente, ele terá de *construir* o esquecido. Como, quando e com que explicações ele comunica suas construções ao analisando é o que estabelecerá a ligação entre as duas partes do trabalho analítico, entre a sua parte e a do analisando (FREUD, 2019 [1937b], p. 367).

O analisando lembra o que viveu, enquanto o analista levanta a história prévia do objeto psíquico, que é preservado, diz Freud. Ao comparar o objeto psíquico com o objeto do arqueólogo, afirma que ambos lidam com restos a partir dos quais fazem sua construção de algo que existiu. Mas os resquícios de que se serve o arqueólogo estão destruídos, enquanto que “como se sabe, duvidamos que qualquer formação psíquica realmente seja suscetível à destruição total. É apenas uma questão da técnica analítica saber se vamos conseguir trazer realmente à tona o que está oculto” (FREUD, 2019 [1937b], p. 369).

Para revelar o que está oculto, a partir da matéria-prima, o analista forja a construção, comunica ao analisando e espera que essa comunicação faça efeito sobre ele. Esse efeito é verificado se o analisando traz novo material psíquico. Assim como a interpretação, a construção busca como efeito a tecitura de associações. A diferença é que “interpretação se refere àquilo que fazemos com um único elemento do material, a exemplo de uma ocorrência [*Einfall*], um ato falho ou assemelhados. Mas falamos em construção quando apresentamos ao analisando um pedaço de sua história pregressa esquecida.” (FREUD, 2019 [1937b], p. 370).

Miller (1996) indica que se recorre à construção ao visar no inconsciente um ponto que não reaparece. Para este autor, “construção” é a palavra com que Freud designa a relação do analista com o que permanece recalcado, com o que o trabalho analítico não consegue restituir. Em um sentido, “construção” designa o método arqueológico do analista; em outro, a palavra trata da relação do analista com o recalcado originário. Miller afirma isso a partir do trecho em que se lê que “o caminho que começa com a construção do analista deveria terminar com a recordação do paciente; nem sempre ele vai tão longe. Inúmeras vezes não conseguimos levar o paciente à recordação do recalcado” (FREUD, 2019 [1937b], p. 376).

Este trecho vem justamente para dizer que mesmo que o analista tenha acesso a mais material de apoio, material vivo, para formular a construção, age inutilmente, diz Miller,

porque acontece que nem tudo pode retornar. Sobre a afirmação no texto de Freud, “como se sabe” (do trecho “como se sabe, duvidamos que qualquer formação psíquica realmente seja suscetível à destruição total”, citado acima), Miller (1996, p. 96) retira “de onde é que sabemos? É sobretudo dizer: no inconsciente tudo isso é sabido”. Há a suposição de que tudo fica escrito, não se apaga nunca, permanece sob o recalçamento no inconsciente. A construção, afirma Miller, é um simulacro da completude do inconsciente.

Freud define o inconsciente como “a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecida para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos.*” (FREUD, 2019 [1900], p. 666, grifo do autor). Portanto, em sua definição, o inconsciente não pode ser todo conhecido. Miller pergunta se é possível verdadeiramente recuperar a parte perdida e lembra que tanto em *Construções em Análise* quanto em *Análise finita e infinita* (FREUD, 2019 [1937a]), Freud está sempre às voltas com um resto que não pode ser expresso em palavras¹¹.

Por isso, chama a atenção, neste texto, o fato de Freud colocar em questão a verdade, tanto do analisando quanto da construção do analista. Ao dizer que o analisando pode rejeitar uma comunicação por ser ela incompleta, por abarcar somente um fragmento do acontecimento esquecido, ele compreende que “temos a liberdade de supor que o analisando, na verdade, não está renegando [*leugnet*] o que lhe foi comunicado, mas fundamenta sua oposição com base na parte ainda não revelada. Via de regra, ele só dará a sua concordância quando souber de toda a verdade.” (FREUD, 2019 [1937b], p. 372).

Miller entende que Freud se pergunta o que é a verdade em psicanálise e que seria mais atrativo chamar o texto *Construções em análise* de “A verdade em psicanálise”. A questão da verdade é central no texto. E o que se pode recolher é que Freud afirma que a construção só se mostra verdadeira na continuidade da análise. Não se sabe *a priori* se a construção corresponde à verdade histórica do analisando. Para Miller, o cerne da dificuldade que ocupa Freud é a inconsistência da verdade, e a segunda parte do texto mostra o analista e o analisando lutando com a verdade do inconsciente. O acerto ou o erro da construção, e da verdade histórica, não é verificado com a concordância ou a negativa do analisando, e sim,

¹¹ Cabe aqui colocar o que Miller (1996, p. 96) diz a seguir sobre este resto insignificável: “É por esta razão que Lacan escreve grande A barrado. Esta barra nunca se levanta completamente, é mesmo o que ele chamou de significante do Outro barrado. É aquilo que fica sempre defasado entre o todo e os pedaços. Se há alguma coisa que torna necessária a construção, é isso – S(A).”

mais uma vez, se o paciente produzir novas associações. Essa é a garantia do acerto da construção, a garantia da verdade.

As novas associações contêm confirmações indiretas do acerto da construção, como dizer jamais ter pensado nisso, a produção de um ato falho ou uma associação que contém algo semelhante ao conteúdo da construção. As confirmações indiretas tratam da “verdade da construção em função da resposta do inconsciente, a verdade segundo o inconsciente.” (MILLER, 1996, p. 103). O analisando não pode confirmar de maneira direta a verdade da construção, com um “sim” ou com um “não”, porque está sempre errado em sua relação com o inconsciente. “O que conta é o que surge ao lado. É o que Lacan chamará bem mais tarde de semi-dizer. Não se pode dizer a verdade, pode-se apenas semi dizê-la, esta já é a demonstração de Freud.” (MILLER, 1996, p. 95).

Tanto a interpretação quanto a construção têm como função dar lugar à verdade daquele que fala. E, neste ponto, se reflete sobre a importância do oráculo à psicanálise, porque a verdade oracular também concerne a algo muito próprio sobre aquele de que profetiza. O oráculo “não revela nem oculta” (LACAN, 2003 [1973]), p. 555), faz signo do real, e seu desaparecimento preocupa porque essa sua função mesmo, de dizer sem tudo revelar, tem perdido lugar na contemporaneidade. De maneira similar, a verdade, como é concebida na psicanálise, não permite um acesso fácil. “A verdade, nunca se pode dizê-la a não ser pela metade” (LACAN, 1992 [1969/1970], p. 36). Ela é a impotência e “o amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração” (LACAN, 1992 [1969/1970], p. 54). Se a verdade aparecer, deve ser pela metade para não se colocar, nos termos de Lacan, como gozo. Como um pássaro, ela levanta voo quando se tenta capturá-la. Como no sonho, se desperta quando ela está para aparecer. Como a Quimera, só irrompe em um meio-corpo e desaparece com a solução. Portanto, dizê-la, só é possível se meio-dita. Se não, pode ser *mal-dita*.

3.1 Verdade em psicanálise e delírio da humanidade

A interpretação, assim como a construção, serve para a continuidade do trabalho analítico. Mas se a interpretação permite uma representação por outra, a construção avança uma representação onde não se encontra nenhuma, e é acertada se possibilita o prosseguimento do trabalho de historicidade. Para Miller, ao refletir sobre a construção

errada, Freud mesmo põe em questão o conteúdo de saber da construção ao afirmar que tal conteúdo não ser verdadeiro não é grave e é possível que com a isca errada se pegue o peixe certo. Novamente, trata-se da aposta no inconsciente e na sua moção para se expressar por formações pré-conscientes. Miller pondera que está em questão o manejo do saber na experiência analítica. Não se trata da exatidão do saber, porque a verdade em psicanálise não pretende um saber irrefutável.

Depreende-se, então, que a interpretação em psicanálise busca dar lugar à verdade daquele que fala. Mas, pensando a castração como Freud a articula e a formulação de Lacan sobre a verdade, não se toma como possível dizê-la toda. A partir disso, disserta-se a seguir sobre como a proposição de uma verdade total, que tudo diga sobre a humanidade e sobre cada um, impõe um desafio àquele que se dedica à psicanálise. Este desafio é ético, concerne ao desejo em psicanálise como conceito central que não se limita à teoria, também é voto [*wunsch*] realizado em prática. Com a orientação de Freud e de Lacan, faz-se necessário compreender o empuxo ao ideal de uma verdade única, que obedece ao princípio do prazer, e sua armadilha para a interpretação psicanalítica.

Ao final de *Construções em análise*, Freud afirma que as formações delirantes dos doentes lhe parecem equivalentes das construções elaboradas nos tratamentos analíticos. Mas destaca que, *sob as condições da psicose*, são tentativas de explicação e reconstituição que só podem levar a substituir a parte da realidade que é renegada [*verleugnet*]. A seguir, no último parágrafo do texto, ele diz:

Se abarcarmos a humanidade como um todo e a colocarmos no lugar de cada indivíduo humano, verificamos que ela também desenvolveu formações delirantes inacessíveis à lógica e que contradizem a realidade. Se, mesmo assim, elas puderem expressar um extraordinário poder sobre as pessoas, a análise levará à mesma conclusão que no caso de cada indivíduo. Elas devem o seu poder ao teor de *verdade histórica* que foram buscar lá no recalque dos tempos primordiais esquecidos (FREUD, 2019 [1937^a], p. 379, grifos do autor).

Para Miller (1996), este final de *Construções em análise* tem uma visão surpreendente sobre os “delírios da humanidade”, que contradizem a realidade, mas exercem um império extraordinário sobre os homens por sua afinidade com a verdade recalcada, em sua tentativa de lidar com ela. Aproxima-se desses delírios o que propõe uma verdade como um todo, que a tudo pode responder. O parágrafo final é uma crítica à religião, inacessível à apreciação lógica. Crítica realmente feita por Freud (2020 [1930]) sete anos antes, ao dizer que cada um se porta como um paranoico ao corrigir o mundo intolerável por outro mais a fim aos próprios desejos, ou seja, com um delírio.

O caso que se pode reivindicar uma importância especial é o de que um número maior de pessoas empreenda conjuntamente a tentativa de criar para si uma garantia de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de uma reconfiguração delirante da realidade. Podemos caracterizar também as religiões da humanidade como um delírio de massa dessa ordem. (FREUD, 2020 [1930], p. 327).

Em *Mal-Estar na Cultura* (2020 [1930]), Freud aborda o sentimento de ligação e pertencimento à totalidade que a religião propicia aos homens. Tal sentimento remete a uma completude subjetiva almejada pelo desamparado, sentimento muito estranho à teoria psicanalítica, que em toda sua trajetória abarca os diversos conflitos econômicos, tópicos e dinâmicos que acometem cada um. Freud não consegue se convencer da presença desse sentimento e inicia sua elaboração contrastando-o com o sentimento seguro da existência do próprio Eu, em oposição ao mundo externo.

Esse sentimento de pertencimento não existe desde o início da vida. A oposição entre um Eu e um objeto se dá gradualmente pelas sensações contínuas, vindas do corpo, que posteriormente será reconhecido como próprio, em contraste com as que lhe são retiradas, como o seio. Outro impulso para a diferenciação são as frequentes sensações de dor e desprazer que o princípio do prazer tenta conter. Tudo que cause tensão, desprazer, é isolado pelo Eu como algo de “fora”, para assim formar um Eu-de-prazer (*Lust-Ich*) contraposto a um fora alheio e ameaçador.

Freud segue sua discussão dizendo que essa necessidade de um sentimento de pertencimento se deve ao desamparo infantil, que se pode entender como remetido à castração, e à necessidade de um pai. Não é fácil ser feliz, e três são as fontes de mal-estar na cultura: “o poder superior da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos seres humanos entre si na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 2020 [1930], p. 332). Considerando as exigências ideais da sociedade de cultura, Freud trabalha uma delas, mais antiga que o cristianismo e, por esta religião, anunciada também: “amarás o próximo como a ti mesmo”. Freud afirma ser essa exigência ideal estranha aos homens, na verdade, pois o amor é algo precioso que não se pode descartar irresponsavelmente.

Quando amo uma pessoa, ela tem de merecê-lo de alguma maneira [...]. Ela irá merecê-lo se for tão *semelhante a mim* em aspectos importantes que nela eu possa *amar a mim mesmo*; irá merecê-lo se for mais perfeita do que eu que nela *eu possa amar o meu ideal de minha própria pessoa* (FREUD, 2020 [1930], p. 360, grifo nosso).

Portanto, se a outra pessoa for minha desconhecida, trazer uma diferença que abale a totalidade pretendida com as representações, será difícil amá-la, pois a função da pessoa objeto de amor é reforçar o Eu-de-prazer, correspondendo positivamente aos meus ideais constituintes. Aqui, vê-se a face do amor que opõe-se aos interesses da cultura por seu objetivo de fazer um com o que é semelhante, sem deixar restar interesse pelo mundo ao redor. Como já colocado, uma interpretação orientada pelo reforço do prazer, e que por isso reforça o Eu e o ideal, deixa de lado algo importante que concerne à pessoa e exige atenção.

A impossibilidade de amar o próximo desconhecido vai além, adquire gravidade. O desconhecido é *estranho*, não só não é digno de ser amado por mim, como ele tem direito à minha hostilidade e ao meu ódio. Freud anuncia que o humano não tem natureza pacata, ávida de amor, e sim uma poderosa inclinação para a agressão entre suas habilidades pulsionais.

Em consequência disso, o próximo não é, para ele, apenas um possível colaborador e um objeto sexual, mas também uma tentação à agressão, de explorar a sua força de trabalho sem uma compensação, de usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar de seus bens, de humilhá-lo, de lhe causar dores, de martirizá-lo e de matá-lo (FREUD, 2020 [1930], p.363).

Quando Freud se detém, horrorizado, ante o mandamento do amor ao próximo, surge a presença da profunda maldade que habita no próximo (LACAN, 2008 [1959-1960]). Esse desconhecido também não apresenta amor por mim e pode ter as mesmas tentações agressivas contra a minha pessoa. Com os semelhantes, é possível se reunir segundo o mesmo bem. Com o próximo, não há essa garantia.

Nesse ponto, freudianamente falando, o sujeito depara com o *enigma do gozo do Outro* - não do prazer, que é apenas a evitação do desprazer, segundo a lei do bem, mas daquilo que Freud denomina *mais- além do princípio do prazer*, ou seja, em bom português, o gozo.

É esse o lugar da interrogação freudiana, na medida em que o gozo do Outro (genitivo subjetivo), ao me concernir, pode implicar, como consequência, o que é totalmente diferente de meu bem, isto é, meu *mal* (JULIEN, 1996, p. 43, grifos do autor).

A inclinação à agressão perturba a relação com o próximo em sociedade e por isso há estímulos às identificações e às ligações amorosas, inclusive as ligações amorosas inibidas em sua meta, como as amizades, o trabalho e os grupos sociais. Elas reforçam um círculo social mais restrito, possibilitam que a pulsão encontre sua meta na hostilização dos que não pertencem ao grupo de identificação. “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (FREUD, 2020 [1930], p. 366).

A isso, Freud dá o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, exemplificando com a hostilização mútua entre espanhóis e portugueses, alemães do norte e do sul, ingleses e escoceses. E tal pulsão de agressão deve ser remetida à Pulsão de Morte, nunca encontrada em expressão pura, sempre manifestada junto de Eros.

Freud estabelece bases para a compreensão psicanalítica de horrores vistos nas guerras e das divisões e segregações que não cedem com o desenvolvimento da cultura. Esta encontra, na inclinação à agressão, seu obstáculo mais poderoso, mesmo que, a serviço de Eros, ela sirva para “agrupar indivíduos humanos isolados, mais tarde famílias, depois tribos, povos, nações, em uma grande unidade, a humanidade” (FREUD, 2020 [1930], p. 375).

A psicanálise apresenta uma leitura de que o ódio ao diferente decorre daquele desprazeroso e estranho um dia remetido para “fora” e localizado no próximo. A isso, Lacan dá o nome de êxtimo, algo da ordem do real que atacará cada um em seu mais íntimo, por decorrer desse seu mais íntimo mesmo. Remetido para fora, permanece particular e também inominável. Acossa sempre aquele que fala e faz ruído na análise, provocando uma interpretação que não legitime o ódio ao outro por compreender que esse ódio é contra algo que é também do que fala.

3.2 A interpretação como *circare*

Para captar o movimento da investigação freudiana, lembra-se que o princípio de realidade não deve ser entendido como prolongamento e aplicação do princípio de prazer tão somente. São dois polos irredutíveis um ao outro, que remetem um ao outro, nos diz Philippe Julien (1996), que em seguida questiona:

Que é a *realidade*? Não a realidade social em geral, nem os costumes aceitos desta ou daquela cultura, nem a realidade física inscrita pela ciência.
Trata-se, inicialmente, desse Outro com que lidamos desde a infância, um Outro que Freud chamou de “a Coisa” (*das Ding*) ou o “próximo” (*Nebenmensch*).
(JULIEN, 1996, p. 42).

A *Coisa* freudiana, *das Ding*, é nomeada por Freud no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1969 [1950-1895]). Lacan a resgata em seu sétimo seminário para tratar da condição humana e seu desejo, e delimitar a ética na Psicanálise. Na experiência primordial de satisfação, se desenha o desamparo inicial dos seres humanos, “fonte primordial de todos

os motivos morais” (FREUD, 1950 [1969], p. 431) porque a partir de então o sujeito humano está “indelevelmente marcado pela relação com o outro” (RINALDI, 1996, p. 47). A necessidade do outro para se satisfazer, satisfazer as próprias necessidades e obter a redução de tensão estabelece um laço. “É o próprio laço social que tem aí sua origem, instaurando-se nele a regulação moral” (RINALDI, 1996, p. 49).

Ao abordar novamente a experiência de satisfação a partir da ajuda alheia e a função de comunicação da mudança interna da criança, que chama a atenção de alguém próximo, Freud diz que no início da função judicativa, as percepções despertam o interesse do lactente devido a sua possível conexão com o objeto desejado, e nesse momento “seus complexos são decompostos num componente não assimilável (a coisa) e num componente conhecido do ego” (FREUD, 1950 [1969], p. 491).

Este é o complexo do próximo [*Nebemensch*], em que surge tanto a coisa, *das Ding*, o elemento hostil, que passa a caracterizar o objeto, quanto o reconhecimento do que permite a satisfação nesse objeto. E Lacan trabalha longamente *das Ding* devido a sua relação crucial com o desejo, com a hostilidade ao próximo e com a ética.

No julgamento do complexo do objeto, este é dividido em duas partes. Uma é o que pode ser formulado como atributo que passa a ser investido e “constitui as *Vorstellungen* primitivas em torno das quais estará em jogo o destino do que é regulado segundo as leis do *Lust* e do *Unlust*” (LACAN, 2008 [1959-1960], p. 67). Philippe Julien (1996) descreve da seguinte forma: a primeira face do Outro é feita à nossa imagem e semelhança e cremos que ela me compreende tal como a compreendo. Já o elemento estranho por natureza isolado pelo sujeito no *Nebemensch* é *das Ding*. A outra parte dessa divisão original é algo do sujeito que é levado ao exterior por ser estranho e hostil, “além do semelhante. É o próximo propriamente dito, o Outro inominável, fora de significado, estranho e estrangeiro a mim mesmo, imprevisível – digamos, incompreensível, no sentido etimológico: aquilo que não posso circunscrever” (JULIEN, 1996, p. 42).

O que fazer desse Outro que aparece sob o signo do capricho, do livre-arbítrio, que não dá garantias? O princípio do prazer, conforme as leis do significante,

rege a busca do Outro como objeto, girando em torno dele: buscar é *circare*, delimitar girando em torno de. Será para encontrá-lo? Muito pelo contrário, é para perdê-lo ao representá-lo, isto é, ao substituí-lo por um significante. Trata-se com isso de instaurar uma distância, uma reserva graças a essa perda do objeto, perda que se consoma na medida em que o objeto só é encontrado em seu representante (JULIEN, 1996, p. 42).

A tentativa de significar esse Outro contornando-o “é em torno do que se orienta todo encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a quê? – ao mundo dos desejos” (LACAN, 2008 [1959-1960] p. 69). O desejo se articula a partir de *das Ding*, conformado às leis da fala. Não há demanda nem fala sem a distância que marca a perda do objeto primeiro, reencontrado no máximo como saúde, porque não é ele que se reencontra, mas suas coordenadas de prazer (LACAN, 2008 [1959-1960] p. 68).

O sujeito se orienta para reencontrar *das Ding*, e isso faz sua ética porque ele se constituirá na tentativa de nomeá-la, contornando-a em sua busca. Ela é o ponto inicial da organização do mundo no psiquismo e em torno do qual se faz o processo adaptativo, mas jamais permitirá a total adaptação. Em referência a ela, se constitui o próprio eu e suas neuroses, e não pelo Bem ou pela Razão. A tendência a reencontrar, que funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto, se identifica com *das Ding*, que sempre será alheia, distante, e vazia de significação, de sentido.

Para Rinaldi (1996), *das Ding* fundamenta uma alteridade radical, sem possibilidade de assimilação no reconhecimento do próximo, e comanda o desejo do sujeito. Em torno desse vazio se centra a ética da psicanálise como ética do desejo, pela afirmação da diferença que não suporta nenhuma universalização moral.

De acordo com Vieira (2001), os dizeres do homem se articulam ao valor que Lacan nomeia por desejo, conceito que articula os elementos que entram em jogo na discussão sobre a ética da psicanálise e permite conferir tratamento discursivo a *das Ding*, interrogando as relações do desejo com o que ex-siste à cadeia significante. “O desejo em psicanálise aponta, então, o horizonte ético da insondável decisão do ser, desnudado de suas vestes semânticas” (VIEIRA, 2001, p. 121).

Sobre o desejo que aponta para o que é insondável pelo significante, daquilo que o sujeito não consegue dizer mesmo em seu esforço ético de significar, Lacan diz:

trata-se de uma verdade que vamos procurar no ponto de sonegação do sujeito. É uma verdade particular. [...] ela se apresenta, para cada um em sua especificidade íntima, com um caráter de *Wunsch* imperioso [...].

Esse *Wunsch*, nós o encontramos, em seu caráter particular irreduzível, como uma modificação que não supõe outra normatização senão a de uma experiência de prazer ou de penar, mas uma experiência derradeira de onde ele jorra, e a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irreduzível. O *Wunsch* não tem o caráter de uma lei universal, mas, pelo contrário, de uma lei mais particular – mesmo que seja universal que essa particularidade se encontre em cada um dos seres humanos. (LACAN, 2008 [1959-1960], p. 35).

Assim, a ética que legisla a prática psicanalítica não é a mesma de Aristóteles, que levará aquele que seguir *seu* caminho à felicidade, ao Bem Supremo, ou de Kant, do imperativo categórico da razão. Ela se relaciona com o desejo que faz o sujeito se interrogar sobre o que ele quer e não sobre o que convém socialmente ou para aplacar sua culpa. O imperativo a que responde é *Wo Es war, soll Ich werden*: “lá onde isso estava, como sujeito, devo [eu] advir”. Imperativo que tanto o trabalho analítico quanto o próprio sujeito avaliam, em sua interrogação, sobre o que deseja, apesar da exigência feroz do supereu.

Em contraste a tal ética, a prática americana da psicologia do eu, dos pós-freudianos, orientada à normatização (que o desejo não supõe), seguramente comporta uma certa implicação moral assim questionada por Lacan: “a perspectiva teórica e prática de nossa ação deve reduzir-se ao ideal de uma harmonização psicológica?” (2008 [1959-1960], p. 354).

Aqui cabe falar de Estraven, personagem de *A mão esquerda da escuridão* (1969 [2019]), de Úrsula K. Le Guin. Pelo enredo, há no universo uma sociedade entre planetas, o Ekumen, que visa o comércio e a cooperação. O Ekumen envia um representante seu a cada planeta para explicar seu objetivo e convidar o planeta a participar da sociedade. O primeiro representante enviado a um planeta, sendo estranho, comumente é ou morto ou considerado louco – atitude bastante condizente com o ódio ao outro descrito por Freud. Das muitas histórias contadas na obra, destaca-se a de Estraven, um estrangeiro por excelência, sempre estranho.

O Ekumen envia Genly Ai a Gethen, planeta dividido em muitos reinos e territórios, inimigos entre si. Em todos, Genly Ai é visto com desconfiança, mas ele encontra apoio em Estraven, nobre do reino de Tarth e conselheiro do rei. Estraven tem uma origem peculiar: na fronteira entre os domínios inimigos de Stok e Estre, que disputam terras férteis, seus herdeiros se encontram por acaso e concebem Estraven. O herdeiro de Estre é morto por homens de Stok, e Estraven é entregue ao rei de Estre, onde cresce. Perseguido por homens de Estre, seu próprio reino, mata três deles para se defender. Quando descobre sua origem, sela a paz com Stok e, ao se tornar rei, encerra a velha rixa abrindo mão de metade das terras do domínio. Por isso e por ter matado três de seu reino, é chamado de Estraven, o Traidor. Ainda assim, seu nome passou a ser dado a crianças do domínio.

Estraven viaja por Gethen e se torna conselheiro no reino de Tarth, que também possui disputas por domínios em suas fronteiras. Em uma conversa com Genly Ai, relata uma disputa de terras na fronteira de Tarth e tenta resolvê-la tirando os moradores de lá, para deixar as terras para o outro domínio. Afirma que não gosta de pensar que eles podem ser atacados e mortos, e tenta evitar a disputa. Contudo, essa ideia não é vista como patriótica, mas como

covarde. Estraven entende que, fazendo isso, ele não está agindo patrioticamente – que ao lutar contra o medo, não possui amor pela pátria. “– Não, não quero dizer amor, quando falo em patriotismo. Quero dizer medo. Medo do outro. E suas expressões são políticas, não poéticas: ódio, rivalidade, agressão. Cresce dentro de nós esse medo. Cresce dentro de nós ano após ano” (LE GUIN, 2019 [1969]).

Estraven nasce em uma condição de exceção, no amor que se dá no âmago do ódio. Sendo estranho em sua origem mesmo, não é reconhecido em nenhum dos lugares por onde passa, mas luta pela paz de todos. Na condição de odiado, sempre exilado, como *das Ding*, Estraven age por uma extimidade, sendo um estranho que tenta comover certas articulações entre os diferentes. Seu desejo é pela vida, é por extinguir, senão as diferenças, as agressões. Ao fim, ele se lança à morte, novamente em uma fronteira, ato que encerra as rivalidades daquele momento e possibilita a entrada de Gethen no Ekumen, estabelecendo um novo laço social.

Com *das Ding* enquanto um vazio de significação que inaugura a organização psíquica do sujeito e, portanto, sua ética, os psicanalistas têm algo singular como um dos norteadores de sua teoria, sua prática e, assim sendo, de sua ação. A direção do ato psicanalítico é dada por uma ética mais além de um mandamento declarado, de um saber, de uma ordenação colocada a priori. É da ordem da lei, mas das leis não escritas, não articuladas em significantes, e por isso pode não ser consciente. O ato advém de um desejo de morte e com ele ultrapassa-se um limite, um limite fatal, porque traz consequências que impedem o retorno a um estado anterior. Com o ato, a despeito do que possa acontecer, o sujeito opera um corte e mantém o valor de seu ser porque é em algo seu, mais particular, que o ato está enraizado. “A análise é a experiência que voltou a favorecer, no mais alto grau, a função fecunda do desejo como tal. A ponto de se poder dizer que, em suma, na articulação teórica de Freud, a gênese da dimensão moral não se enraíza em outro lugar senão no próprio desejo” (LACAN, 2008 [1959-1960], p. 13).

Encerra-se essa discussão com uma consideração sobre a afirmação de Lacan (2008 [1964], p. 58) de que “*a vida não é um sonho*”, em referência à obra escrita em 1635, *A vida é sonho* (2009) de Calderón De La Barca. Na peça, o protagonista Segismundo não sabe o mal que cometeu, além de ter nascido, como todo desamparado, para estar encerrado em uma torre. Não sabe de seu parto envolto de presságios de que seria o homem mais atrevido, o príncipe mais cruel, o monarca mais terrível e que por isso seu pai, Basílio, rei da Polônia, destinou-o à prisão.

Em dúvida sobre seu ato, Basílio decide libertar seu filho, já aos vinte anos, e colocá-lo no lugar de rei, para descobrir se ele confirma ou desmente seu destino. Faz isso embebedando Segismundo para que, ao despertar em um quarto majestoso, considerasse ter sonhado sua prisão. Agindo como soberbo, ousado e atrevido, novamente ao dormir, seria levado à clausura onde, despertando, pensaria que seu dia de rei fora um sonho.

Como rei, ao se saber negado pelo pai, Segismundo é grosseiro e desmedido, e, por isso, reenviado à torre. Ali, desperta dizendo que sonhara ser o senhor de todos e que isso que crê ser verdade, acabou. Arremata ao afirmar que viver é sonhar, e que o homem que vive sonha o que é até despertar.

A peça dá a ver o despertar de Segismundo em uma realidade, a realeza, para escapar de outra, a prisão. Em uma leitura, ante o insuportável do reproche do pai e da violência revelada, dorme-se nessa realidade para retornar à primeira, a da torre encantada. Da mesma forma, o pai do filho morto, na realidade do sonho, ante o reproche insuportável do filho, desperta para outra realidade, a vigília – talvez, também sonho, por envelopar o inassimilável do real da morte em representações – onde pode se sustentar, em aparência, em uma relação com alguma representação. No ponto em que, dormindo, quase se alcança o que é mais próprio e real de si, é quando mais se está desperto para a realidade de si mesmo. Ao acordar e fazer a interpretação do conteúdo onírico para o conteúdo latente – o relato do sonho –, ou ao acordar e envolver as impressões do sonho em representações, fecha-se os olhos para isso de si que muito aterrorizou por ser irrepresentável.

O inconsciente procede por interpretações para se manifestar em formações orientadas pelo princípio do prazer, formações que podem proceder por tapeações quando embrulham o mais próprio de cada um em um *autômaton* de retorno, de volta, de insistência de signos que comandam pelo princípio do prazer o cuidado em não fazer aparecer o real que vige por trás desse *automatôn* (LACAN, 2008 [1964]).

No sonho, é ao se chegar muito perto desse real de si, não submetido à interpretação, que se desperta. Os reproches aqui frisados não têm mediação possível pela interpretação do sonho, rompe-se o compromisso pelo sono, e se desperta para outra realidade em que as representações, o aparelho simbólico, cuidam para velar o encontro com o real remetendo-o novamente ao seu lugar por trás das fantasias, dos sintomas.

Mas se a psicanálise é, à primeira vista, propícia a dirigir o analista a um idealismo, um sonho de aperfeiçoamento, Lacan defende que “nenhuma praxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (LACAN, 2008 [1964], p. 58), o que significa que os analistas, por princípio, não podem se deixar tapear pelo

que quer que mascare a verdade daquele que fala. Mesmo que essa não possa ser toda dita, plenamente positivada, precisa ser sustentada. Ante, por exemplo, a insatisfação eterna dos neuróticos, com suas demandas que repetidamente dão no mesmo fracasso, mas não cessam de ser reiteradas, atesta-se que “o real não está aí de imediato e que suas incidências não são garantidas. O sujeito pode passar a vida inteira sem se defrontar com algo deste ponto onde sua volição e seus desígnios são efetivamente derogados” (COSTA-MOURA; SILVA, 2008, p. 379).

Para além do sonho que a vida é, para Segismundo, na qual ele quer se encerrar para nublar o terror que encarou, há uma realidade, representada pelos soldados que o buscam na torre encantada. Ele se afirma em sonho e pretende voltar a dormir para nada saber da denegação do pai, mas os soldados o convocam a encará-la e agir apesar dela – e não sem ela. A escolha de Segismundo, uma vez desencadeada suas forças e sua fúria, resulta em ter prudência e temperança, dominar seu destino sem negar sua sanha, e dar a mão ao pai.

À interpretação psicanalítica cabe sustentar o inassimilável que constitui aquele que fala porque seu advento não comporta tal disjunção. Não se fecha os olhos para o que se pretende *tiquê, encontro do real*, que anima o retorno em uma demanda do novo, que não tem garantias de ser satisfação, resposta provinda de instância homogênea, identitária. Pelo contrário, isso a que a interpretação pode dar lugar implica mais a perda, verificada pela incidência da subtração fundante de *das Ding*. “É nesse campo que se articula o impossível de que fala Lacan, o impossível que emerge quando se pode extrair os efeitos do vazio que desemparelha inelutavelmente demanda e satisfação” (COSTA-MOURA; SILVA, 2008, p. 381).

CONCLUSÃO

Não devia de estar relembrando isto, contando o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isso mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala? (ROSA, 2021, p. 41)

Após percorrer a obra freudiana em busca do que norteia a interpretação, ouve-se melhor Lacan (1998 [1953]) quando ele fala da necessidade de refazer a descoberta freudiana. Ela formula um desafio que instiga e, se aceito, constitui um esforço que leva a caminhos mais delineados pela Psicanálise. Possivelmente se pode concluir isso. Dissertar sobre a interpretação permite um percurso que se almeja feito com rigor e orientação, mas, cabe lembrar, não se encerra com isso uma construção em Psicanálise, porque em seu cerne está o desejo, que não se esgota. Aliás, sobre o desejo, cabe dizer que Sérgio Laia (2019), em uma discussão sobre a aproximação que Heidegger faz sobre os termos *fundamento* [Grund] e *abismo* [Abgrund], entre o que funda e ao mesmo tempo se esvai, diz que Freud não explora tal aproximação mas levanta a hipótese “de que ele a realiza em ato, ao inventar a clínica psicanalítica e desejar fazê-la chegar até nós de modo que *também passemos a desejá-la* e fazer com que ela continue se transmitindo às gerações futuras” (LAIA, 2019, p. 388, grifo nosso).

A dissertação apresentada procurou vislumbrar como a obra de Freud propõe a interpretação e a busca de seus efeitos, a continuidade da associação e alguma expressão do que é próprio daquele que fala. Extrai-se que há uma proposta para ouvir o que se descola do que o paciente diz, está ali, mas não se diz senão entre ditos, na repetição, o que está entre o que se diz de novo e escapa porque quer dizer mesmo do desejo, do próprio núcleo do ser. Isso que quiçá é entreouvido, entre tantos retornos e ritornelos, deve ecoar na interpretação.

Quem sabe, possa emergir um sentido nos sintomas e nos sonhos pela fala de quem os tem, desde que deles se queira dizer e saber. O sintoma, os sonhos, os atos falhos, manifestações de um outro em si que é o si mesmo, têm sentido – o do desejo – e “a interpretação, em seu termo, aponta o desejo, ao qual, em outro sentido, ela é idêntica. O desejo é, em suma, a própria interpretação” (LACAN, 2008 [1964], p. 173).

Problema: um sentido leva sempre a outro sentido, o que mostra que decifrar é cifrar novamente porque o furo do desejo sempre se impõe ao trabalho psicanalítico. Topa-se com esse irreduzível do desejo, não só na afirmação sobre o umbigo do sonho, centro incógnito, mas ao se retomar a *bruxa*, a metapsicologia (FREUD, 2019 [1937^a]), necessária, enfatiza o mestre, porque sem especulação metapsicológica e teorização, não se avança um passo sequer. Com a bruxa se apreende sobre a constituição do aparelho psíquico, do desejo e da pulsão e que, o que se tem de notícias desses processos internos chegam à consciência por palavras, e por elas se age na interpretação.

Contudo, há o não domado por palavras, o *daimoníaco*, aquele inesquecível que tomou Santa Teresa D’Ávila e que toca todos – mas faz gozar poucos, possivelmente santos.

A pulsão é a perturbadora incidência do “fator quantitativo”, determinante para o que em uma análise pode comportar de infinito porque, se às vezes ela comporta desligar a influência da intensificação da pulsão, isso não se dá com regularidade. De acordo com Laia (2019), se há uma ineficiência na clínica psicanalítica para os sintomas a ela endereçados, ela é tida a partir da ausência de regularidade, decorrente da impossibilidade de se desligar o impacto da pulsão dos corpos. Mas “essa ausência de regularidade quanto a tal desligamento ou, mais ainda, a impossibilidade de operá-lo designam efetivamente o que a vida tem de perturbador e de perigoso, bem como o que a clínica analítica não pretende eludir de seus fundamentos e de seus procedimentos” (LAIA, 2019, p. 399).

Se o esforço ético em Psicanálise é construir a partir do perturbador, ele resta como questão para uma futura construção como o analista, em seu desejo. Maneja para que aquele que fala tome por encargo o apelo *Wo Es war, soll Ich werden*, manejo que não se faz pelo sentido, e sim operando “com a vida e para a vida, mas não sem desconhecer, enfrentar e localizar o que é mortífero e letal” (LAIA, 2019, p. 396).

O desejo, núcleo do ser e da ética da Psicanálise, sendo vazio e fiança do resto, não se iguala ao Bem, ou ao Bom. Seria mais fácil concordar com Aristóteles? Senão a repressão, seria ao menos o engano pelo que retiramos da obra de Freud, com o retorno de Lacan feito a ela. Engano para quem quer vê-lo, claro. Enquanto se trata do bem, afirma Lacan (2008 [1959-1960], p. 223), não há problema. O Bem, o nosso e o do outro, é feito do mesmo pano,

e este deve ser espalhado para que não se sinta frio, pertence ao outro, pertence a mim. Pelo bem, cabe dá-lo. Ou compartilhá-lo. Belo o gesto de Martinho, quando, em sua ronda noturna, deu a exata metade de seu manto ao mendigo ao vê-lo com frio e quase nu. Tornou-se *São*. Mas seria o manto o almejado pelo mendigo ao seu desejo?

A morte ou o sexo poderiam ser os votos do necessitado, mas era preciso admiti-lo como desejante marcado por uma castração, mais do que por uma necessidade. O desejo é uma diferença absoluta, que Martinho não pode divisar por se guiar pelo que é o conforto desejado para ele mesmo. O bem dos outros é um bem se à imagem do meu próprio.

Adverte-se o analista desse equívoco, espera-se que ele sustente tal diferença absoluta. Nada de pretensões edípicas, isso já foi alertado: responder à Quimera traz consequências contrárias ao desejo, traz a condenação. Salvação no caso de São Martinho, que teve a Revelação após resolver o que ele representava como paixão (LACAN, 2003 [1969]). Aos trabalhadores formados na Escola de Freud, oferece-se a falta como lugar de possibilidade.

Coitado do mendigo, então, que recebeu meio manto de São Martinho, ficando meio aquecido com nada de si dito? Pela clínica com as miseráveis histéricas, miseráveis, como o mendigo, porque desvalidas em sua fala, Freud arrematou o inconsciente. Este, que Lacan define como a interpretação mesmo. Aqui, só agora, uma definição de interpretação, de dicionário:

A) Destaque, pela investigação analítica, do sentido latente nas palavras e nos comportamentos de um sujeito. A interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo, e em última análise, tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção inconsciente.

B) No tratamento, comunicação feita ao sujeito, visando dar-lhe acesso a esse sentido latente, segundo as regras determinadas pela direção e evolução do tratamento (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 245).

A primeira definição remete ao desejo inconsciente. A segunda, à intervenção do analista. Primeiro, a interpretação do inconsciente, depois a interpretação do analista. Miller (1996b) articula a interpretação nessa ordem também, mas por uma precisão: a interpretação é primordialmente do inconsciente, é o inconsciente que interpreta – a interpretação analítica vem em segundo lugar e é fundada na interpretação inconsciente, inscreve-se no mesmo registro e é constitutiva desse registro.

O analista, para Miller, não faz outra coisa que não o que o inconsciente faz e por isso se inscreve em continuação a ele. O analista, se interpreta, o faz em continuação ao inconsciente, levando-o a passar de seu estado selvagem ao perlaborado. Ressoa, alude ou

subentende porque o inconsciente mesmo, querendo ser interpretado, ressoa, alude, faz subentender.

Miller lembra que toda a teoria da interpretação não teve nunca outro objetivo que não o de ensinar a falar com o inconsciente. O analista faz ressoar o inconsciente de tal modo que faz aquele que fala falar mais consigo mesmo. É do que se dá conta Riobaldo, ao conversar com um amigo, mas estranho, sobre o sombrio das coisas: “Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo.” (ROSA, 2021, p. 41). Falar permite a composição da própria história, que, no caso de Riobaldo, é a história da própria travessia pela vida em *Grande sertão: veredas*. Mas é preciso um estranho para estabelecer a prosa e, nela, o que surge? O que é ruim, dentro da gente, que se intenta afastar de si, talvez tornando-o pior, mau. Pela teoria e pela clínica psicanalítica, muito se fala tentando tornar o que se arreda mais de si algo de si mesmo, mesmo que nunca de todo reconhecido. Então, em um movimento de balança, o analista busca esse não reconhecido para que aquele que fala, que se equivoca e fracassa, aceda a isso e dê um lugar a ele.

Pelo desenvolvimento da teoria da interpretação, principalmente a partir do manejo da resistência e levando em conta a posição que o analista deve ter, a interpretação possui um tempo para ocorrer. Ela não deve ser feita antes da transferência se estabelecer, antes do analista ser inserido em uma das sequências psíquicas que aquele que sofre formou e atualiza naquele momento (FREUD, 2019 [1912]) pela repetição. Como visto, a insatisfação engendra a repetição, e a moção que quer se satisfazer pode se ligar ao analista por uma representação dirigida a ele. Lacan até escreve isso em uma fórmula! A transferência tem fórmula e é ainda amor, do qual não se trata de aceitar ou recusar. Em mais uma referência mítica, Freud (2019 [1915]) diz desse amor como um espírito do submundo que, invocado para que venha à superfície, não pode ser enviado de volta sem que seja feito a ele ao menos uma pergunta. “O tratamento psicanalítico se constrói sobre veracidade” (p. 171) e o amor não tem menos verdade aqui.

Trata-se de técnica psicanalítica, que estabelece uma lei para quem a pratica, como a de não abrandar a necessidade e o anseio de quem fala com substitutos. Eles devem ser mantidos. Esse amor, a transferência, deve ser o primeiro objetivo do tratamento (FREUD, 1969 [1913], pg. 182). Lacan (2003 [1972], p. 252) corrobora Freud dizendo que “no começo da psicanálise está a transferência”, e, transferência e posição do analista se colocam como tema de pesquisa quanto à questão da interpretação em um futuro trabalho.

REFERÊNCIAS

ARENAS, G. *La estructura lógica de la interpretación*. Olivos: Grama Ediciones, 2018.

ARISTÓTELES. (s/d) De Interpretatione. In: BARNES, Jonathan (ed.). *The complete works of Aristotle – volume one*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. *Os poderes da palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1996.

BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

COSENTINO, J. C. Construcción de los conceptos freudianos. Buenos Aires, Argentina: Manantial, 1996.

COSTA-MOURA, F.; SILVA, M. E. A. Função ética do real e advento do sujeito. In.: ELIA, L.; MANSO DE BARROS, R. M. (orgs.). *Estrutura e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/UERJ, 2012.

DARRIBA, V. et al. Algumas evidências da fundação ética da psicanálise em ‘A psicoterapia da histeria’. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 32, p.171-180, nov. 2009.

DE LA BARCA, C. *A vida é sonho*. São Paulo: Hedra, 2009.

FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud e Marx. In.: *Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo; Nietzsche, Freud e Marx; Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Landy Editora, 2005.

FREUD, S. (1895). *Obras completas, volume 2: estudos sobre a histeria em coautoria com Josef Breuer*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2016.

_____. (1896). Manuscrito K (As neuroses de defesa). In.: _____. *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1897a). Carta 66. In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud. Volume I*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. (1897b). Carta a Fließ 139 [carta 69]. In.: _____. *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1900). *Obras completas, volume 4: a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. (1905). Sobre psicoterapia. In.: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. (1912). Sobre a dinâmica da transferência. In.: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1913). Totem e Tabu. In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. (1914). Lembrar, repetir e perlaborar. In.: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1915 [1914]). Observações sobre o amor transferencial. In.: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. (1923). O Ego e o Id. In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XIX*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. (1924). O declínio do complexo de Édipo. In.: _____. *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1930). O mal-estar na Cultura. In.: _____. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. (1937a). Análise finita e a infinita. In.: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1937b). Construções em análise. In.: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1950). Projeto de uma psicologia científica. In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana, vol. 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

JULIEN, P. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1996.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1972-1973). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. O umbigo do sonho é um furo. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 82, p. 13-20, abr., 2020.

_____. (1953-1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. (1954-1955). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. (1955-1956). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. (1958-1959). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. (1959-1960). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967. In.: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. (1969). O ato psicanalítico. In.: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. (1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In.: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LAIA, S. Prefácio: orientação freudiana. In.: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILLER, J.-A. La interpretación al revés. In.: MILLER, J.-A. *Entonces: "Sssh..."*. Barcelona/Buenos Aires: Eolia, 1996a.

_____. Marginalia de "Construções em análise". *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 17, p. 92-107, nov., 1996b.

_____. *Un esfuerzo de poesía*. Buenos Aires: Paidós, 2016.

PROUST, M. *No caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.

RICOEUR, P. *Freud: una interpretación de la cultura*. Siglo XXI editores: Ciudad de México, 2007.

RINALDI, D. *Ética da Diferença*. Rio de Janeiro: edUERJ: Jorge Zahar Ed., 1996.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

SILVA, M. E. A. Notas acerca do inconsciente. In.: MONTEIRO, A. C. L. (org.). *Processos psicológicos [recurso eletrônico]: perspectivas situadas*. Niterói: Eduff, 2020.

SOLER, C. A oferta, a demanda... e a resposta. *Stylus Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 26, p. 15-32, 2013.

_____. Interpretação: as respostas do analista. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n.13, p. 20-38, 1995.

SPIEGELMAN, A. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VALAS, P. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

VIEIRA, M. A. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.